

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA EM  
REDE NACIONAL PROEF

EDEVALDO GONÇALVES SIQUEIRA

**A DANÇA DE SIRIRI E SUAS POSSIBILIDADES NA ESCOLA: O MODO COMO  
O ALUNO SE IDENTIFICA COM A CULTURA POPULAR LOCAL**

CUIABÁ – MT  
2023



EDEVALDO GONÇALVES SIQUEIRA

**A DANÇA DE SIRIRI E SUAS POSSIBILIDADES NA ESCOLA: O MODO COMO  
O ALUNO SE IDENTIFICA COM A CULTURA POPULAR LOCAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF da Universidade Federal de Mato Grosso, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Educação Física. Área de Concentração: Educação Física Escolar. Linha de Pesquisa: Educação Física no Ensino Fundamental.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Carrilho Romero Grunnenvaldt

CUIABÁ – MT  
2023



## FICHA CATALOGRÁFICA

### Dados Internacionais de Catalogação na Fonte.

S618d Siqueira, Edevaldo Gonçalves.

A dança de siriri e suas possibilidades na escola [recurso eletrônico] : o modo como o aluno se identifica com a cultura popular local / Edevaldo Gonçalves Siqueira. -- Dados eletrônicos (1 arquivo : 145 f., il. color., pdf). -- 2023.

Orientadora: Ana Carrilho Romero Grunennvaldt.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Mato Grosso, Faculdade de Educação Física, Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Cuiabá, 2023.

Modo de acesso: World Wide Web: <https://ri.ufmt.br>.

Inclui bibliografia.

1. Escola. 2. Educação física. 3. Ensino fundamental. 4. Dança de siriri. I. Grunennvaldt, Ana Carrilho Romero, *orientador*. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO  
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA - PROEF

FOLHA DE APROVAÇÃO

**TÍTULO:** A DANÇA DE SIRIRI E SUAS POSSIBILIDADES NA ESCOLA: O QUANTO O ALUNO SE IDENTIFICA COM A CULTURA POPULAR LOCAL?

**AUTOR:** MESTRANDO Edevaldo Gonçalves Siqueira

Dissertação defendida e aprovada em 27 de fevereiro de 2023.

COMPOSIÇÃO DA BANCA EXAMINADORA

**Profª Dra. Ana Carrilho Romero Grunennvaldt (Presidente Banca / Orientador)**

**Profª Dra. Marcia Cristina Rodrigues da Silva Coffani (Examinador Interno)**

**Profª Dra. Doutora Renata Duarte Simões (Examinadora Externo)**

**Profª Dra. Larissa Beraldo Kawashima (Examinadora Suplente)**

**Prof. Dr. Doutor Marcos Roberto Godoi (Examinador Suplente)**

Cuiabá, 27 de março de 2023.



Documento assinado eletronicamente por **ANA CARRILHO ROMERO GRUNENVALDT, Docente da Universidade Federal de Mato Grosso**, em 30/03/2023, às 17:01, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **MARCIA CRISTINA RODRIGUES DA SILVA COFFANI, Docente da Universidade Federal de Mato Grosso**, em 30/03/2023, às 18:45, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Renata Duarte Simões, Usuário Externo**, em 30/03/2023, às 18:53, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [http://sei.ufmt.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](http://sei.ufmt.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **5675047** e o código CRC **711D2DBF**.

## **AGRADECIMENTOS**

Como não poderia ser diferente, agradeço primeiramente a Deus, por mais esta oportunidade em minha vida.

Aos meus familiares, mãe, pai e irmãos.

À Capes/PROEB – Programa de Educação Básica pelo oferecimento do Programa de Pós-Graduação em Educação Física em Rede Nacional – ProEF.

À Universidade Federal de Mato Grosso, especialmente, à Faculdade de Educação Física (FEF), pela oportunidade de fazer o curso.

Aos professores da banca, Professora Márcia, Professora Renata e Professor Marcos Godoi, que participaram generosamente da minha qualificação e agora da minha defesa, contribuindo com a construção desta dissertação e com minha formação profissional.

À minha orientadora Ana, pelo esforço e pela dedicação, guiando-me neste trabalho.

Aos colegas de turma do curso de mestrado, pelo apoio mútuo durante todo o programa.

Aos estudantes participantes da pesquisa, que tanto contribuíram com esta pesquisa.

A todos os professores do programa ProEF, que se empenharam ao longo desses dois anos para potencializar o nosso aprendizado.

SIQUEIRA, Edevaldo Gonçalves. **A dança de siriri e suas possibilidades na escola**: o modo como o aluno se identifica com a cultura popular local. Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Carrilho Romero Grunnenvaldt. 2023. 145 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF) – Faculdade de Educação Física, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2023.

## RESUMO

A dança, prática social marcada pela cultura de cada grupo e sociedade, ao se integrar à Educação Física, porta-se como elemento relevante da cultura corporal de movimento. Nesse contexto, esta pesquisa apresenta como temática a prática pedagógica da dança de Siriri, uma dança que representa um dos maiores símbolos culturais do povo de Mato Grosso. O estudo teve por objetivo possibilitar o trato pedagógico dos conhecimentos da dança de Siriri em uma escola pública de Mato Grosso, como manifestação relevante da cultura local. A pesquisa se constitui de abordagem qualitativa e toma como eixo central, no âmbito teórico metodológico, a Pesquisa Ação, pela possibilidade de os participantes atuarem de maneira compartilhada na produção de saberes e fazeres pedagógicos. A pesquisa foi realizada na Escola Estadual Professora Marlene Marques de Barros, localizada no município de Várzea Grande - MT. Os sujeitos colaboradores deste estudo foram estudantes dos sextos e sétimos anos do Ensino Fundamental, sendo 9 meninas e 5 meninos, num total de 14 estudantes, participantes do projeto “Conhecendo a dança de Siriri na escola”, no qual foram desenvolvidas 15 aulas de dança. Como instrumentos de coletas de dados, utilizamos o roteiro de observação do participante e os questionários de entrada e de saída, aplicados no início e no término das ações, bem como os planos de aulas. Durante as aulas, ocorreram registros com imagens e vídeos feitos pelo celular do pesquisador. Todas as informações obtidas por intermédio dos instrumentos de coleta de dados foram analisadas, discutidas e fundamentadas pelo referencial teórico. Na literatura, encontramos que o siriri sobrevive em meio ao avanço dos meios tecnológicos e da cultura de massa, pois tem adotado novos elementos que contribuem para a sua ressignificação. O estudo evidencia a necessidade de mais trabalhos publicados, inclusive de mais estratégias de ensino para se trabalhar com dança nas aulas de Educação Física. As oficinas se mostraram como momentos ricos de trocas entre todos os envolvidos na ação. Os estudantes destacaram como pontos mais relevantes a socialização, o momento de apresentação, as aulas de dança e, acima de tudo, compreenderam toda a representatividade que a dança de Siriri carrega enquanto cultura popular do povo mato-grossense. Por fim, a pesquisa se mostrou apenas como uma das possibilidades de se tratar a dança de Siriri na escola, já que sinaliza a abertura do caminho para pesquisas futuras que contribuirão com essa temática. Verificou-se que presença da dança na escola está atrelada à vontade do professor em querer contextualizá-la. As ações da pesquisa na escola se mostram enriquecedoras, na medida em que os estudantes participantes perceberam de maneira positiva essa experiência.

**Palavras-chave:** Escola. Ensino fundamental. Educação física. Dança de siriri.

SIQUEIRA, Edevaldo Gonçalves. **A dança de siriri e suas possibilidades na escola:** o modo como o aluno se identifica com a cultura popular local. Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Carrilho Romero Grunnenvaldt. 2023. 145 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF) – Faculdade de Educação Física, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2023.

## ABSTRACT

Dance, a social practice marked by the culture of each group and society, when integrated into Physical Education, behaves as a relevant element of the body culture of movement. In this context, this research presents as a theme the pedagogical practice of Siriri dance, a dance that represents one of the greatest cultural symbols of the people of Mato Grosso. The study aimed to enable the pedagogical treatment of Siriri dance knowledge in a public school in Mato Grosso, as a relevant manifestation of the local culture. The research is based on a qualitative approach and takes as its central axis, in the theoretical and methodological scope, the Action Research, due to the possibility for the participants to act in a shared way in the production of knowledge and pedagogical actions. The research was carried out at the State School Professora Marlene Marques de Barros, located in the municipality of Várzea Grande - MT. The collaborating subjects of this study were students of the sixth and seventh years of Elementary School, 9 girls and 5 boys, in a total of 14 students, participants of the project "Knowing Siriri's dance at school", in which 15 dance classes were developed. As data collection instruments, we used the participant observation script and the entry and exit questionnaires, applied at the beginning and end of the actions, as well as the lesson plans. During the classes, there were records with images and videos made by the researcher's cell phone. All the information obtained through the data collection instruments were analyzed, discussed and based on the theoretical framework. In the literature, we find that the Siriri survives in the midst of the advancement of technological means and mass culture, as it has adopted new elements that contribute to its re-signification. The study highlights the need for more published works, including more teaching strategies to work with dance in Physical Education classes. The workshops proved to be rich moments of exchange between all those involved in the action. The students highlighted as the most relevant points the socialization, the moment of presentation, the dance classes and, above all, they understood all the representativeness that the Siriri dance carries as popular culture of the people of Mato Grosso. Finally, the research proved to be just one of the possibilities of dealing with the Siriri dance at school, as it signals the opening of the way for future research that will contribute to this theme. It was found that the presence of dance at school is linked to the teacher's willingness to contextualize it. The research actions at school are enriching, as the participating students perceived this experience in a positive way.

**Keywords:** School. Elementary school. Physical education. Siriri dance.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Atividades desenvolvidas.....	49
Quadro 2: Número de estudantes inscritos.....	51
Quadro 3: Momentos da análise de dados.....	59
Quadro 4: Estudantes participantes da pesquisa.....	63
Quadro 5: Participantes do questionário de entrada.....	66
Quadro 6: Primeira questão do questionário de entrada.....	66
Quadro 7: Segunda questão do questionário de entrada.....	68
Quadro 8: Terceira questão do questionário de entrada.....	70
Quadro 9: Quarta questão do questionário de entrada.....	73
Quadro 10: Quinta questão do questionário de entrada.....	74
Quadro 11: Plano de Aula 1.....	77
Quadro 12: Plano de Aula 2.....	79
Quadro 13: Plano de Aula 3.....	81
Quadro 14: Plano de Aula 4.....	83
Quadro 15: Plano de Aula 5.....	85
Quadro 16: Plano de Aula 6.....	86
Quadro 17: Plano de Aula 7.....	88
Quadro 18: Plano de Aula 8.....	90
Quadro 19: Plano de Aula 09.....	92
Quadro 20: Plano de Aula 10.....	93
Quadro 21: Plano de Aula 11.....	95
Quadro 22: Plano de Aula 12.....	96
Quadro 23: Plano de Aula 13.....	97
Quadro 24: Plano de aula 14.....	99
Quadro 25: Plano de Aula 15.....	100
Quadro 26: Primeira questão do questionário de saída.....	103
Quadro 27: Segunda questão do questionário de saída.....	106
Quadro 28: Terceira questão do questionário de saída.....	107
Quadro 29: Quarta questão do questionário de saída.....	111

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Organização da unidade temática dança.....	48
Figura 02: Representação do caráter cíclico da pesquisa-ação.....	54
Figura 03: Representação da primeira oficina prática.....	80
Figura 04: Representação da segunda oficina prática.....	82
Figura 05: Representação da terceira oficina prática.....	84
Figura 06: Representação da quarta oficina prática.....	86
Figura 07: Representação da quinta oficina prática.....	88
Figura 08: Representação da sexta oficina prática.....	90
Figura 09: Registro pós-apresentação.....	102

## SUMÁRIO

1 MEU PERCURSO FORMATIVO.....	12
1.1 A Educação básica.....	12
1.2 O Ensino superior.....	13
1.3 O Mestrado.....	15
2 INTRODUÇÃO.....	17
3 CULTURA, ESCOLA, EDUCAÇÃO FÍSICA, DANÇA DE SIRIRI.....	23
3.1 Do conceito de cultura.....	23
3.2 A escola, uma instituição cultural.....	24
3.3 Reflexões sobre a dança na escola.....	26
3.4 A dança como prática pedagógica da educação física.....	28
3.5 A dança como manifestação cultural.....	31
3.6 A manifestação da dança de siriri.....	33
3.7 O siriri: contextos de uma cultura popular ressignificada.....	38
4 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA DA PESQUISA.....	42
4.1 Caracterização da pesquisa.....	42
4.2 Universo da pesquisa.....	44
4.3 A seleção do tema da pesquisa.....	45
4.4 Os participantes.....	47
4.5 O projeto: conhecendo a dança de siriri na escola.....	48
4.6 Procedimentos para a coleta de dados.....	51
4.6.1 Instrumentos de coleta de dados.....	56
4.7 Procedimentos para análise de dados.....	59
5 DA TEORIA À PRÁTICA: RESULTADO E DISCUSSÃO.....	61
5.1 Análise das observações das primeiras impressões dos estudantes.....	61

5.2	Análise do questionário de entrada.....	66
5.3	Análise da observação sobre a execução dos planos de aulas.....	76
5.4	Análise do questionário de saída.....	102
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	113
7	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	117
	APÊNDICE A - CARTA DE APRESENTAÇÃO DA PESQUISA.....	124
	APÊNDICE B - CARTA DE ANUÊNCIA PARA AUTORIZAÇÃO DE REALIZAÇÃO DE PESQUISA.....	126
	APÊNDICE C - SOLICITAÇÃO PARA COLETA DE DADOS.....	128
	APÊNDICE D - ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	130
	APÊNDICE E - CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	134
	APÊNDICE F - ROTEIRO DE AULAS.....	138
	APÊNDICE G - TERMO DE AUTORIZAÇÃO/ANUÊNCIA INSTITUCIONAL.....	139
	APÊNDICE H - ROTEIRO DE AULAS.....	141
	APÊNDICE I - QUESTIONÁRIO DE ENTRADA.....	142
	APÊNDICE J - QUESTIONÁRIO DE SAÍDA.....	144
	APÊNDICE K - FICHA DE OBSERVAÇÃO DO PARTICIPANTE.....	145

## **1 MEU PERCURSO FORMATIVO**

“Não há nada como regressar a um lugar que está igual para descobrir o quanto a gente mudou” (Nelson Mandela).

### **1.1 A Educação Básica**

Sair da “zona de conforto” para evoluir profissionalmente. Esse é o estado que o curso de mestrado me trouxe, não que eu estivesse totalmente confortável com a rotina de professor de escola pública que, por si só tem muitos desafios, mas talvez tivesse caído no comodismo das mesmas práticas pedagógicas aplicadas desde o início da carreira docente. Contudo, existia em mim uma inquietude, uma insatisfação pessoal e fui buscar respostas, muitas obtidas por meio das leituras de textos, pelas partilhas com colegas no fórum do Ambiente Virtual de Aprendizagem ou pela fala dos preciosos docentes que ministraram o Proef.

Fui provocado a refletir sobre a minha prática pedagógica para melhor planejar e intervir. Nesse processo, fui instigado a recordar lembranças da minha infância. Quem fui reflete em quem hoje sou, sobretudo, em relação às experiências de vida que me tornaram um professor. Por isso, considero relevante me apresentar, recordando o meu passado.

Sou o terceiro filho, com duas irmãs mais velhas, e somos naturais de Cuiabá/MT. Meu pai nasceu em Mimoso/MT, e minha mãe em Barão de Melgaço/MT, municípios que ficam no entorno de Cuiabá, conhecidos, na região, como baixada cuiabana.

Quando criança, morava na zona urbana em Cuiabá e, durante o ano, eu e minha família íamos frequentemente ao sítio dos meus avós, na zona rural, nas terras onde meus pais nasceram. Com isso, tive uma infância repleta de experiências motoras adquiridas pela experiência em subir em árvores, andar a cavalo, tomar banho em rios e outras práticas que faziam parte da rotina diária dos que ali viviam. Nesses sítios, ocorriam (e ainda ocorrem) as tradicionais festas de santo, frequentadas pelos meus

pais, ocasiões em que eu os acompanhava, presenciando os rituais, as tradições, como as rezas cantadas, o levantamento de mastro do santo homenageado nas festas. Nessas festas, encontrávamos os senhores cururueiros, além de comidas típicas e o baile no qual tocava do rasqueado ao lambadão, manifestações da cultura regional local, que atraía toda a comunidade.

Sempre estudei em escola pública. Na formação básica, passei por três escolas. Naquela época, tive muitos professores dos quais guardo boas recordações, que foram marcantes em minha vida, mas que, por ironia do destino, não eram de Educação Física. Meus professores de Educação Física da época não marcaram positivamente a minha trajetória escolar, uma vez de que a única prática que me recordo da disciplina é o futebol, mas no formato que hoje conhecemos como “rola bola”. A prática pela prática persistiu por todo o Ensino Fundamental e nos dois primeiros anos do Ensino Médio. No terceiro ano do Ensino Médio, estudei no período noturno e não tive aulas de Educação Física.

Na escola, tive poucas possibilidades de práticas corporais, contudo, fora dela, sempre procurei aproveitar o máximo de oportunidades que surgissem. Dessa forma, participei de projeto de futebol no miniestádio do bairro, andava de bicicleta e patins, e essas práticas urbanas, somadas às práticas rurais, fizeram com que as fases da minha infância e adolescência fossem ricas no que se refere a diversidades motoras.

De fato, não foram as vivências ricas e inesquecíveis (que eu não tive) nas aulas de Educação Física que me fizeram optar por ela no ensino superior, mas certamente foram as influências das experiências exitosas que se deram fora da escola.

## **1.2 O Ensino Superior**

Uma década é o tempo que separou o término do Ensino Médio do meu ingresso no Ensino Superior. Nesse longo intervalo, muitas coisas aconteceram em minha vida. Comecei a trabalhar em uma empresa, fiz curso pré-vestibular, ingressei em um curso técnico no Instituto Federal de Mato Grosso/IFMT, passei em um concurso de nível médio para atuar em escola pública do Estado até que, no segundo semestre do ano

de 2012, ingressei no curso de licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Mato Grosso/UFMT.

Concomitantemente ao meu processo de inserção no mercado de trabalho, acontecia o desenvolvimento do meu lado artístico e espiritual, com a participação em cursos de dança promovidos pelo Sesc/MT e, também, em diversas oficinas e grupos de danças de diferentes modalidades, além de participar de grupo de jovens na igreja católica da comunidade.

Sempre foi um sonho meu fazer um curso superior. Vindo de família humilde onde poucos tiveram essa oportunidade, recordo-me de que eu e minha irmã mais nova entramos na universidade ao mesmo tempo, marcando como um momento de muita felicidade na família.

Minha turma da faculdade foi a primeira genuinamente de licenciatura, já que as anteriores eram de licenciatura plena. Na turma, havia estudantes muito dedicados, ao ponto de, quando terminava o turno de aulas, muitos se deslocarem para a biblioteca ou mesmo para o ginásio de esportes para o aprofundamento nos estudos. Foi uma turma formada por acadêmicos muito solidários uns com os outros, e todo esse movimento me fez focar ainda mais no curso. Mesmo trabalhando em outro período, procurei aproveitar ao máximo todo o tempo que eu tinha na faculdade e todas as oportunidades que a academia me proporcionou. Dessa forma, participei como bolsista em projeto, desde o primeiro semestre e viajei para um seminário fora do estado.

Da minha experiência como bolsista, destaco minha participação no projeto longevidade saudável, que proporcionava a idosos da comunidade interna e externa da UFMT a participação em diversas modalidades, tais como: treinamento funcional, musculação, hidroginástica, dança sênior e dança de salão. Foi meu primeiro contato com esse público e com essas práticas corporais. Fiquei nesse projeto por quatro semestres e foi uma experiência única, um “divisor de águas”, que me fez ter a certeza de que eu estava no curso certo e que era a profissão que gostaria de seguir em minha vida. Também tive a oportunidade de participar como bolsista em outros dois projetos, não menos importantes, mas por um período mais curto, que foram o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à docência (PIBID) e o projeto Centro de Memória

da Educação Física e do Esporte da UFMT. Experiências distintas que contribuíram com a minha formação.

Na faculdade, deparei-me com as questões teóricas da dança que me instigaram a novas reflexões e me encantei também com a ginástica para todos. Ainda no ano de 2012, fui com um grupo de alunos da faculdade ao fórum internacional de ginástica geral, que era realizado em Campinas/SP a cada dois anos. Sob a coordenação do professor Milton de Abreu, professor da disciplina ginástica geral, elaboramos coletivamente e levamos ao evento uma coreografia mista de dança e ginástica para apresentarmos na noite cultural, fazendo-se essa uma experiência inesquecível.

Na graduação, minha monografia teve como título “Por que não a dança, professores?” na qual investiguei a ausência do ensino da dança nas aulas de Educação Física. Os sujeitos da pesquisa foram professores da rede de ensino de Cuiabá e alunos de uma escola pública. Esses alunos participaram por quatro meses de oficinas de dança ministradas por mim. Nesse processo de investigação, conheci mais de perto as danças regionais, em especial, o rasqueado e o Siriri.

Após o término da minha graduação, como professor efetivo da rede municipal de Cuiabá e do estado de Mato Grosso, tive a oportunidade de continuar a me desenvolver artisticamente. Dessa forma, tornei-me bolsista/monitor de dança em uma escola de dança de salão, além de voluntário e dançarino de danças regionais em uma associação cultural. Nesse período, também participei de um grupo de capoeira.

Ao recordar minha trajetória, podemos observar que a dança sempre esteve muito presente em minha vida. De fato, meu lado profissional se desenvolveu juntamente com meu lado artístico e, por muitas vezes, esses lados se fundiram. E esse meu contato tão próximo com a dança me motiva a pesquisá-la. Na graduação, pesquisei-a de forma generalizada e, no presente estudo, desafiei-me a aprofundar nesse universo, ao pesquisar uma de suas manifestações, sobretudo, a cultura popular do meu povo.

### **1.3 O Mestrado**

O mestrado surgiu em minha vida em um momento de inquietação, no qual sentia a necessidade de repensar a minha prática pedagógica, e o curso veio ao encontro desse anseio ao ofertar sua primeira disciplina, intitulada Problemática da Educação Física. Essa, certamente, foi uma das que mais acrescentou nessa formação, uma vez que promove a discussão das reais dificuldades encontradas no cotidiano escolar. Com isso, nos enxergamos nas discussões que se fizeram tão relevantes.

Minha turma, a segunda turma do curso, formada por pessoas residentes em diversas cidades do estado de Mato Grosso e um estudante de Rondônia, sendo, a maioria, com vasta experiência docente, contribuíram muito nas discussões e fizeram do fórum do Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), junto às propostas dos nossos brilhantes docentes do curso, um verdadeiro acervo de relatos incríveis de experiências docente e de vida.

Todas as disciplinas do Mestrado foram essenciais e serviram como base para que eu pudesse pensar e repensar sobre a minha atuação enquanto docente e refletir sobre o objeto da pesquisa. A disciplina Seminário de Pesquisa provocou-nos a pesquisar sobre uma prática do nosso cotidiano, bem como toda a minha trajetória profissional enquanto docente e os projetos com os quais, no momento, estou envolvido. Nesse contexto, definimos por abordar a dança de Siriri, que está tão presente em meu cotidiano e que, para mim, tem muito significado, não só pelo seu contexto histórico e cultural, mas pela necessidade de fortalecimento e salvaguarda da cultura popular local.

As minhas experiências de vida aqui narradas, da minha infância e adolescência, na escola, na universidade e em outros locais, construíram o professor de Educação Física que hoje sou e carrego comigo todas essas lembranças. Sobretudo, minha trajetória formativa não se encerra neste capítulo. A inquietude tem de fazer parte do cotidiano de um professor, que deve constantemente buscar se atualizar, seja nos cursos de formação continuada, a cada livro lido, a cada aplicativo utilizado para otimizar suas aulas, a cada conversa com um colega de profissão, a cada evento novo de uma aula de Educação Física, ou mesmo, a cada intervenção realizada com um (a) estudante.

## 2 INTRODUÇÃO

A pesquisa apresenta como temática a prática pedagógica da dança de Siriri na escola, como uma proposta relevante no contexto de danças regionais do estado de Mato Grosso, visto que a dança de Siriri é um dos maiores símbolos culturais dos povos tradicionais dessa terra.

Grando (2005, p. 39) relata que, “[...] o Siriri é uma das danças mais populares e reconhecidas no folclore mato-grossense. Provavelmente a mais importante de todas”. Ela ser vista em “[...] bailes e festas populares, com ou sem caráter religioso, dando prosseguimento à animação das festas, após os rituais principais. (GRANDO, 2005, p. 22).

Mato Grosso, como em outras partes do Brasil, é fruto da convivência entre o branco colonizador, os povos indígenas que aqui moravam e os negros oriundos da África. Em outro momento histórico mais recente, vieram migrantes de várias regiões do país em busca de oportunidades.

Para Grando (2007), a miscigenação está enraizada no povo mato-grossense:

Compreende-se que no encontro conflitivo de etnias (ou raças, como se configuraram ideologicamente as relações étnicas), promoveu-se uma mistura de maneiras de ser que não se consolidou apenas nos diversos tons de peles dos mato-grossenses atuais, mas também nas diversas maneiras de ser, de crer, de dançar, de alimentar-se, de vestir-se e de festejar a vida em comunidade (GRANDO, 2007, p. 62).

Nesse contexto, é possível compreender que as manifestações culturais do estado são produtos da miscigenação étnica e estão interiorizadas em danças, festas, jogos, brincadeiras, comidas típicas, costumes, entre outras.

Diante do multiculturalismo existente em Mato Grosso, muitas pessoas podem apresentar dificuldades em reconhecer ou mesmo se aproximar de manifestações tidas como tradicionais da cultura local.

A essência do mato-grossense, bem como a conexão do povo com seus antepassados, pode estar atrelada a expressões como o Siriri, que pode ser

compreendida como forma de representatividade. Contudo, as pessoas podem ou não se identificar com essa manifestação. Existe, portanto, um conflito entre identidade versus identificação, uma das indagações deste estudo.

A identidade de uma pessoa é formada com base em diversos fatores, tais como: sua história de vida, a história de vida de sua família, o lugar de onde veio, o lugar de onde mora, os grupos sociais onde elas se relacionam (igreja, trabalho, time de futebol etc.), o jeito como foi criado e cria seus filhos, enfim, pelas relações com outras pessoas e com todos os rituais, costumes e tradições que tornam uma pessoa única e diferente das demais (BRAYNER, 2012).

As pessoas estão conectadas por saberes em comum, pela mesma língua, pelo mesmo sotaque, pelos mesmos costumes e crenças, elementos coletivamente partilhados, que fazem com que elas se identifiquem umas com as outras. Nesse contexto, o Siriri se faz como um patrimônio de identidade cultural do povo mato-grossense, por trazer elementos característicos em comum do povo cuiabano e das redondezas, onde essa manifestação se mostra mais fortalecida.

Nesse sentido, este estudo se propôs a buscar respostas para o problema: quais as possibilidades na aplicação da dança de Siriri em um contexto escolar com alunos que podem ou não se identificar como parte da cultura popular local?

Como abordado, Mato Grosso é considerado um estado multicultural, com influências variadas de origem portuguesa, espanhola, africana, indígenas e chiquitana, que dividem espaço com as chamadas novas influências culturais trazidas por migrantes gaúchos, paulistas, mineiros, entre outros. Essas variações ganham expressão em danças, cantos e festivais folclóricos em diferentes localidades e regiões do estado.

Torna-se necessário fortalecer a cultura local para mantê-la sempre viva. Para fundamentar tal reflexão, recorreremos a Grandó (2005, p. 11), que ressalta:

Dançar, como estudar a dança no quadro da cultura popular, constitui formas de salvaguardar um conhecimento essencial à vida coletiva, uma cultura singular própria de uma história comum e de um presente que se deseja consolidar de forma a assegurar um futuro possível e consistente.

Nesse sentido, a escola torna-se um espaço propício para desenvolvimento de valores e compreensão da importância de salvaguardar a cultura local, que representa a identidade de cada povo, de cada grupo social. Cabe às pessoas defenderem suas tradições e seus valores.

Na tentativa de diagnosticar o modo como o aluno se identifica com a cultura local, refletindo sobre o processo de colonização do estado, sobre a era da globalização, assim como da *internet*, e a influência das mídias, reconhecemos que o aluno mato-grossense pode estar mais vinculado com culturas e danças oriundas de outros povos do que com a cultura e danças de seu próprio estado de origem.

A escola precisa se tornar um local propício para reavivar as manifestações da cultura tradicional local, tendo a importante contribuição da Educação Física enquanto componente curricular da escola. A Educação Física tem como um dos seus eixos temáticos a dança, na qual encontramos, em uma de suas ramificações orientadas nas diretrizes curriculares do estado de Mato Grosso, a Dança de Siriri no contexto das danças regionais e folclóricas.

A Base Nacional Comum Curricular sistematizou a unidade temática dança por todo o Ensino Fundamental, onde aparecem as seguintes temáticas: danças do contexto comunitário e regional, danças do Brasil e do mundo, danças de matriz indígena e africana, danças urbanas, e danças de salão (BNCC, BRASIL, 2017).

Para Marques (2012, p. 162), ao apresentar as danças populares via escola, preservamos a “identidade alegre brasileira” que estaria sendo engolida pela globalização e, principalmente, pelos meios de comunicação em massa. Consideramos que a abordagem das danças populares é uma forma de resgatar uma herança cultural transmitida por várias gerações.

O documento referencial curricular do estado de Mato Grosso – DRC/MT (MATO GROSSO, 2018) orienta quanto à tematização da dança ser de competência dos componentes Educação Física e Arte. Observamos que, no documento anterior à BNCC, os PCNs da Educação Física, ela (a dança) aparece como atividades rítmicas e expressivas e que na BNCC e no DRC/MT aparece a nomenclatura “danças”.

O Documento Referencial Curricular do estado de Mato Grosso – DRC/MT (MATO GROSSO, 2018) salienta que a ausência de aprofundamento de certas

temáticas na universidade não isenta o profissional da área de contextualizar determinadas práticas, a exemplo da dança:

Felizmente, nos dias atuais existem inúmeras possibilidades de reverter este quadro, dentre eles, é possível citar: a busca por formação continuada presencial (aulas, cursos, palestras, seminários, oficinas, etc.) ou mesmo, pesquisas e/ou estudos presenciais ou online (como vídeo-aulas de manifestações dançantes e acesso ao YouTube por exemplo), para se apropriarem dessa temática, a dança, e deste modo evitarem a negligência/inexistência total de tais vivências nas aulas de Educação Física Escolar (MATO GROSSO, 2018, p. 40).

O documento evidencia a necessidade de o professor buscar estudos e materiais que darão suporte à sua prática pedagógica diante das diversidades de conteúdos e temas existentes no componente Educação Física.

Nessa perspectiva, o presente estudo teve como objetivo geral possibilitar o trato pedagógico dos conhecimentos da dança de Siriri em uma escola pública de Mato Grosso. Para tanto, consideramos as contribuições que o componente curricular Educação Física pode promover em relação a essa temática, enquanto possibilidade da cultura corporal de movimento, compatível com as orientações da BNCC e do DRC/MT.

Para a concretização da pesquisa, recorreremos a literaturas que tratam do assunto a ser pesquisado, como as diretrizes curriculares que regem a educação brasileira em âmbito nacional, estadual e municipal.

O trabalho tem como natureza a abordagem qualitativa, caracterizada como metodologia de pesquisa-ação. Essa metodologia é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e na qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT, 1997).

Entende-se que a pesquisa-ação seja uma metodologia aplicada no grupo pesquisado, onde será identificado o problema para o qual, na relação com o coletivo, serão buscadas soluções.

Na pesquisa de campo, coletamos os dados de alunos participantes do projeto intitulado “A dança de Siriri na escola”, que foi desenvolvido na escola onde o professor pesquisador leciona.

Após algumas reflexões sobre a minha atuação docente, buscamos, por meio desta pesquisa, levantar questões, tais como:

- Como provocar o interesse nos alunos por tradições tidas como antigas em um era em que a tecnologia é dominante?
- Quais as possibilidades e as dificuldades em se propor a dança de Siriri para estudantes dos anos finais do ensino fundamental?

Esta pesquisa buscou responder aos questionamentos trazidos e, sobretudo, elaborou uma proposta pedagógica no trato da manifestação da dança de Siriri na escola, buscando auxiliar o trabalho do professor de Educação física no desenvolvimento dessa dança.

Para uma melhor compreensão, este estudo foi organizado da seguinte maneira: o próximo capítulo será o 3, que trata da revisão de literatura, intitulado: “3 CULTURA, ESCOLA, EDUCAÇÃO FÍSICA, DANÇA DE SIRIRI”. Esse capítulo foi dividido em 6 títulos e 1 subtítulo, são eles: “3.1 Do conceito de cultura”, “3.2 A escola, uma instituição cultural”, “3.3 Reflexão sobre a dança na escola”, “3.4 A dança como prática pedagógica da educação física”, “3.5 A dança como manifestação cultural”, “3.6 A manifestação da dança de Siriri” e o subtítulo: “3.6.1 O Siriri: contextos de uma cultura popular ressignificada”.

O capítulo posterior, intitulado: “4 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA DA PESQUISA”, foi dividido em 7 títulos e 1 subtítulo, sendo os seguintes: “4.1 Caracterização da pesquisa”, “4.2 Universo da pesquisa”, “4.3 A seleção do tema da pesquisa”, “4.4 Os participantes”, “4.5 O projeto: Conhecendo a dança de Siriri na escola”, “4.6 Procedimentos para a coleta de dados”, com subtítulo, “4.6.1 Instrumentos de coleta de dados”, e “4.7 Procedimento para análise de dados”.

A análise de dados inicia-se no capítulo 5, intitulado: “5 DA TEORIA A PRÁTICA: RESULTADO E DISCUSSÃO”. Nesse capítulo, aplicamos a metodologia da pesquisa-ação, e ele foi dividido em 4 títulos, que são: “5.1 Análise da observação das primeiras impressões dos estudantes”, onde o pesquisador apresentou suas considerações iniciais sobre suas percepções antes do início das oficinas, “5.2 Análise do questionário de entrada”, que se refere a um diagnóstico acerca do conhecimento inicial do estudante “5.3 Análise da observação sobre a execução do plano de aula” no qual foram analisados os 15 planos de aulas propostos e “5.4 Análise do

questionário de saída”, no intuito de verificar se houve mudanças nas percepções dos estudantes após vivenciarem as oficinas.

Por fim, encerramos o trabalho no capítulo 6, com a apresentação das nossas considerações finais acerca da pesquisa, retomando o objetivo proposto inicialmente.

Das contribuições dos referenciais teóricos do estudo às análises e discussões dos dados, indicaram fatores que podem afirmar ou negar a presença da dança de Siriri no âmbito escolar, no contexto da cultura popular mato-grossense e o modo como os estudantes pesquisados se relacionaram com essa manifestação cultural.

### 3 CULTURA, ESCOLA, EDUCAÇÃO FÍSICA, DANÇA DE SIRIRI

#### 3.1 Do conceito de cultura

A cultura é uma área do conhecimento muito ampla. Dessa forma, trazemos neste capítulo alguns autores que discorrem sobre o tema da pesquisa.

Entende-se por cultura todas as ações por meio das quais os povos expressam suas “[...] formas de criar, fazer e viver” (Constituição Federal de 1988, art. 216).

Campos (1997) aborda a origem da palavra cultura:

A palavra cultura vem do latim e está ligada a um conceito de trabalho, e também de movimento (dialética). A origem é o verbo colere, cujo particípio passado é cultus e o particípio futuro é culturus. O verbo colere quer dizer morar, ocupar a terra, trabalhar, cultivar o campo. Assim, o significado mais amplo dura até os tempos atuais, por isso que se diz que o conceito é dialético, está sempre em movimento em busca de definições, pois o seu significado não é estático, e muito menos concreto (1997, p. 8).

Podemos dizer que a cultura está em constante movimento, porque os povos estão em constantes mudanças de costumes e hábitos, que frequentemente acompanham as transformações que acontecem ao redor. Contudo, apesar dessas alterações durante a vida, a cultura se constrói a partir de práticas que são comuns entre os povos.

Para Brayner (2012):

A cultura engloba tanto a linguagem com que as pessoas se comunicam, contam suas histórias, fazem seus poemas, quanto a forma como constroem suas casas, preparam seus alimentos, rezam, fazem festas. Enfim, suas crenças, suas visões de mundo, seus saberes e fazeres. Trata-se, portanto, de um processo dinâmico de transmissão, de geração a geração, de práticas, sentidos e valores, que se criam e recriam (ou são criados e recriados) no presente, na busca de solução para os pequenos e grandes problemas que cada sociedade ou indivíduo enfrentam ao longo da sua existência (BRAYNER, 2012, p. 7).

A cultura é do ser humano, que cria, expressa e transforma a partir de significados que são demonstrados em alguma forma de manifestação. É a isso que chamamos de identidade dos povos, pois cada indivíduo se assemelha e se diferencia

de outras culturas a partir do meio em que está inserido, como esclarece Campos (2011):

A cultura não é algo que nasce com o indivíduo e que, ao longo do seu desenvolvimento, vai se aprimorando, como se fosse algo natural, mas, ao contrário, inserido no seu contexto social, o indivíduo aprende os signos e símbolos que o cercam, incorpora valores que dizem respeito ao seu grupo social. Pode-se dizer que cultura é algo que se aprende emergida em um contexto específico (CAMPOS, 2011, p. 38).

Desse modo, a cultura nasce a partir da coletividade, de onde o aprendizado é compartilhado e as tradições são ensinadas no decorrer da vida.

Para Santos (1994):

Assim, a cultura diz respeito a humanidade como um todo e ao mesmo tempo a cada um dos povos, nações, sociedades e grupos humanos. Quando se considera as culturas particulares que existem ou existiram, logo se constata a sua grande variação” (SANTOS, 1994, p. 08).

Destacamos que, como mencionado no início deste capítulo, a cultura é uma área muito ampla e complexa, que envolve vários elementos. E mesmo que a tenhamos apresentado de forma breve, faz-se relevante abordar seu conceito, tendo em vista que esta pesquisa traz a dança de Siriri, uma manifestação da cultura mato-grossense.

### **3.2 A escola, uma instituição cultural**

Consideramos importante abordar o papel da escola enquanto instituição formadora de cidadãos, destinada à promoção de cultura e conhecimento, possivelmente a entidade social com maior relevância na formação integral do indivíduo.

A escola tem a função da transmissão do conhecimento, cabe a ela a análise dos conhecimentos que ocorrem na sociedade e a sistematização destes junto ao aluno, para que possam compreender a realidade na qual estão inseridos. [...] Para que essa conscientização seja possível, a escola no primeiro momento precisa adaptar-se às necessidades do indivíduo enquanto este a frequenta, prepará-lo para a vida, e não fazer com que o indivíduo se adapte a ela (SBORQUIA; GALLARDO, 2002, p. 106; 113).

A Escola pode ser considerada como: “[...] uma instituição historicamente destinada ao ensino e à aprendizagem, numa constante troca de informações entre professores/as e alunos/as” (GAIO *et alii*. 2010, p. 11). Nessa perspectiva, vemos a escola como uma instituição social com o conhecimento necessário para o desenvolvimento cultural, resultando no desenvolvimento humano em geral.

De fato, a escola tem como principal objetivo levar alunos/as à produção do saber, que, segundo Savani (2005), ocorre no interior das relações sociais, onde seus sujeitos devem adquirir habilidades necessárias à vida social, “a partir do domínio de instrumentos de elaboração, construção e sistematização do saber” (GAIO *et alii*. 2010, p. 12).

Como instituição social, a escola reflete e reproduz aspectos recorrentes da sociedade e, ao mesmo tempo, é “reprodução das estruturas existentes, correia de transmissão da ideologia oficial, domesticação – mas também ameaça à ordem estabelecida; é possibilidade de libertação” (SNYDERS, 1981, p. 106).

Embora o ideal de uma escola seja o de possuir uma proposta pedagógica única, construída e embasada nas necessidades dos sujeitos a ela pertencentes, na realidade, a grande maioria das escolas está distante desse ideal, pois não levam em consideração as necessidades dos seus atendidos. Por conta disso, cada organização escolar se faz de maneira diferente frente à realização do trabalho pedagógico.

No entanto, formar um cidadão ou cidadã, como ser humano integral, é objetivo declarado por todas elas, onde cada projeto pedagógico traçará um caminho para se chegar lá. Para tanto, diversos instrumentos pedagógicos são acionados, desenvolvendo-se de forma organizada e intencional a partir de diretrizes nacionais.

Para dialogarmos com maior clareza sobre a educação escolar brasileira, faremos um resgate de sua origem. Desse modo, recorreremos a Romanelli (1978), que aborda que, desde a fase colonial, a educação escolar foi o instrumento do qual se serviu a sociedade colonial nascente para impor e preservar a cultura transplantada. Tal qual feita pela colonização das terras brasileiras e mais a evolução da destruição do solo, estratificação social, do controle do poder político, aliadas ao uso de modelos importados de cultura letrada, condicionando a evolução da educação brasileira:

A função da escola foi a de ajudar a manter privilégio de classes, apresentando-se ela mesma como forma de privilégio, quando se utilizou de mecanismos de seleção escolar e de um conteúdo cultural que não foi capaz

de propiciar às diversas camadas sociais sequer uma preparação eficaz para o trabalho (ROMANELLI, 1978, p. 4).

Desse modo, compreende-se que a educação brasileira, durante séculos, mantém-se centrada na conservação da elite e, quando não discute a desigualdade social como deveria, contribui para manter um sistema escolar sustentado pela cultura que advém da elite, de forma autoritária e monocultural (RIBEIRO, 2019).

Para Freire (1987), a educação escolar produzida numa sociedade desigual tende a reproduzir essas desigualdades em seu contexto. No entanto, o conhecimento, ao ser acessado, pode, na perspectiva freireana, promover a libertação da classe trabalhadora ao desvelar as relações de classe e de opressão que se impõem tanto pelas relações socioeconômicas quanto pelas relações étnico-culturais.

Com isso, a escola torna-se responsável por promover discussões que rompam com paradigmas de desigualdades, pois ela é o local do encontro da rica diversidade cultural brasileira. Nesse sentido, a escola tem o papel de enriquecer e valorizar as vivências culturais para a comunidade na qual está inserida.

### **3.3 Reflexões sobre a dança na escola**

O lugar da dança na escola foi assegurado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997), como conteúdo das disciplinas de Arte e Educação Física. Essa garantia foi reforçada pelas novas diretrizes e contemplações dos objetivos, competências e objetos de aprendizagem estabelecidos na Base Nacional Comum Curricular (BNCC/ BRASIL, 2018).

A dança integrada à Educação Física escolar se porta como elemento da cultura corporal do movimento, como apontam os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs/ BRASIL, 1997):

[...] a Educação Física escolar como uma disciplina que introduz e integra o aluno na cultura corporal de movimento, formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e transformá-la, instrumentalizando-o para usufruir dos jogos, dos esportes, das danças, das lutas e das ginásticas em benefício do exercício crítico da cidadania e da melhoria da qualidade de vida (BRASIL, 1997, p. 29).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC/ BRASIL, 2018) orienta, no capítulo destinado ao componente Educação Física, o tratamento da unidade temática “danças”, salientando como essa temática pode ser trabalhada:

Por sua vez, a unidade temática Danças explora o conjunto das práticas corporais caracterizadas por movimentos rítmicos, organizados em passos e evoluções específicas, muitas vezes também integradas a coreografias. As danças podem ser realizadas de forma individual, em duplas ou em grupos, sendo essas duas últimas as formas mais comuns. Diferentes de outras práticas corporais rítmico-expressivas, elas se desenvolvem em codificações particulares, historicamente constituídas, que permitem identificar movimentos e ritmos musicais peculiares associados a cada uma delas (BRASIL, 2017, p. 220).

A BNCC direciona ao componente Educação Física a contextualização das seguintes danças: danças do contexto comunitário e regional, danças do Brasil e do mundo, danças de matriz indígena e africana, danças urbanas e danças de salão.

No entanto, as diretrizes atuais que regem a educação orientam que a dança a ser ensinada na escola deve ter significado para o aluno, objetivando fazer com que esse estudante reflita sobre ela.

Marques (2012, p. 165) afirma que:

A realidade hoje tecida de forma múltipla não aceita mais uma visão unívoca do ensino de arte. A dança trazida para a escola somente como forma de repertório, ou seja, o aprendizado de um combinado de passos e direções, relações entre dançarinos e a música, é simplesmente vazia de significados e significações para os alunos que vivem e revivem todos os dias a rapidez, a sobreposição, as inter-relações que são presentificadas via mídia.

Ao realizarmos a leitura das diretrizes educacionais, observamos que o documento orienta aos docentes para não engessarem a tematização da dança nas aulas de Educação Física. Ele não deve propor coreografias prontas para serem memorizadas e reproduzidas, sem que oportunize a origem, o contexto histórico e cultural da dança ensinada, que provoque uma leitura crítica do aluno diante da prática. É imprescindível pensar a dança como uma prática social marcada pela cultura de cada grupo e sociedade que, ao se integrar à proposta da Educação Física, porta-se como elemento relevante da cultura corporal de movimento. Como pontua Neira (2015).

As atividades didáticas devem prever situações de estudo e análise histórica da modalidade, as razões de suas transformações, a compreensão do seu significado no contexto social de origem e, finalmente, as crianças e jovens precisam ser convidados a descobrir e sugerir suas próprias formas de dançar, pois, levando-se em consideração o que foi dito anteriormente, a prática formal da dança é uma característica de outros grupos sociais, que em pouco ou nada se assemelham ao público escolar (NEIRA, 2015, p. 67).

A dança, integrante da cultura corporal de movimento, logo, conteúdo da Educação Física escolar, apresenta-se como importante componente ao processo educacional dos alunos em todos os níveis de ensino (SANTOS; COFANNI, 2016, p. 103).

### **3.4 A dança como prática pedagógica da educação física**

A partir do final da década de 1970, a Educação Física foi deixando para trás as vertentes tecnicista, esportivista e biológica, que eram supremas até então, abrindo possibilidades para as novas tendências que estavam surgindo na educação de maneira geral. Com isso, novos caminhos foram trilhados e aspectos psicológicos, sociológicos e concepções filosóficas foram considerados, o que resultou numa Educação Física que leva em consideração o ser humano em todas as suas dimensões.

Oliveira (1983) alerta, em sua obra: “O que é Educação Física”, que a existência da Educação Física vincula-se ao “movimento humano”, apontando que a “característica essencial da Educação Física é o movimento. É o movimento. Não há Educação Física sem o movimento humano, e isto a distingue das demais disciplinas.” (OLIVEIRA, 1983, p. 104). O autor argumenta, ainda, que a ginástica, o jogo, o esporte e a dança são “instrumentos” para se cumprirem os objetivos da Educação Física.

Na obra Coletivo de Autores (2012), encontramos a seguinte definição de Educação Física.

[...] uma disciplina que trata, pedagogicamente, na escola, do conhecimento de uma área denominada aqui de cultura corporal. Ela será configurada com temas ou formas de atividades, particularmente corporais, [...] jogo, esporte, ginástica, dança ou outras, que constituirão seu conteúdo. O estudo desse

conhecimento visa aprender a expressão corporal como linguagem (COLETIVO DE AUTORES, 2012, p. 61; 62).

Nesse viés, a Educação Física é definida como uma disciplina escolar que trata, pedagogicamente, do conhecimento de uma área denominada “cultura corporal”, configurada nos temas e atividades que constituem seu conteúdo (jogo, esporte, ginástica, dança etc.) (BETTI, 2013).

A Dança, como elemento da cultura corporal do movimento, faz-se como imprescindível nas aulas de Educação Física Escolar, juntamente aos demais conteúdos. Desse modo, considerando a dança como uma manifestação da cultura tradicional, bem como manifestação artísticas de um povo, torna-se necessário que os professores realizam uma reflexão pedagógica junto a seus alunos sobre esse conteúdo, tornando a prática significativa para o desenvolvimento integral do ser humano.

Pereira (2001) aponta que:

[...] a dança é um conteúdo fundamental a ser trabalhado na escola: com ela pode-se levar os alunos a conhecerem a si próprios e com os outros explorarem o mundo da emoção e imaginação; a criarem; a explorarem novos sentidos, movimentos livres (PEREIRA *et al.* 2001, p. 61).

A autora, ressalta a diversidade de movimentos possibilitados por meio das atividades da dança, podendo estimular e explorar, nos discentes, habilidades motoras como o andar, correr, saltitar, equilibrar, rolar, girar, níveis diferentes (alto, médio e baixo). Isso se dá de modo a seguir a sequência pedagógica do mais simples para o mais complexo, do espontâneo para o conduzido, de um ritmo lento para um mais rápido, a expressão corporal, com atividades individuais e em grupos, diversos estilos musicais, de forma a capacitar o corpo para o movimento, estimulando crianças e jovens a pensar e a sentir a dança.

Marques (2012, p. 18) aponta que, apesar dessa crescente da dança, persistem no Brasil, entre várias outras partes do mundo, alguns “desentendimentos” em relação a quem deve ensinar a dança na escola. A autora faz uma discussão sobre a que área de conhecimento em que a dança deveria ser ensinada, se seria no campo da disciplina de Artes ou da Educação Física, ou mesmo se esse conhecimento

deveria ser tratado por um bacharel ou por um licenciado em Dança. Esses questionamentos ainda não estão “resolvidos” no âmbito escolar.

A dança no contexto escolar pode ser desenvolvida pelas disciplinas Educação Física e Arte, e a BNCC assegura o ensinamento da dança para ambos os componentes. Isso porque a escola é reconhecida como um lugar propício a desenvolver a dança como prática pedagógica e não somente em festividades, como muito se tem visto.

Em minha monografia intitulada “Por que não a dança, professores?” Onde investigo 42 professores de Educação Física da rede municipal de ensino de Cuiabá – MT, evidenciamos que, das diversas justificativas dos professores para a não contextualização da dança, aparece a existência de pré-requisitos para o desenvolvimento da dança, tais como: habilidades motoras, sensibilidade com a arte, criatividade, entre outros aspectos declarados como não aprendidos na faculdade. No entanto, na pesquisa, não foi verificado qualquer esforço por parte desses professores para, ao menos, estruturarem um conhecimento sobre essa prática ou qualquer interesse em estudarem a teoria para estimular os alunos (SIQUEIRA, 2016).

Segundo Saraiva Kunz et al. (1998), o planejamento de ensino compreendendo a dança promove o resgate e a produção de cultura. As autoras ainda destacam que a dança:

Possibilita a compreensão/apresentação das práticas culturais de movimento dos povos, tendo em vista uma forma de auto-afirmação de quem fomos e do que somos; ela proporciona o encontro do homem com a sua história, seu presente, passado e futuro e através dela o homem resgata o sentido e atribui novos sentidos à sua vida (SARAIVA KUNZ et al., 1998, p. 19).

O professor deve organizar seu planejamento de ensino de modo que entenda a dança como um conteúdo da linguagem capaz.

[...] de compreender a dança como uma linguagem que, para além de permear o processo de produção do conhecimento e a inserção da práxis social, prioriza não só esse processo de construção, mas também os resultados dele advindos, remetendo-os a momentos preciosos, capazes de despertar a consciência crítica de quem os vivencia (GARABI, FRANZONI, 2007, p. 159).

Considerando a grande significância do ensino de conteúdos como a dança para o desenvolvimento do ser humano em todas as suas vertentes, destacamos que

seu ensino só se torna significativo quando agregado a um sentido, ou seja, quando evidencia o porquê, para quê, ou mesmo como utilizar na vida tais princípios aprendidos.

### **3.5 A dança como manifestação cultural**

Existem indícios de que o homem dança desde os tempos mais remotos. Todos os povos, em todas as épocas e lugares dançaram. Dançaram para expressar revolta ou amor, reverenciar ou afastar deuses, mostrar força ou arrependimento, rezar, conquistar, distrair, enfim, viver (TAVARES, 2005, p. 93).

Para Tavares (2005) e Verderi (2009), a dança é tida como uma das manifestações mais antigas criadas pelo homem. Dançava-se para celebrar nascimento, casamento, plantio, colheita, vitória; dançava-se em cada celebração de vida. Bregolato (2000) afirma que, nos tempos dos povos primitivos, a dança era utilizada como manifestação em acontecimentos religiosos, nascimentos e funerais. Nesse contexto, a dança sempre se fez muito presente no cotidiano das pessoas desde os tempos primórdios.

A dança “pode ser considerada como linguagem social que permite a transmissão de sentimentos, emoções da afetividade vivida nas esferas da religiosidade, do trabalho, dos costumes, hábitos, da saúde, da guerra etc.” (COLETIVO DE AUTORES, 2012, p. 81).

Segundo Garaudy (1980, p. 17):

O primeiro registro de ação de dança possui cerca de 14.000 anos e compunha um ato sagrado. Dessa forma, pode-se dizer que, desde a pré-história, a dança sempre esteve presente no mundo humano. Cada comunidade dançou e dança de uma forma diferente, com gestualidades e aspectos culturais muito específicos. A dança não é apenas expressão e celebração da continuidade orgânica entre homem e natureza. É também realização da comunidade viva dos homens.

A dança é uma forma de expressão das diferentes culturas e, ao longo da história, ela se caracterizou como uma prática para manter vivas as tradições dos povos.

Enquanto manifestação cultural, a dança possui relação direta com o modo de se expressar dos povos. Nesse sentido, cada cultura se expressa de uma forma dependendo de onde vivem, sua região, a época histórica e demais relações que fazem com que o samba brasileiro seja diferente do tango argentino, assim como diferente do frevo do estado de Pernambuco, da quadrilha junina do Ceará, do chamamé do Rio Grande do Sul ou mesmo do siriri de Mato Grosso. Manifestações brasileiras, mas de regiões distintas, cada uma representando a identidade do seu povo.

Nanni (2003) ressalta que, ao conhecer a si mesmo e a sua dança, o homem passa a conhecer a sua própria história e manifestações culturais do seu povo, e por meio dela, em todas as épocas ou espaço geográfico, estas representam suas manifestações, sejam elas de estados de espírito, de emoções, de expressão e de comunicação ou até mesmo as características culturais das quais o cidadão faz parte.

Para Gaspari (2005), a dança se desenvolveu na humanidade juntamente com sua evolução histórica e social, nas mais diferentes variedades: danças étnicas que revelam a identidade de uma nação, danças folclóricas que evocam o sentido de coletividade de um povo, danças sociais ou de salão utilizadas para diversão e, danças teatrais ou artísticas específicas para espetáculos.

Campos (1997) ressalta que o nosso país é rico no que tange à diversidade cultural uma vez que vários povos participaram da formação da nossa sociedade. Com isso, temos herança dos nossos nativos indígenas, depois dos portugueses, dos africanos, imigrantes europeus e asiáticos. Assim, todas essas civilizações contribuíram para a nossa história e cultura, influenciando nossos hábitos e costumes, nossas danças e festas, nossas comidas e bebidas, nossos cultos e credences, modo de falar, monumentos históricos etc. Tudo isso tem servido de patrimônio cultural para formarmos a sociedade que temos hoje.

Segundo Lima (2007), sabe-se que o conhecimento é oriundo da vida em sociedade, socializado por meio das várias formas de comunicação entre os seres

humanos. Porém, sua efetivação é individual, e o que cada um sabe acaba quando morremos, permanecendo apenas aquilo que ficou registrado por meio de sistemas existentes nas artes, nas ciências e nas linguagens ou mesmo aquilo o que é passado de geração para geração a partir das tradições orais.

A dança contribuiu para a constituição, perpetuação e disseminação da cultura de todos os povos de modo a permitir que a diversidade cultural se espalhasse pelo mundo todo em diversos contextos históricos, acompanhando a evolução da humanidade.

### **3.6 A manifestação da dança de Siriri**

Segundo Grandó (2005), o Siriri é uma das danças mais populares e reconhecidas no folclore mato-grossense. Existem muitas versões da sua origem. As afirmações mais recentes relatam que a dança surgiu do “choque cultural” entre índios, negros e brancos colonizadores, principalmente nas regiões ribeirinhas do estado. Desse modo, o Siriri seria fruto de um hibridismo cultural. Fazendo-se como uma boa justificativa para a sua alegria e diversidade, relatada:

O siriri é considerado uma dança que lembra os divertimentos indígenas. Dançado por homens e mulheres – as crianças também dançam – tanto na sala de uma casa quanto no terreiro, sua coreografia é bastante variada e sem interpretação definida (GRANDÓ, 2012, p. 39).

Para Santos (2011), de origem desconhecida, a dança de Siriri estaria ligada ao próprio processo histórico-cultural de Mato Grosso, principalmente em decorrência da miscigenação. Sendo assim, o povoamento em terras mato-grossenses (que, na época, ainda era capitania de São Paulo) inicia-se em 1719, às margens do Rio Coxipó, período em que surgiram dois núcleos populacionais: o Arraial de São Gonçalo e da Forquilha. Assim, “O Arraial de São Gonçalo, que possuía entre seus habitantes índios coxiponés, é, até hoje, um dos principais locais onde se dança siriri” (SANTOS, 2011, p. 7).

O Siriri é dançado por pessoas de diferentes faixas etárias, e crianças, adultos e idosos deixam-se levar pelo ritmo alegre e por movimentos coreográficos variados

e embalados por canções simples e toadas, “[...] não somente sua música, mas também a expressão corporal e coreografias procuram transmitir o respeito, o culto e a amizade.” (GRANDO, 2005, p. 43).

Outra versão incerta afirma que o termo Siriri teria se originado da palavra *otiriri*, que designa um entremez, uma espécie de representação cênica do século 18, em Portugal (BARROS, 2013). A autora ressalta, ainda, uma outra interpretação da história, na qual sugere que o nome Siriri se deu da alusão a cupins alados, que se movimentam em rodeios e que essa explicação popular poderia ser satisfatória, uma vez que as rodas dessa dança são uma marca da coreografia.

Segundo Barros (2013), alguns afirmam que a dança de Siriri tenha foi inspirada por gestos e movimentos de danças indígenas e destaca que:

Outros estudiosos vão além, como Julieta Andrade, que concluiu “o siriri é uma suíte de danças de expressão hispano-lusitana, fortemente aculturada no ritmo e andamento, com a expressão africana, bandu”. Fruto de hibridismo cultural, seria uma boa justificativa para os passos e a música alegre compassada pelo som da viola de cocho, do ganzá e do mocho (BARROS, 2013, p. 29).

A origem é recheada de muitas versões e incertezas, contudo os autores concordam que o Siriri nasceu e se desenvolveu nas comunidades ribeirinhas e pantaneiras, como uma dança muito popular nas festas de santos, onde a comunidade se reunia e dançava ao som dos instrumentos típicos, viola de cocho, mocho e ganzá.

Segundo Barros (2013), ao dançar o Siriri, em sua origem, as mulheres utilizavam vestidos porque lhes conferiam maior mobilidade e um belo efeito visual enquanto se movimentam. Ainda hoje, essas características permanecem, com vestidos e saias rodadas, cada vez mais coloridas, floridas, com babados, com fitas, muitas ainda de chita ou chitão (tecido típico), ou mesmo tecidos lisos, porém com cores vivas. “Já os homens, quase sempre portam lenços que agitados de diversas formas enquanto dançam, chegam a ser um termômetro do entusiasmo” (BARROS, 2013, p. 34).

A autora ainda relata:

Basicamente, são dois os tipos de coreografia: a de roda e a de fileira, em que os participantes se comunicam a partir do toque das mãos palmadas.

Muitas das toadas executadas pelos cururueiros recebem uma coreografia tradicional, que é perpetuada a partir da tradição oral (BARROS, 2013, p. 34).

Os autores ressaltam a simplicidade das coreografias, que nas comunidades mais tradicionais são passadas entre gerações. Grandó (2005) descreve as duas maneiras de se dançar o Siriri (roda e fileira), onde o desenrolar da dança acontece durante a apresentação que, para um melhor efeito, deve ser composto por muitos pares. A autora destaca que os gestos durante a dança devem ser executados com fidelidade, seguindo a letra da música. “Bater palmas, bater os pés, estalar os dedos, mãos na cintura, gingadas, e rodadas sobre os pés devem ser executados de maneira graciosa e animada, garantindo, o entusiasmo e a graça, características fundamentais do Siriri” (GRANDÓ, 2005, p. 41; 42).

Baptistella (1995) afirma que o Siriri era dançado nas festas populares dos municípios de Mato Grosso. O ritmo da música era contagiante.

[...] Ao ritmo forte da música, os dançarinos parecem não se cansar, dançando noite adentro nas festas populares de Cuiabá, Rosário Oeste, Diamantino, Várzea Grande, Cáceres, Nossa Senhora do Livramento, Santo Antônio do Leverger e tantos outros municípios, costumam reservar sempre um momento a essa dança, assim como ao cururu (BAPTISTELLA, 1995, p. 17).

O Siriri, que é cantado e tocado pelos músicos e respondido pelos dançarinos, quando é dançado em roda, os pares executam movimentos, tocando as mãos palmadas dos dançarinos de ambos os lados (esquerdo e direito), de modo a impulsionar os giros do corpo com os pés, sempre em busca de uma sincronia. O Siriri de fileira é organizado em filas, com os cavalheiros de um lado e as damas de outro (GRANDÓ, 2005).

Barros (2013) salienta que existe uma riqueza de elementos da cultura popular representados na dança de Siriri, vistos ainda hoje nos diversos grupos de dança existentes, que apresentam em suas coreografias as cores do grupo, santos padroeiros, símbolos da natureza, igrejas, flora, figuras lendárias do folclore ou mesmo da fauna mato-grossense. “As figuras como o lobisomem, o minhocão, a onça pintada, a mãe do morro e o boi-à-serra, simbolizam a riqueza cultural da região mato-grossense” (BARROS, 2013, p. 41).

A autora ainda destaca que:

[...] muitas regiões brasileiras possuem manifestações artísticas que falam sobre a vida e a morte de bravos bois, Mato Grosso tem histórico de culto ao mesmo. [...] algumas localidades como Varginha, em Santo Antônio do Leverger, mantêm a louvação ao boi, enquanto outras se utilizam do pouco que ainda resta da dança e o inseriram no siriri, como figura lendária (BARROS, 2013, p. 48).

As Artes Cênicas estão presentes na dança de Siriri, e existe uma animada brincadeira com o boi-à-serra, também chamado de boi do pantanal, em que uma pessoa que conduz entra “dentro” do boi e vai até a roda de Siriri realizar sua performance. Nesse momento, o boi rouba todas as atenções e se torna a atração principal na dança.

Na dança de siriri por um momento o boi se torna a figura principal, e sua confecção envolve a comunidade. [...] o boi é feito de uma armação de diversos materiais, revestida de panos de chita, fitas e outros, e que a pessoa que veste o boi deve ser bem animada, garantindo assim a alegria da interação entre os dançarinos, esses por sua vez, realizam uma espécie de cercado onde o boi está preso e de onde precisa sair a todo custo (MOREIRA; PEREIRA, 2021, p. 84).

A dança de Siriri, embora seja mais encontrada e fortalecida na capital mato-grossense, Cuiabá, e nos municípios ao seu redor, possivelmente por serem as cidades onde os grupos de dança de Siriri estão concentrados em sua maior parte, também se pode encontrar essa manifestação em outras localidades do estado, como salientado:

O siriri, desde a sua origem nas comunidades ribeirinhas de Mato Grosso, se espalhou por várias cidades do estado. Muito popular nas festas religiosas e populares, com ritmo rápido e empolgante. Com toadas ritmadas ao som dos instrumentos típicos, divertem as dançarinas que pisam seus pés descalços no chão dos festejos, unindo sorriso no rosto e graciosidade, com belos movimentos, executados com as coloridas e longas saias, que podem chegar a ter até dez metros de tecido rodado. Juntamente com as palmas empolgadas dos dançarinos, esses por sua vez, usam calçados e dançam usando e manuseando seus chapéus conforme a coreografia. Na apresentação ora entra uma procissão com louvor ao santo padroeiro, ora entra uma figura lendária, roubando a atenção até da mais inquieta criança que esteja apreciando. Sem contar os repiques, os acordes e firulas dos instrumentos que se casam na batida animada e ritmada. Quem dança e quem assiste é presenteado com aquilo de mais rico da cultura popular mato-grossense que se pode ter (MOREIRA; PEREIRA, 2021, p. 84; 85).

A manifestação do Siriri é dança e é música, produzida por instrumentos musicais típicos. Segundo Novas (2021), pode-se constatar que os instrumentos musicais utilizados na dança de Siriri faziam parte dos divertimentos das pessoas colonizadoras da região mato-grossense. Esses instrumentos são: o mocho, a viola de cocho e o ganzá, confeccionados no próprio estado de Mato Grosso. Ferreira (1979, p. 181) afirma que:

[...] Autóctone: A instrumentação e a musicalidade são de origem no local, fruto de choque cultural entre índios da região, negros escravizados e brancos colonizadores, desenvolvida nos primeiros anos da fundação das cidades ribeirinhas (FERREIRA, 1979).

Novas ressalta, em sua obra, que, com a diversidade de matéria prima em Mato Grosso, não foi difícil a população mato-grossense começar a produzir seus próprios objetos para a produção de sons, uma vez que o artesão encontrava material com muita facilidade na região. Ainda sobre os instrumentos:

Os três instrumentos tradicionais de siriri são respectivamente, o mocho, uma espécie de banco de madeira, cujo assento é feito de couro cru, que é recortado e molhado ao ser pregado sobre o banco, sendo percutido por duas baquetas de madeira. O ganzá, chamado fora do estado de reco-reco, feito com bambu e tem três rachaduras, buracos ou cortes na vara de bambu no sentido longitudinal, estas servem para que o som não fique abafado, utiliza-se um pedaço de osso (costela bovina) para raspar a taboca e obter som. E a viola de cocho, confeccionada artesanalmente, a partir de um tronco de madeira inteiriça, ainda verde, e esculpida no formato de viola (NOVAS, 2021, p. 25).

Novas (2021) afirma que as primeiras violas-de-cocho tinham suas cordas feitas de tripa de animais e fibras de vegetais nativos da região e, por questões ambientais, atualmente, usa-se linha de pesca (de nylon) ou outro tipo de corda. Os instrumentos são tocados pelos chamados cururueiros.

Não há como falar sobre o Siriri sem associá-la ao cururu, ambas manifestações da cultura popular estão ligadas aos valores religiosos, partilham dos mesmos instrumentos, porém possuem particularidades que as tornam distintas. O cururu apresenta um ritmo mais calmo que o Siriri. A roda de cururu é formada predominantemente por homens que cantam, dançam e tocam a viola-de-cocho e o ganzá.

O instrumento mocho é encontrado apenas no Siriri, instrumento de percussão que é batido por duas baquetas, dando um ritmo mais acelerado à dança de Siriri. Segundo Barros (2013), o cururu é uma dança formada em círculos pelos cururueiros, no sentido do braço das violas. Os cururueiros, por sua vez, fazem a roda, caminhando no sentido horário e começam a dançar seus passos simples.

Nas festas tradicionais de santos católicos, em Mato Grosso, o cururu é apresentado fazendo quase que uma substituição da liturgia católica. Aparece nos mais importantes rituais de culto ao santo padroeiro, como no momento do levantamento do mastro com a bandeira do santo e, após esse momento festivo, os cururueiros tocam os instrumentos típicos para os siririeiros dançarem.

Outros instrumentos foram aparecendo e agregando novos sons na contemporaneidade. Podemos observar a sanfona, o violão e outros instrumentos oriundos de outras culturas, sendo componentes da musicalidade de grupos de Siriri.

### **3.7 O Siriri, contextos de uma cultura popular ressignificada**

Abordaremos, de forma breve, as expressões das culturas populares, concebidas em termos gerais como:

[...] um conjunto heteróclito de formas culturais – música, dança, autos dramáticos, poesia, artesanato, ciência sobre a saúde, formas rituais, tradições de espiritualidade – que foram criadas, desenvolvidas e preservadas pelas milhares de comunidades do país em momentos históricos distintos (CARVALHO, 2012, p. 44).

A cultura popular é a cultura do povo. Nesse contexto, como forma de expressão popular originada nas comunidades ribeirinhas e rurais de Mato Grosso, temos a dança de Siriri, que, no passado, foi muitas vezes inferiorizada e quase esquecida pela sua origem simples e humilde, mas que tem ganhado força nos últimos anos, e isso pode ser devido a alguns acontecimentos e transformações que serão discutidos neste capítulo.

O Siriri tem passado por um processo em que tradição e transformação se relacionam. Para Pereira e Gomes (2002, p. 15), o paradoxo está na “maneira dinâmica de afirmar que”, para a tradição continuar, “às vezes, é necessário mudar”. Nesse cenário, essa dança ganhou novos elementos, principalmente resultantes do

surgimento de novas tecnologias no século 20 e da expansão dos meios de comunicação.

Segundo Barros (2013), ao que parece, para ultrapassar os anos e garantir sua revalorização, o Siriri teve de se resignificar por meio da profissionalização dos grupos de dança, bastante estimulada pela criação do festival de Cururu e Siriri no ano de 2002. “Atualmente, algumas manifestações tradicionais estão tendo que ceder e renunciar a sua rigidez de princípios e se ‘remodelar’” (BARROS, 2013, p. 84).

Sendo típica das regiões ribeirinhas e das zonas rurais, a dança sai dos quintais para os palcos, dos mais distintos locais públicos e privados (SANTOS, 2011). Na visão de Santos (2011, p. 12), a dança de Siriri “[...] transcende a fronteira do local (comunidades) e passa para um contexto nacional/global, sendo apresentada em festivais, hotéis, pousadas, órgãos públicos e outros locais fora das “fronteiras” da comunidade”.

O Siriri “rompeu” as fronteiras inclusive nacionais, onde grupos organizados têm participado de festivais folclóricos internacionais em várias partes do mundo. Nesse contexto, Carvalho (2010) afirma:

[...] quando a cultura popular é convertida em espetáculo “desterritorializado” (isto é, deslocado de sua comunidade ou circuito de origem), ela passa a ganhar valor diante de consumidores de classe média urbana que podem transitar também por outras atividades culturais, como a Bienal de São Paulo, a Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional do Rio de Janeiro, os Festivais (nacionais e internacionais) de Dança, Música e Teatro etc. (CARVALHO, 2010, p. 42).

Santos (2011) ressalta que, com a expansão cada vez mais intensa dos meios de comunicação e com a própria dinâmica das relações sociais, econômicas e culturais no país, a dança de Siriri não só ganha novos elementos tais como: vestimentas, acessórios, instrumentos, como também novos significados e passa de uma produção para um produto.

Por outro lado, existe o culto às tradições, aos costumes, ao conhecimento passado entre gerações, de pais para filhos, onde, por meio da linguagem oral, os mais velhos repassam aos mais jovens a forma de cantar, dançar e tocar os instrumentos.

Na convivência com mestres da cultura popular, observamos a resistência por parte deles com aquilo que se faz como novo, que foge às tradições, revelando o

receio de que a tradição se modifique e se perca. Póvoas (1992) afirma que as manifestações folclóricas de Mato Grosso tendiam a se extinguir, devido à penetração de elementos vindo de outras regiões para Mato Grosso, ressaltando que “elementos alienígenas” estariam se infiltrando nas “[...] manifestações folclóricas mato-grossenses e, ao que se parece, acabarão, em um futuro não muito remoto por extingui-las de vez” (PÓVOAS, 1992, p. 149).

Para Carvalho (2010), a espetacularização procura exprimir a percepção e a consciência de que as culturas populares estão sendo expostas a um movimento crescente e contínuo de invasão, expropriação e predação, interligado basicamente com a voracidade das indústrias do entretenimento, do turismo e com a cooptação de artistas populares por parte de políticos regionais populistas.

No entanto, enganam-se os que temem pela “extinção” em consequência de novos elementos que acompanham a contemporaneidade. Diante disso, Santos (2011) afirma:

Os hibridismos em manifestações populares ocorrem desde suas “origens”. No caso do siriri, por exemplo, antes mesmo dos meios de comunicação (local e/ou nacional) e o poder político se interessarem pela dança, já havia elementos de outras manifestações (SANTOS, 2011, p. 11).

Barros (2013), por sua vez, defende a chamada “espetacularização” dessa tradição e salienta que esse movimento (de novos grupos e elementos) favoreceu para que o Siriri tivesse maior visibilidade para as novas gerações, passando a fazer sentido para elas, o que contribuiu com o surgimento de novos grupos. Além do mais, o Siriri estaria sendo ensinado nas escolas e em outras instituições, e esse movimento estaria trazendo uma reanimação na tradição.

A autora destaca ainda que:

Entre as estratégias que visam a profissionalização dos grupos, destacam-se coreografias trabalhadas a partir de técnicas da dança, para dar novos contornos à linearidade dotada de improviso que se via antes da intervenção, criando um verdadeiro desenho da apresentação. [...] muitos tem investido em aulas para aprender a tocar e fazer a viola de cocho, além de apostar em reformulações na construção do figurino, para que o visual fique ainda mais envolvente. Atualmente, muitos se dedicam a aulas de técnica vocal (BARROS, 2013, p. 88).

Denota-se um conflito existente entre a chamada tradição e o que é considerado contemporâneo no Siriri. Com isso, surgem muitos questionamentos, tais como: Existe o risco de o Siriri tradicional se acabar, uma vez que o Siriri “estilizado” ou “espetacularizado” vem se fortalecendo a cada ano? A indústria do turismo e do entretenimento seriam os novos caminhos para a cultura popular oferecer seus produtos e serviços? Quais os caminhos necessários para que as artes populares possam ter o mesmo valor comercial que as eruditas?

Segundo Santos (2011), para que a cultura popular se mantenha “duradoura”, tem de estar em movimento. Nesse sentido, o setor popular, enquanto atores e redes de atores, deve refletir sobre a cultura, fazer experiências com ela, discuti-la e transmiti-la. Desse modo, o importante não é o objeto modificado, mas sim as interpretações locais, os esquemas locais de significação e/ou ressignificação.

Não sabemos ao certo o impacto da ressignificação da dança de Siriri no futuro, e se existe ou não risco de o Siriri tradicional desaparecer, mas é certo que os meios tecnológicos chegaram e, talvez, esse momento de “transformação” fosse necessário para que a dança não fosse esquecida, ou mesmo, restrita a comunidades rurais e ribeirinhas, correndo o risco de ampliar o distanciamento entre o Siriri e as novas gerações.

## 4 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA DA PESQUISA

Neste capítulo, será apresentada a trajetória metodológica utilizada na pesquisa, trajetória essa que se mostrou desafiadora, repleta de incertezas do como fazer, onde, por muitas vezes, não sabíamos por onde ir, mas sempre convictos do nosso propósito, de onde queríamos chegar. Foram momentos de grande aprendizado e experiências que permitiram esse fazer científico.

As pesquisas, de modo geral, iniciam-se com o levantamento de um problema. Assim o apresentamos: quais as possibilidades de aplicação da dança de Siriri em um contexto escolar com alunos que podem ou não se identificar como parte da cultura popular local?

Após a definição do problema, optamos por utilizar a metodologia da pesquisa-ação, por possibilitar a participação ativa do pesquisador na ação, na perspectiva de gerar reflexões sobre a prática e a busca de transformá-la.

Para obter os resultados evidenciados nesta pesquisa, foi projetado um percurso metodológico que será apresentado nas etapas seguintes.

### 4.1 Caracterização da Pesquisa

Inicialmente consideramos necessária a compreensão sobre o que a pesquisa científica possibilita de modo geral. Sendo assim, a pesquisa:

[...] possibilita uma aproximação e um entendimento da realidade a investigar. A pesquisa é um processo permanentemente inacabado. Processa-se por meio de aproximações sucessivas da realidade, fornecendo-nos subsídios para uma intervenção no real. [...] é resultado de um inquérito ou exame minucioso, realizado com o objetivo de resolver um problema, recorrendo a procedimentos científicos (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 31).

Por sua vez, Pádua (1996, p. 29) a define desse modo:

Tomada num sentido amplo, pesquisa é toda atividade voltada para a solução de problemas; como atividade de busca, indagação, investigação, inquirição da realidade, é a atividade que vai nos permitir, no âmbito da ciência, elaborar um conhecimento, ou um conjunto de conhecimentos, que nos auxilie na compreensão desta realidade e nos oriente em nossas ações.

Esta pesquisa científica dialoga com as autoras, por possuir interesses voltados ao cotidiano escolar e à prática pedagógica do professor, com intenção de possibilitar alternativas para promover mudanças no modo de fazer do professor, a fim de contribuir com a melhoria na qualidade de ensino ofertado ao aluno e que essa ação seja refletida posteriormente na sociedade.

A pesquisa adotou, no aspecto metodológico, a abordagem qualitativa com inspiração na pesquisa-ação. Sobre a pesquisa-ação, Thiollent (2011, p. 04) a define como:

[...] método (técnica) de pesquisa-ação consiste essencialmente em elucidar problemas sociais e técnicos, cientificamente relevantes, por intermédio de grupos em que se encontram reunidos, pesquisadores, membros da situação-problema e outros atores e parceiros interessados na resolução dos problemas levantados ou, pelo menos, no avanço a ser dado para que sejam formuladas adequadas respostas sociais, educacionais, técnicas e/ou políticas.

Como o próprio nome diz, a pesquisa-ação procura unir a pesquisa à ação ou à prática<sup>1</sup>. Pela característica de pesquisa-ação, possui caráter participativo focado em modificar o comportamento do grupo onde ocorreu a ação.

Para Fonseca (2002):

A pesquisa-ação pressupõe uma participação planejada do pesquisador na situação problemática a ser investigada. O processo de pesquisa recorre a uma metodologia sistemática, no sentido de transformar as realidades observadas, a partir da sua compreensão, conhecimento e compromisso para a ação dos elementos envolvidos na pesquisa (FONSECA, 2002, p. 34).

A pesquisa-ação permite o envolvimento ativo do pesquisador na ação junto às pessoas ou aos grupos envolvidos no problema. Isso porque “A reflexão sobre a prática implica em modificações no conhecimento do pesquisador” (FONSECA, 2002, p. 35).

Para Tripp (2005), a pesquisa-ação possui quatro fases do ciclo básico da investigação-ação: 1) planejar a melhoria da prática; 2) agir para implantar a melhoria

---

<sup>1</sup> KETELE, J.; ROEGIERS, X. Méthodologie du recueil d'informations: fondements de méthodes d'observations de questionnaires, d'interviews et d'étude de documents.

planejada; 3) monitorar e descrever os efeitos da ação e; 4) avaliar os resultados da ação.

Segundo Tripp, a pesquisa-ação, “[...] requer ação tanto nas áreas da prática quanto da pesquisa, de modo que, em maior ou menor medida, terá características tanto da prática rotineira quanto da pesquisa científica” (2005, p. 447).

Sendo assim, verifica-se que a pesquisa-ação é uma pesquisa, acima de tudo pedagógica, que atribui cientificidade à prática educativa. Desse modo, busca-se, neste trabalho, atender a determinados princípios formativos da pesquisa-ação sugeridos por Franco (2005, p. 489), tais como:

- A ação conjunta entre pesquisador-pesquisados;
- A realização da pesquisa em ambientes onde acontecem as próprias práticas;
- A organização de condições de autoformação aos sujeitos da ação;
- A criação de compromissos com o desenvolvimento de processos críticos-reflexivos sobre a realidade;
- Ressignificações coletivas das compreensões do grupo, articuladas com as condições sócio-históricas;
- O desenvolvimento cultural dos sujeitos.

A pesquisa-ação é indicada para o ambiente educacional, pois, além de investigar as problemáticas, oportuniza exercícios de aprimoramento da prática pedagógica. Dessa forma, consideramos este método significativo para a nossa pesquisa, por ser a pesquisa uma ação conjunta entre professor e aluno, onde o professor investiga a sua realidade.

## **4.2 Universo da Pesquisa**

A pesquisa deste estudo foi realizada em uma Escola Pública Estadual na cidade de Várzea Grande, pertencente à região metropolitana do estado de Mato Grosso e que está a 7 km a leste da capital Cuiabá, ocupando uma área territorial de 724,279 km<sup>2</sup>.

Várzea Grande é a segunda cidade mais populosa do estado, sua população é de 315.711 pessoas, segundo dados do Censo Demográfico do IBGE 2022. A cidade foi fundada em 1867 pelo presidente da província de Mato Grosso, Brigadeiro José Vieira Couto de Magalhães, no período da Guerra do Paraguai, como um acampamento militar para o aprisionamento de cidadãos paraguaios residentes em Cuiabá e cercanias. Com o fim do conflito, formou-se o povoado composto por soldados, prisioneiros paraguaios e vaqueiros. Em 1896, o povoado torna-se distrito de Cuiabá e se emancipa com a promulgação da lei estadual nº 126, de 23 de setembro de 1948.

A escola onde foi realizada a pesquisa fica situada no bairro Jardim Imperial, que é caracterizado como região periférica do município. A escola atende estudantes do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano), Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos. Atualmente, a instituição possui 834 estudantes matriculados, dos quais 530 estão no Ensino Fundamental.

Leciono nesta escola desde o ano de 2018 e nela realizei a pesquisa de trabalho de conclusão de curso da graduação. À época, quando iniciei os estudos sobre dança, encontrei nessa escola um ambiente acolhedor e afável, onde os alunos se mostraram dispostos e interessados. A escola encontra-se em uma comunidade carente, com poucas ofertas de experimentações esportivas, artísticas e culturais, o que faz da escola um dos poucos locais para essas apropriações.

A escolha dessa instituição de ensino se deu em decorrência da experiência exitosa que tive na pesquisa da graduação. Agora abriu-se, mais uma vez, a possibilidade de eu trabalhar a dança de uma forma mais aprofundada e, dessa vez, uma dança da cultura popular local, cheia de significados para os mato-grossenses e que gerou resultados significativos para esta pesquisa.

### **4.3 A Seleção do Tema da Pesquisa**

Esta etapa da pesquisa foi definida a partir de dois pontos. O primeiro se refere a um desejo antigo de uma movimentação cultural na escola no campo das artes, sobretudo, das expressões populares da cultura local.

Os alunos na faixa etária que a escola atende se interessam muito pelas práticas esportivas, aliás, é o conteúdo preferido nas aulas de Educação Física, tanto pelos meninos quanto pelas meninas. Com isso, os demais conteúdos da disciplina ganham menor consideração por parte deles.

Os fatores que certamente colaboram para a preferência dos esportes, além dos resquícios históricos que a disciplina carrega, é o fato de se ter anualmente na escola os jogos olímpicos escolares, além de haver eventos fora da escola, como jogos estudantis de esfera municipal e estadual. Esses eventos priorizam os esportes, e as outras práticas corporais desse componente curricular não recebem a mesma atenção, e isso se reflete na escola.

Nessa perspectiva, vi a oportunidade de desenvolver na escola um projeto que fosse uma proposta diferenciada, sobretudo, que evidenciasse aos alunos que a escola é local ideal para se ter práticas esportivas e não esportivas e que, naquele ambiente, caberia um espaço para a dança.

Outro fator que me direcionou para a escolha desse tema é a minha proximidade com a manifestação cultural do Siriri fora da escola. Como mencionado em meu percurso formativo, também sou dançarino, antes mesmo de ser professor. Assim, há alguns anos, conheci uma associação cultural que me apresentou a dança, a musicalidade e os instrumentos da dança de Siriri, além do conhecimento oral passado pelos chamados mestres da cultura popular.

Quando conheci o Siriri, foi como um reencontro com minhas raízes, com meus antepassados, no sentido de me sentir parte daquela cultura. Reconheci uma oportunidade de fortalecimento de minha identidade como mato-grossense, de saber quem sou, para onde posso ir e a quem pertencço.

Existia também um sentimento latente de preservação e expansão de uma manifestação cultural tão rica, que me fez escolher a dança de Siriri como uma proposta relevante a ser tratada no ambiente escolar.

Ao tratarmos a dança de Siriri em forma de projeto e não nas aulas de Educação Física, pensamos que, dessa forma, conseguiríamos trabalhar a dança de forma mais aprofundada. Isso até mesmo para darmos condições para que os estudantes participantes da pesquisa tivessem uma experiência que desse condições reais para que eles respondessem aos instrumentos de coleta, uma vez que a

disciplina possui pouca carga horária e demanda de outros conteúdos também relevantes.

#### 4.4 Os Participantes

Os sujeitos participantes foram alunos das turmas dos sextos e sétimos anos do ensino fundamental. Essas turmas foram selecionadas por razão de o Documento de Referência Curricular para o estado de Mato Grosso (DRC/MATO GROSSO, 2018) normatizar o trato das danças regionais e folclóricas do Mato Grosso nessas séries. O documento ressalta que:

Para as Orientações Curriculares do Mato Grosso da área de Linguagens nos Anos Finais do Ensino Fundamental, os estudantes devem experimentar e vivenciar os mais elaborados estilos de danças como: Danças populares, Danças folclóricas e Danças clássicas, entre outras [...] a dança tem uma função educativa que possibilita trabalhar no ambiente escolar seus elementos artísticos, educativos e culturais (MATO GROSSO, 2018, p. 148; 149).

O documento orienta que a dança de Siriri deve ser tratada na categoria de danças regionais e folclóricas “[...] o pagode; o siriri; o frevo; o vanerão; o carimbó, dentre outros” (MATO GROSSO, 2018, p. 150), salientando que as pluralidades, as tradições e as culturas de cada região brasileira resultam no folclore, seja de caráter religioso, apoiado em lendas ou na história.

Para o Documento Referencial Curricular de Mato Grosso, a dança tem uma função educativa que possibilita trabalhar no ambiente escolar seus elementos artísticos, educativos e culturais” (MATO GROSSO, 2018). Propõe-se o quadro organizacional para os anos finais do Ensino Fundamental, anexado a seguir (Figura 01):

**Figura 1** – Organização da unidade temática dança.

Unidade temática DANÇA					
Habilidades	Objetos de conhecimento	6º ano	7º ano	8º ano	9º ano
(EF67EF11) Experimentar, fruir e recriar danças urbanas, identificando seus elementos constitutivos (ritmo, espaço, gestos).	Danças de salão			I/A	A/C
(EF69EF12) Planejar e utilizar estratégias para aprender elementos constitutivos das danças.	Danças urbanas	I/A	A/C		
(EF69EF12.1MT) Analisar as características (ritmos, gestos, coreografias e músicas) das danças de salão, regionais, folclóricas e circulares bem como suas transformações históricas e os grupos de origem.	Danças regionais e folclóricas do Brasil	A	C		
(EF69EF12.2MT) Analisar e diferenciar os tipos de dança, valorizando e respeitando os sentidos e significados atribuídos a elas por diferentes grupos sociais, bem como suas transformações históricas e os grupos de origem.	Danças regionais e folclóricas do Mato Grosso	A	C		
(EF89EF12) Experimentar, fruir e recriar danças de salão, valorizando a diversidade cultural e respeitando a tradição dessas culturas.	Danças regionais e folclóricas do Mato Grosso	A	C		
(EF89EF13) Planejar e utilizar estratégias para se apropriar dos elementos constitutivos (ritmo, espaço, gestos) das danças de salão.					
(EF89EF14) Discutir estereótipos e preconceitos relativos às danças de salão e demais práticas corporais e propor alternativas para sua superação.	Danças circulares			I/A	A/C

**Fonte:** (MATO GROSSO, 2018, p. 149)

Em relação aos estudantes participantes da pesquisa, por serem menores de idade, receberam entre os dias 27 e 28 de junho de 2022 o “Termo de Assentimento Livre e Esclarecido” (APÊNDICE D), e seus responsáveis receberam o “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido” (APÊNDICE E).

Nesse contexto, as ações realizadas neste estudo contemplam as atividades do projeto “Conhecendo a dança de siriri na escola”, executadas no período de novembro a dezembro de 2022 e desenvolvidas por mim, professor de educação física dessa escola.

#### 4.5 O projeto: Conhecendo a Dança de Siriri na Escola

A pesquisa foi realizada por meio do projeto intitulado “Conhecendo a dança de siriri na escola”, onde o próprio professor/pesquisador foi o ministrante das aulas.

A escolha pelo desenvolvimento de um projeto para este estudo se deu à medida em que queríamos uma aproximação maior com os participantes da pesquisa. De forma que, com o tempo destinado às aulas de Educação Física, não seria possível repassar toda a simbologia da dança de Siriri, para que os alunos conseguissem ter essa aproximação e a possibilidade de identificação com a cultura local.

Ensinar e aprender por projetos aponta as possibilidades de oferecer aos alunos outra maneira de aprender, a partir de problemas advindos da realidade. A produção de conhecimento, para ter significado, precisa estabelecer relações com a vida dos alunos. A intenção é favorecer o desenvolvimento de estratégias de indagação, interpretação e apresentação do processo, o que requer investigar um tema por meio de um problema, que, por sua complexidade, favoreça o melhor conhecimento dos alunos, dos docentes, de si mesmos e do mundo (BEHRENS, 2015, p. 97).

O projeto foi desenvolvido ao longo de 15 horas/aula, o que possibilitou o trabalho da dança de Siriri na escola. As oficinas realizadas três vezes por semana, ao longo de cinco semanas, após o horário de aulas.

Foram ofertadas 24 vagas, das quais 12 eram destinadas para meninas e 12 para meninos, e o critério de escolha se deu por ordem de inscrição. Com o preenchimento das vagas ofertadas, foram encerradas as inscrições.

O referido projeto na escola foi contemplado com recurso no valor de R\$ 2.000 para o seu desenvolvimento, valor utilizado na compra de tecido para confecção de saias de Siriri e aquisição de chapéus de palha.

Compartilharemos, a seguir, o quadro organizacional das aulas com suas respectivas atividades, desenvolvidas no segundo semestre de 2022.

**Quadro 1:** Atividades desenvolvidas

Aula	Temática	Atividades
1	Introdução a dança de Siriri	Informações a respeito das oficinas, escolha pelos alunos dos melhores dias de realização, acordos e preenchimento do questionário de entrada.

2	Conhecendo os instrumentos	Origem, historicidade, vestimenta e significados.
3	Passo básico 1	Passo básico 1 e suas variações
4	Passo básico 2	Passo básico 2 e suas variações
5	Passo básico 3	Passo básico 3 e suas variações
6	Explorando os 3 passos básicos	Explorando os 3 passos básicos
7	Aprendendo a girar	Aprendendo giros e suas variações
8	Construção coreográfica pelos estudantes	Criação de coreografias em roda ou em fileira pelos estudantes
9	Conhecendo os bichos lendários	Conhecendo os bichos lendários do folclore mato-grossense. E a religiosidade por trás do siriri. Do sagrado ao profano.
10	Musicalidade do Siriri	Explorando a musicalidade
11	Construção de coreografia em roda	Explorando coreografias em roda com sugestões dos alunos.
12	Construção de coreografia em fileira	Explorando coreografias em fileiras com sugestões dos alunos.
13	Treinamento das coreografias criadas	Ensaio para apresentação na escola.
14	Ensaio para apresentação	Ensaio para a apresentação na escola.
15	A apresentação	Apresentação de dança de siriri dos alunos na culminância cultural da escola.

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Sobre os alunos participantes, após se inscreverem no projeto, foi possível construir um quadro a partir da lista de chamada do primeiro encontro.

**Quadro 2:** Número de estudantes inscritos

Turma	Dias de aulas	Horário das aulas	Nº de meninas	Nº de meninos	Total
6º ano	Segunda-feira	17h às 18h	04	02	06
7º ano	Terça-feira		05	03	08
	Quinta-feira				
Quantidade de estudantes			09	05	14

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Finalizamos a apresentação do lócus da pesquisa para seguirmos retratando as etapas de procedimento de análise de dados.

#### 4.6 Procedimentos para a Coleta de Dados

A coleta de dados, para Lakatos e Marconi (2019, p. 180), “[...] é a etapa da pesquisa em que se inicia a aplicação dos instrumentos selecionados, a fim de efetuar a coleta de dados previstos”. Na coleta de dados, buscam-se informações junto aos pesquisados, que fornecem dados necessários para se proceder à análise, obtendo, assim, os resultados da pesquisa.

Nesse contexto, no início de um processo de pesquisa-ação, necessita-se que o pesquisador esteja inserido no lócus da pesquisa, bem como no grupo-pesquisador participante. Sendo assim, encontrava-me integrado ao ambiente, uma vez que ministrava aulas para os alunos pesquisados e já atuava na escola há mais de três anos.

Thiollent (1986) aborda que, na pesquisa-ação, os pesquisadores desempenham um papel ativo na análise dos problemas encontrados, no acompanhamento e na avaliação das ações desencadeadas em função dos problemas. Sem dúvidas, a pesquisa-ação exige uma estrutura de relação entre pesquisadores e pesquisados que seja de tipo participativo. Assim, os problemas que forem surgindo no meio pesquisado devem ser resolvidos no percurso da pesquisa.

Para Severino (2007, p. 120), “ao mesmo tempo em que realiza um diagnóstico e a análise de uma determinada situação, a pesquisa-ação propõe ao conjunto de sujeitos envolvidos, mudanças que levem a um aprimoramento das práticas analisadas.”

A pesquisa-ação se faz como uma estratégia para o desenvolvimento de professores e pesquisadores, de modo que ambos possam obter percepções e compreensão do contexto do problema. Dessa forma, consideramos que a pesquisa-ação é uma estratégia metodológica da pesquisa social na qual:

- a) há uma ampla e explícita interação entre pesquisadores e pessoas implicadas na situação investigada;
- b) desta interação resulta a ordem de prioridade dos problemas a serem pesquisados e das soluções a serem encaminhadas sob forma de ação concreta;
- c) objeto de investigação não é constituído pelas pessoas e sim pela situação social e pelos problemas de diferentes naturezas encontrados nesta situação;
- d) objetivo da pesquisa-ação consiste em resolver ou, pelo menos, em esclarecer os problemas da situação observada;
- e) há, durante o processo, um acompanhamento das decisões, das ações e de toda a atividade internacional dos atores da situação;
- f) a pesquisa não se limita a uma forma de ação (risco de ativismo): pretende-se aumentar o conhecimento dos pesquisadores e o conhecimento ou o "nível de consciência" das pessoas e grupos considerados (THIOLLENT, 1986, p. 16).

Segundo Franco (2005), a pesquisa-ação requer o registro preciso e sistemático dos dados. Nesse processo, adotam-se as espirais cíclicas ou ciclos de ação-reflexão-ação, essenciais num trabalho investigativo de caráter pedagógico. Esse processo de reflexão contínua sobre a ação, junto aos colaboradores, permite a edificação de um ambiente formativo aos sujeitos pesquisadores

O processo de espiral cíclica divide-se em dois tempos: o primeiro diz respeito ao diagnóstico e é elaborado segundo a escuta sensível do que está sendo vivido; o segundo é referencial, isto é, recorre aos referenciais teóricos para apreciação de cada situação (FRANCO, 2005).

Durante o processo da pesquisa, que durou um bimestre, foi possível realizar apenas uma espiral cíclica ou ciclo de ação-reflexão-ação, em razão do calendário escolar e de outras ações que aconteceram simultaneamente ao desenvolvimento do projeto na escola.

A natureza cíclica da pesquisa-ação aponta para um vasto campo para correções e aprimoramento dos resultados de cada fase. Nesse período, cada último dado tende a alterar os números e estatísticas iniciais, que vão se tornando mais próximos da situação desejada (ROCHA, 2012).

Destacam-se os estudos do alemão Kurt Lewin (1890-1947), o precursor da pesquisa-ação, por meio de seus trabalhos de intervenção psicossocial. Para Lewin (1965), a pesquisa-ação consiste em:

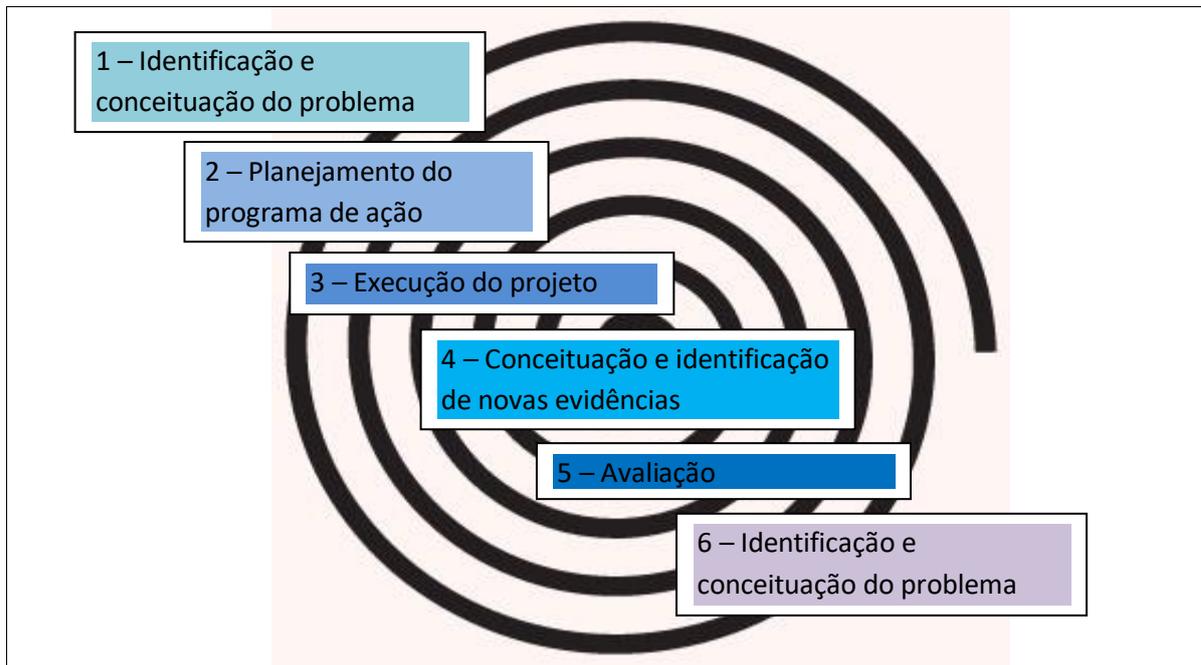
[...] análise, evidência e conceitualização sobre problemas; planejamento de programas de ação, executando-os e então mais evidências e avaliação; e então a repetição de todo esse círculo de atividades; certamente, uma espiral de tais círculos. Por meio dessa espiral de círculos, a pesquisa-ação cria condições sobre as quais comunidades de aprendizagem podem ser estabelecidas, ou seja, comunidades de investigadores comprometidos com a aprendizagem e compreensão de problemas e efeitos de sua própria ação estratégica e de fomento dessa ação estratégica na prática (LEWIN, 1965, p. 177).

Para Lewin (1946), a pesquisa-ação baseia-se em ciclos de espirais autorreflexivas. O processo começa com a fase de planejamento, que se inicia a partir da chamada ideia geral ou problema.

Rocha (2012) aborda em seus estudos uma sistematização dos ciclos de espirais embasada nos preceitos de Lewin (1946), organizada em fases. Dessa forma, esta pesquisa foi inspirada nessa organização.

Inspirados na proposta cíclica de Rocha (2012), elaboramos uma figura contendo de forma organizada as ações para a coleta de dados no que diz respeito à implementação da Metodologia da Problematização, Figura 2 – Representação do caráter cíclico da pesquisa-ação.

**Figura 2:** Representação do caráter cíclico da pesquisa-ação.



**Fonte:** Elaborado pelo autor

Nesse contexto, a espiral cíclica da pesquisa foi organizada da seguinte forma:

1 – Identificação e conceituação do problema: Há muito tempo, existia o interesse por parte da direção escolar e por mim de implantar um projeto na escola que tratasse da cultura regional, na perspectiva de ter ações na escola voltadas ao resgate, manutenção, proteção e valorização da cultura popular, bem como de outras formas de expressão da cultura popular brasileira. A escola possuía um grande déficit no que tange às questões levantadas e, dessa forma, identificamos o problema.

2 – Planejamento do programa de ação: A pesquisa de mestrado veio ao encontro do problema levantado e, dessa forma, surgiu a ideia do desenvolvimento do projeto “conhecendo a dança de siriri na escola” no segundo semestre de 2022. Para tanto, inicialmente, foram convidados apenas os alunos dos sextos e sétimos anos do ensino fundamental.

Feito o convite ao público-alvo, começamos a planejar as aulas de forma que, em 15 aulas, os alunos pudessem compreender a dança de Siriri, com uma sequência didática embasada nas três dimensões: conceitual, procedimental e atitudinal.

3 – Execução do projeto: Antes do início das atividades do projeto, apliquei um questionário com perguntas abertas e fechadas aos alunos colaboradores da pesquisa, com o intuito de diagnóstico do conhecimento prévio dos alunos sobre o

tema do estudo. Em seguida, começamos a executar os planejamentos de aulas, iniciando com a conceituação da dança de Siriri, com reflexões a cada plano de aula executado.

4 – Conceituação e identificação de novas evidências: Na finalização de cada aula e no início da aula seguinte, nos reuníamos em roda e recordávamos alguns conceitos, bem como o que tinha sido aprendido e o que precisávamos fazer diferente para deixarmos a aula ainda mais interessante.

5 – Avaliação: Nas últimas aulas do projeto, idealizamos (Professor/alunos) uma apresentação artística no evento cultural da escola, que se expandiu em três apresentações dos alunos, sendo duas na escola, uma na festa cultural e outra na abertura dos jogos olímpicos da escola, e uma apresentação fora da escola, em um evento da Seduc/MT de encontro entre gestores. Ao término das apresentações, nos reunimos em uma roda de conversa para que os alunos relatassem sobre o que sentiram ao se apresentar.

No término das ações, foi aplicado um questionário de saída com perguntas abertas com o intuito de verificar o olhar dos alunos diante da experiência vivida no projeto. Esse ciclo se finalizou ao término do 4º bimestre de 2022.

Rocha (2012, p. 18) ressalta que:

A pesquisa-ação, em outras palavras, abarca um processo empírico que compreende a identificação e conceituação de um problema, o planejamento do programa de ação a partir da análise e significação dos dados levantados pelos participantes. Em seguida temos a execução do programa de ação, intervindo na prática no sentido de provocar a transformação. Feito isso, conceitua-se as novas evidências decorrentes das ações executadas, avalia-se o quadro e então o ciclo se repete.

Nesse contexto, Domingos (1994) afirma, “A pesquisa-ação não é o estudo do que os outros fazem, mas o de nossas próprias práticas” (DOMINGOS, 1994, p. 9). Usando esse conceito, podemos dizer que nesse tipo de estudo, a priori, seria um processo de aprender coletivo de um determinado grupo e em uma determinada situação.

A pesquisa-ação é, na verdade, uma intervenção social que não se limita apenas em descrever e teorizar sobre um problema social do cotidiano real das pessoas, mas em resolvê-lo, efetivamente, enquanto uma prática-teoria que transforma a realidade e contribui para a superação de uma situação-problema.

Para a coleta de dados, foram utilizados os seguintes instrumentos: o questionário de entrada, com cinco perguntas abertas e fechadas; o questionário de saída, com quatro perguntas abertas; e os registros nas fichas de observação do pesquisador.

#### **4.6.1 Instrumentos de coleta de dados**

##### **a) O Questionário**

Cruz (2011) explica que o questionário é um instrumento que deve ser elaborado a partir dos objetivos propostos na pesquisa. Para Gerhard (2009, p. 69), o questionário:

É um instrumento de coleta de dados constituído por uma série ordenada de perguntas que devem ser respondidas por escrito pelo informante, sem a presença do pesquisador. Objetiva levantar opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas. A linguagem utilizada no questionário deve ser simples e direta, para que quem vá responder compreenda com clareza o que está sendo perguntado.

Na mesma lógica, Gil (1999, p.128) reforça, afirmando que o questionário pode ser definido “como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc”.

Em um primeiro momento, utilizamos o questionário de entrada, com intuito de traçar diagnóstico dos participantes da pesquisa. Assim, o aplicamos antes do início das oficinas de dança.

Ao término das atividades do projeto aplicamos o questionário de saída. A aplicação de dois questionários é comum em pesquisas com caráter de pesquisa-ação para verificar a percepção dos estudantes antes e após as intervenções. Como a pesquisa-ação tem caráter cíclico, o pesquisador identificará o problema e tentará superá-lo, na perspectiva da ação e reflexão.

O questionário foi elaborado com perguntas abertas e fechadas. Sobre essa técnica, Chaer et al. (2011) ressalta:

As perguntas abertas são aquelas que permitem liberdade ilimitada de respostas ao informante. Nelas poderá ser utilizada linguagem própria do respondente. Elas trazem a vantagem de não haver influência das respostas pré-estabelecidas pelo pesquisador, pois o informante escreverá aquilo que lhe vier à mente. [...] Já as perguntas fechadas trarão alternativas específicas para que o informante escolha uma delas (CHAER et al., 2011, p. 12).

Os autores trazem que as perguntas fechadas podem ser de múltipla escolha ou apenas dicotômicas, nesse caso, trazendo apenas duas opções, a exemplo de: sim ou não; favorável ou contrário (CHAER et al., 2011).

Desse modo, elaboramos o questionário de entrada com 5 perguntas entre abertas e fechadas e o questionário de saída com 4 perguntas abertas.

Apresentamos o questionário de entrada (APÊNDICE I). Nele constam, além da parte destinada à identificação dos estudantes, as seguintes questões:

1. O que você compreende sobre cultura?
  - A) ( ) Conjunto de regras estabelecidas por um líder;
  - B) ( ) Relações de apego que temos com tudo o que é comprado;
  - C) ( ) É tudo o que o homem deixa de produzir, deixa de fazer e deixa de pensar;
  - D) ( ) Conjunto de tradições, crenças e costumes de determinado grupo social.
2. Na sua opinião, quais as características do povo mato-grossense?
3. O siriri está presente em sua comunidade? Já conhece a dança? Se sim, de onde, comente.
4. Quais desses instrumentos pertencem a manifestação da dança de siriri?
  - A) ( ) Pandeiro, atabaque e berimbau;
  - B) ( ) Violão, viola e violino;
  - C) ( ) Viola de cocho, mocho e ganzá;
  - D) ( ) Sanfona, zabumba e triângulo.
5. O que te chamou a atenção para a participação neste projeto e o que espera aprender?

Segue também o questionário de saída (APÊNDICE J), com as seguintes questões:

1. Acredita que o siriri faz parte da identidade do mato-grossense? Comente.

2. Quais aprendizados durante o projeto você poderia destacar sobre a manifestação cultural da dança de siriri?
3. Quais foram suas maiores dificuldades ou algo que te desafiou?
4. O que achou do projeto “Conhecendo a dança de siriri na escola”?

A aplicação dos questionários foi realizada em uma sala ampla da escola. As mesas com acentos foram devidamente separadas, de forma com que um estudante não pudesse ter contato visual com o questionário do outro. O silêncio foi preservado. Nesse contexto, foi explicado aos estudantes sobre as questões abertas e fechadas e fizemos a leitura das perguntas. Os alunos que terminavam de responder permaneciam sentados e em silêncio até que todos respondessem e entregassem os questionários ao pesquisador.

#### **b) A Observação participante**

Outro instrumento de coleta de dados que consideramos relevante à nossa pesquisa é a observação participante, uma vez que, na metodologia pesquisa-ação, o pesquisador está inserido no campo investigado, tornando-se parte do universo da pesquisa.

Para Lankshaer (2008), a observação na pesquisa consiste na:

Observação de “momentos da vida cotidiana registradas, cuidadosa e sistematicamente, geram relatos realmente detalhados de situações, raramente obtidas em entrevistas”. Além disso, tais observações podem trazer profundos esclarecimentos sobre a prática. Os eventos e os processos sociais, [...] as etnografias, os estudos de casos e as abordagens de pesquisa-ação costumam fazer o uso de observação, para construir relatos fartamente descritivos, interpretados a partir de eventos, práticas ou culturas, no decorrer do tempo (LANKSHAER, 2008, p. 187).

O roteiro de observação (APÊNDICE K) contendo em sua estrutura data, turma e atividade proposta, apresentou as seguintes questões:

1. Destaque o momento em que os alunos tiveram maior interesse e participação na aula.
2. Quais as maiores dificuldades apresentadas pelos alunos no decorrer da aula?
3. Algum caso específico que chamou a atenção?

#### 4. Observações gerais do pesquisador:

No total, foram produzidos 15 roteiros de observação, sendo um para cada aula.

### 4.7 Procedimentos para a análise de dados

Em um trabalho científico, o pesquisador deve necessariamente coletar dados e informações, os quais, depois de analisados, permitirão o entendimento do problema (CRUZ, 2011, p. 19).

Para Del-Masso et al. (2014, p. 02), “A análise dos dados se torna um processo de significado ao que os indivíduos disseram e o que você viu observou e/ou leu”.

A análise e a discussão dos resultados obtidos por meio da pesquisa de campo tiveram como natureza a abordagem qualitativa e se deram a partir da tabulação dos dados obtidos que, posteriormente, foram confrontados, respaldados nos referenciais teóricos que subsidiaram o estudo.

Ainda sobre a abordagem de natureza qualitativa, segundo Ludke e Marli (1986, p. 11), “[...] a pesquisa qualitativa supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada, via de regra, através do trabalho intensivo de campo”.

Para respondermos aos objetivos da pesquisa, organizamos a etapa da análise de dados em 4 momentos, como podemos ver na sequência:

#### Quadro 3: Momentos da análise de dados

Momentos da análise de dados	
1º Momento	Análise da observação das primeiras impressões dos estudantes
2º Momento	Análise das respostas do questionário de entrada
3º Momento	Análise da observação sobre a execução dos planos de aulas
4º Momento	Análise das respostas do questionário de saída

**Fonte:** Elaborado pelo autor

No próximo capítulo, analisaremos e discutiremos os resultados obtidos nesses 4 momentos da pesquisa. Nesse processo, trouxemos referenciais teóricos que

puderam nos auxiliar a buscar respostas ao problema<sup>2</sup> exposto, elucidando o objetivo da nossa pesquisa.

---

<sup>2</sup> Quais as possibilidades na aplicação da dança de siriri em um contexto escolar com alunos que podem ou não se identificar como parte da cultura popular local?

## 5. DA TEORIA À PRÁTICA: RESULTADOS E DISCUSSÕES

Tendo definido as etapas da pesquisa, a exemplo da temática de pesquisa, o problema, o objetivo, o lócus da pesquisa, os participantes e realizada toda a parte burocrática de documentação para autorização para realização da pesquisa na escola, bem como da aprovação do comitê de ética, chegava o momento de a teoria se tornar prática e de fazer com que o descrito nos papéis se materializasse em ações.

### 5.1 Análise da observação das primeiras impressões dos estudantes

Uma das maiores dificuldades que podemos destacar em desenvolver temáticas da cultura regional na escola é o fato de os estudantes demonstrarem, em um primeiro momento, pouco interesse.

Percebe-se que existe uma cultura instalada de supervalorização das músicas e danças de outras regiões e até mesmo de outros países, como se a cultura do outro, por estar em visibilidade nas mídias, tivesse mais “valor”. Dessa forma, nossos estudantes (em sua maioria) podem se mostrar mais conectados na cultura do outro do que em sua cultura de origem.

Observamos que os alunos dançam na escola (lócus da pesquisa) o “Funk”, replicam danças do “TikTok”, dançam o “K-pop” da Coreia do Sul e provavelmente dançarão outros estilos que futuramente surgirão nas mídias, fortalecendo a chamada Cultura de Massa<sup>3</sup>. No entanto, sentem vergonha de dançar as danças populares da cultura local, que animam, muitas vezes, as festanças realizadas em seu berço familiar ou em sua comunidade.

A tecnologia permeia a vida dos estudantes, e a geração atual lida muito bem com os meios tecnológicos. Desse modo, o professor não deve “lutar” contra a tecnologia, mas sim utilizá-la a seu favor, difundindo por meio dela os conhecimentos da cultura local.

---

<sup>3</sup> A cultura de massa surgiu em meados dos anos 1960, em plena ascensão do pós-modernismo e da sociedade industrial, e consolidou-se nos anos 1970/80 com o respaldo dos meios de comunicação e da Indústria Cultural. O pós-modernismo invadiu o cotidiano da massa e do indivíduo com a tecnologia eletrônica, visando à sua saturação com informações, diversões e serviços. Sua moral é hedonista - os valores enraizados no consumo. Para a sociedade da era moderna, os valores estavam ligados à produção; hoje, na sociedade pós-moderna, os valores estão voltados para o consumo; do altar da indústria cultural saem as fábricas e erguem-se os shoppings (SOUZA; SANTANA, 2004, p. 1).

A tecnologia tornou-se uma necessidade na vida das pessoas por todo o mundo, e a escola deve se preparar para essa realidade.

Para Almeida (2000):

Nós, educadores, temos de nos preparar e preparar nossos alunos para enfrentar exigências desta nova tecnologia, e de todas que estão a sua volta – A TV, o vídeo, a telefonia celular. A informática aplicada à educação tem dimensões mais profundas que não aparecem à primeira vista (ALMEIDA, 2000, p. 78).

O problema não é a tecnologia, mas sim a cultura de massa. Nesse contexto, a cultura popular, por ser da comunidade, do povo e para o povo, é inferiorizada, pois os valores foram direcionados para os modismos vendidos pela cultura de massa:

A cultura de massa se aproveita desse viés e busca seus valores na cultura popular para estabelecer uma nova realidade e difundi-la para além dos guetos. Cria-se, assim, uma espécie de cultura universal, padronizada, unitária. Diferente da cultura popular, ela tem os meios de comunicação a seu favor para disseminar rápida e amplamente os novos padrões que determina (SOUZA; SANTANA, 2004, p. 2).

Nesse sentido, nossos estudantes são diretamente influenciados pela cultura de massa, sobretudo, pelo avanço do capitalismo que introduziu outros elementos culturais na vida das pessoas e minimizou as manifestações regionais.

Diante da dificuldade apresentada, fizemos pessoalmente o convite aos alunos das turmas de 6º e 7º anos (dos turnos matutino e vespertino) para participação nas oficinas do projeto “Conhecendo a dança de siriri na escola”. A expectativa era de conseguirmos 12 meninos e 12 meninas, almejando assim uma turma com 24 estudantes.

Em um primeiro momento, os estudantes se mostraram empolgados com a participação. Assim, realizamos uma quantidade de inscrições acima do número de vagas pensadas inicialmente, até mesmo para substituímos algum aluno que quisesse desistir no decorrer do processo. No entanto, no primeiro encontro, como exposto no quadro 1 desse trabalho, compareceram somente 14 estudantes, dos quais 9 meninas e 5 meninos.

Desse modo, exibiremos um quadro para melhor visualizar e discutir a questão levantada.

**Quadro 4:** Estudantes participantes da pesquisa

Gênero	Quantidade de estudantes
Feminino	9
Masculino	5
Total	14

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Conseguimos analisar dois pontos a partir do exposto. Um deles seria a falta de interesse dos alunos por práticas não esportivas, e outro ponto é referente à baixa participação dos meninos em atividades rítmicas e expressivas. Pontos que discutiremos na sequência.

Ao refletimos, notamos que a Educação Física possui um rico e vasto conteúdo, onde ao longo dos anos, o ser humano criou diversas manifestações corporais, como brincadeiras, jogos, esportes, ginásticas, lutas, dança etc. Um patrimônio diversificado da humanidade pronto para ser transmitido na escola, mesmo que, por muitas vezes, não seja observado nas aulas de Educação Física, onde ainda temos professores com resquícios da concepção esportivista e que continuam restringindo certos conteúdos.

Bracht e Almeida (2003) recordam o período da ditadura militar em que as aulas de Educação Física na escola viraram sinônimo de “esporte”:

Se nos reportarmos à recente história da educação física brasileira, notadamente a partir da década de 1970, constatamos que as políticas públicas, principalmente a federal, encaminhou uma incorporação do esporte escolar ao sistema esportivo nacional, sendo aquele, em muitos casos, orientado pelos órgãos que possuem vinculações com o sistema esportivo stricto sensu. Estabeleceu-se uma relação de mútuo condicionamento: ao componente curricular educação física é colocada a tarefa de funcionar como o alicerce do esporte de rendimento, sendo considerado a base da pirâmide; e a instituição esportiva, com o discurso da saúde e da educação, lança mão desses argumentos para conseguir apoio e financiamento público e alcançar legitimidade social (BRACHT; ALMEIDA, 2003, p. 91).

Historicamente o esporte ganhou um espaço quase que hegemônico nas aulas de Educação Física, sendo inclusive preferência de grande parte dos estudantes com a faixa etária dos participantes desta pesquisa.

Desse modo, algumas práticas pedagógicas podem influenciar estudantes, reforçando a ideia da negação a práticas corporais da Educação Física que não sejam as esportivas, sobretudo, as mais tradicionais, como por exemplo, futebol, voleibol, handebol e basquete.

Neira (2018) nos convida a refletir sobre a importância de se equilibrar as práticas corporais nas aulas de Educação Física e alerta para o fato de que essas práticas devem considerar o patrimônio de identidade cultural do aluno.

Se a pretensão é valorizar as identidades sociais por meio do reconhecimento do seu patrimônio cultural corporal, o currículo precisa contemplar manifestações de origens, participantes, locais de prática, formatos e significados distintos. Trata-se, portanto, de atentar para uma distribuição equilibrada das práticas corporais a serem tematizadas (NEIRA, 2018, p. 18).

Os estudos de Daolio (2004) apontam que a Educação Física passou por grandes transformações a partir da década de 1980, período em que o predomínio biológico começou a ser questionado. O autor ressalta que a Educação Física de hoje divide-se entre os conhecimentos provindos da área biológica, da atividade física e do esporte e de áreas que abordam a questão sociocultural e as ciências humanas.

Fazendo uma ponte entre a transformação da Educação Física, sobretudo, nas últimas quatro décadas e a pouca participação de meninos em atividades rítmicas e expressivas, consideramos que ainda temos muito o que avançar na perspectiva cultural da Educação Física. Isso porque ela considera “[...] aspectos simbólicos, estimulando estudos e reflexões sobre a estética, a beleza, a subjetividade, a expressividade, a relação com a arte, enfim, o significado” (DAOLIO, 2004, p. 10).

Podemos apontar certa resistência de meninos em participar de atividades rítmicas e dança, muitas vezes em razão de preconceitos existentes ainda hoje em relação à dança. Nesse viés, concordamos com Marques (2012) que ressalta o preconceito existente ainda hoje na sociedade, já que “(...) não são poucos os pais de alunos (gênero masculino), e os próprios alunos, que ainda consideram a dança “coisa de mulher” (Marques, 2012, p. 22). A autora questiona essa visão em relação à dança em um país como o nosso, onde encontramos inúmeros grupos de dança e trios elétricos formados majoritariamente por homens no carnaval. O mesmo acontece com as danças de salão que o Brasil exporta para todo mundo, bem como as danças de rua, a capoeira e tantas outras manifestações, situações em que a dança não está associada ao corpo e a movimentos delicados de uma bailarina clássica, mas, ao contrário, mostra a virilidade, a força e a identidade cultural do homem brasileiro.

Nesse contexto, o professor pode ser o mediador na quebra de preconceitos em relação à dança, de modo a despertar nos alunos o interesse pela dança, trazendo

discussões relevantes sobre essa temática e deixando bem claro que o homem também dança.

Segundo Marques (2012), a transmissão das danças populares via escola seria também uma das formas de preservar, até mesmo conservar a dita “identidade alegre brasileira” que estaria sendo engolida, sobretudo, pela globalização e pelos meios de comunicação de massa. A autora acredita que as danças das mídias estariam dissociando o jovem brasileiro de sua “essência” verde amarela. Desse modo, enfraquecendo a tentativa das escolas (e dos planos nacionais de educação) de “resgate” das danças populares.

Sobre essa discussão, Campos (1997) corrobora:

[...] precisamos romper com as práticas do clientelismo cultural, é preciso desmontar privilégios produzidos pela indústria cultural, mas privilegiar as coisas nossas, da nossa terra, do nosso povo; respeitar outras culturas é um dever, agora copiá-las, ou imitá-las é ferir os princípios da cidadania do povo. Mas como tentar aos poucos a desestruturação destes vícios? Através da conscientização que deve passar pelos bancos escolares, pelos debates nas comunidades, entidades de base, igrejas, sindicatos etc. (CAMPOS, 1997, p. 12).

Percebemos que atualmente devemos enxergar a tecnologia como uma aliada, que o professor deve explorá-la no trabalho com seus alunos, tornando possível a aquisição e ampliação de conhecimentos. Dessa forma, os meios tecnológicos serão facilitadores no processo do desenvolvimento intelectual do aluno dentro e fora da sala de aula.

Souza (2011) corrobora com esse estudo ao relatar:

Desse modo, é de se esperar que a escola, tenha que “se reinventar”, se desejar sobreviver como instituição educacional. É essencial que o professor se aproprie de gama de saberes advindos com a presença das tecnologias digitais da informação e da comunicação para que estes possam ser sistematizadas em sua prática pedagógica. A aplicação e mediação que o docente faz em sua prática pedagógica do computador e das ferramentas multimídia em sala de aula, depende, em parte, de como ele entende esse processo de transformação e de como ele se sente em relação a isso, se ele vê todo esse processo como algo benéfico, que pode ser favorável ao seu trabalho, ou se ele se sente ameaçado e acuado por essas mudanças (SOUSA, et. al., 2011, p. 20).

O professor tem à sua disposição uma série de ferramentas que podem ser utilizadas a seu favor e, dessa forma, incrementar sua prática pedagógica.

## 5.2 Análise do questionário de entrada

Para preservar a identidade dos estudantes participantes da pesquisa, organizamos, a exemplo, o seguinte esquema “F1.7º”. A letra “F” corresponde a estudante do gênero feminino, seguido de um número que corresponde à ordem alfabética, podendo ser de 1 a 9, a letra. Outro exemplo que segue é o “M1.7º”, no qual a letra M corresponde ao estudante do gênero masculino, respectivamente, podendo ser de 1 a 5, e, por fim, a turma à qual pertencem.

Podemos visualizar a organização dos estudantes participantes do questionário de entrada no quadro 5:

**Quadro 5:** Participantes do questionário de entrada

Estudantes 6º anos		Estudantes 7º anos	
Meninos	Meninas	Meninos	Meninas
M1.6º	F2.6º	M2.7º	F1.7º
M3.6º	F5.6º	M4.7º	F3.7º
	F6.6º	M5.7º	F4.7º
	F7.6º		F9.6º
	F8.6º		

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Organizamos perguntas e respostas em quadros para melhor visualização, em que discutiremos e fundamentaremos as respostas que mais chamaram a atenção, no ponto de vista de colaboração para esta pesquisa.

Segue o primeiro questionamento, uma pergunta fechada: “O que você compreende sobre cultura?”. Das 4 alternativas disponíveis, os estudantes deveriam marcar somente uma opção. As alternativas foram as seguintes:

“Conjunto de regras estabelecidas por um líder”; “Relações de apego que temos com tudo o que é comprado”; “É tudo o que o homem deixa de produzir, deixa de fazer e deixa de pensar” ou “Conjunto de tradições, crenças e costumes de determinado grupo social”.

**Quadro 6:** Primeira questão do questionário de entrada

1) O que você compreende sobre cultura?	
Estudantes	Respostas

F1.7º	Conjunto de tradições, crenças, e costumes de determinado grupo social
F2.6º	Conjunto de tradições, crenças, e costumes de determinado grupo social
F3.7º	Conjunto de tradições, crenças, e costumes de determinado grupo social
F4.7º	Conjunto de tradições, crenças, e costumes de determinado grupo social
F5.6º	Conjunto de tradições, crenças, e costumes de determinado grupo social
F6.6º	Conjunto de tradições, crenças, e costumes de determinado grupo social
F7.6º	Conjunto de tradições, crenças, e costumes de determinado grupo social
F8.6º	Conjunto de tradições, crenças, e costumes de determinado grupo social
F9.6º	Conjunto de tradições, crenças, e costumes de determinado grupo social
M1.6º	Conjunto de regras estabelecidas por um líder
M2.7º	Conjunto de tradições, crenças, e costumes de determinado grupo social
M3.6º	Conjunto de tradições, crenças, e costumes de determinado grupo social
M4.7º	Conjunto de tradições, crenças, e costumes de determinado grupo social
M5.7º	Conjunto de tradições, crenças, e costumes de determinado grupo social

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Ao analisarmos o entendimento dos estudantes sobre o conceito de cultura, verificamos que seria relevante trazeremos a eles a compreensão da diversidade cultural enraizada na dança de Siriri, desde a sua origem. Isso porque sobretudo a escola se faz como um local do encontro das diversidades.

Para Ribeiro (2015):

A escola é um ambiente sociocultural, em que é presumível o encontro na diversidade. Ela é ao mesmo tempo, um lugar caracterizado por símbolos, crenças, valores e grande diversidade de culturas. Nesse contexto, a abordagem sobre a diversidade cultural no ambiente escolar é muito importante, pois, desafia a escola a rever pontos de vistas e modelos utilizados como padrão, e também instituir espaços inclusivos, de modo a respeitar e valorizar a diversidade cultural dos alunos (RIBEIRO, 2015, p. 3).

Quanto às respostas, com exceção de um estudante, todos os demais concordaram com a opção “Conjunto de tradições, crenças e costumes de determinado grupo social”.

O conceito de cultura é realizado constantemente na Educação Física, sobretudo, nas últimas décadas. Para Daolio (2004), o termo “cultura” faz parte da

Educação Física, em que o termo “cultura corporal de movimento” é muito utilizado atualmente.

Daolio (2001) ressalta que a Educação Física é constantemente ressignificada:

A Educação Física não lida somente com o corpo ou com o movimento humano, não sendo esses seus objetivos de estudo, conforme foi pensado durante décadas, e ainda hoje é defendido por algumas correntes teóricas. A Educação Física lida com uma cultura relacionada às questões corporais, cultura essa que foi criada e sistematizada pelo homem desde seu surgimento, sendo constantemente atualizada e ressignificada (DAOLIO, 2001, p. 32).

Para o autor, o profissional de Educação Física não atua sobre o corpo ou com o movimento em si, assim como não trabalha com o esporte em si e não lida com a ginástica em si. “[...] Ele trata do ser humano nas suas manifestações culturais relacionadas ao corpo e ao movimento humanos, historicamente definidos como jogo, esporte, dança, luta e ginástica (DAOLIO, 2004, p. 2; 3).

Sendo analisada em um sentido crítico, atualmente, a Educação Física atua na e sobre a cultura. Desse modo, a cultura se relaciona com o movimento, na qual estamos imersos.

Na segunda questão do questionário de entrada, perguntamos sobre as características do povo mato-grossense.

#### Quadro 7: Segunda questão do questionário de entrada

<b>1) Em sua opinião, quais as características do povo mato-grossense?</b>	
Estudantes	Respostas
F1.7º	Ser mato-grossense é sempre comer peixe.
F2.6º	Comer frango com pequi e se acostumar com o calor.
F3.7º	Sotaque, estilo, jeito de se vestir e os costumes.
F4.7º	O sotaque e ter os costumes das tradições.
F5.6º	Ser trabalhador.
F6.6º	Morar em Mato Grosso.
F7.6º	Ser trabalhador.
F8.6º	A fala, seguir as tradições, comer peixe.
F9.6º	A fala, o estilo, pescar.
M1.6º	NÃO RESPONDEU
M2.7º	Pescar e dançar as danças mato-grossenses.
M3.6º	NÃO RESPONDEU

M4.7º	Uma pessoa muito feliz pelo que eu sou mato-grossense e por causa do meu pai que é do Mato Grosso isso me faz ser mato-grossense.
M5.7º	Comer peixe, viver no Estado.

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Elaboramos essa questão no intuito de fazer com que os estudantes refletissem sobre o que caracteriza o ser mato-grossense, na perspectiva da identificação com a cultural local.

Sobre as respostas, destacamos os estudantes F3.7º “Sotaque, estilo, jeito de se vestir e os costumes”, F4.7º “O sotaque e ter os costumes das tradições”, e F8.6º “A fala, seguir as tradições, comer peixe”.

Para esse diálogo, trazemos Brayner (2012), que salienta:

Quando alguém é identificado como wajãpi, por exemplo, apresenta uma série de características desse povo indígena como o jeito de falar, o uso de adereços ou pinturas no corpo, o modo de construir casas, as formas de celebrar, de narrar os mitos que são contados pelos mais velhos aos mais jovens. No Brasil existem cerca de 220 povos indígenas diferentes, com costumes, tradições, línguas e história também diferentes. Quanto mais se conhece e aprende sobre esses povos, mais se aprende a identificar e valorizar as diferenças entre eles (BRAYNER, 2012, p. 8).

Para Brayner (2012), o modo de ser de uma pessoa, sua cultura, vai muito além das aparências que reconhecemos à primeira vista, retratado no seu modo de vestir, nos seus costumes e nas suas crenças. Desse modo, acreditamos ser relevante o estudante identificar elementos que caracterizam suas raízes de origem.

Ao reconhecer que todos os povos produzem cultura e que cada um tem um modo diferente de se expressar, seremos capazes de aceitar toda a diversidade cultural existente em nosso país e reconhecer que não existem culturas melhores que as outras, mas sim, culturas diferentes. Essa é uma consciência necessária para se defender dos preconceitos.

Destacamos também as falas dos estudantes. F1.7º “Ser mato-grossense, é sempre comer peixe”. F2.6º “Comer frango com pequi e se acostumar com o calor”. F9.6º “A fala, o estilo, pescar”, M2.7º “Pescar, e dançar as danças mato-grossenses” e M5.7º “Comer peixe, viver no Estado”. Os estudantes citam que, dentre as características do mato-grossense, chama a atenção o modo de vida, os costumes e a alimentação, representada pelo “peixe”.

Os estudantes F5.6º e F7.6º que responderam “Ser trabalhador” evidenciaram o hábito de trabalhar como um fator de identificação.

A Cultura implica modos de viver: o alimento, o vestuário, a relação homem mulher, a habitação, os hábitos de limpeza, as práticas de cura, as relações de parentesco, a divisão de tarefas durante a jornada e, simultaneamente as crenças, os cantos, as danças, os jogos, a caça, a pesca, o fumo, a bebida, os provérbios, os modos de cumprimentar, as palavras, os tabus, os eufemismos, o modo de olhar, o modo de sentir, as promessas, as festas do padroeiro, o modo de criar galinha e porco, os modos de plantar feijão, milho, mandioca, o conhecimento, o tempo, o modo de rir e de chorar, de agredir e de consolar (BOSI, 1979).

Muitos estudantes podem não se reconhecer como parte de sua cultura de origem, diante do alcance da cultura midiática. Sobre isso, Marques (2012, p. 164) aborda que a maioria dos alunos paulistanos, por exemplo, não conhecem sequer a origem de danças tradicionais de sua região como o samba, nem a história do forró, tampouco o sapateado do fandango, contudo, boa parte deles sabe os passos das danças urbanas e suas músicas em inglês. A autora defende que isso não significa que perdemos nossas particularidades, mas que estamos sendo incapazes de articular passado e presente para construir um futuro.

Na terceira questão, perguntamos se o Siriri estaria presente na comunidade onde os participantes viviam e se eles conheciam essa manifestação.

**Quadro 8:** Terceira questão do questionário de entrada

<b>2) O siriri está presente em sua comunidade? Já conhece a dança? Se sim, de onde? Comente.</b>	
<b>Estudantes</b>	<b>Respostas</b>
F1.7º	Sim, na escola.
F2.6º	Não. Sim, conheço da TV.
F3.7º	Não. Sim, de um projeto escolar chamado E. T. A.
F4.7º	Sim, sim, eu conheço pelas reportagens.
F5.6º	Sim, eu conheci a dança na escola.
F6.6º	Sim, sim, meu pai comentou.
F7.6º	Não, eu não conheço a dança, estou conhecendo agora.
F8.6º	Não. Sim, do acamis, minha prima já falou pra mim.
F9.6º	Não está presente e não conhecia a dança.

M1.6º	Não, não.
M2.7º	Sim, de um projeto chamado ACAMIS.
M3.6º	Não. Sim, Acamis.
M4.7º	Sim, eu conheço porque eu danço ele todos os dias, eu falo que eu conheço do Mato Grosso.
M5.7º	Sim, da escola.

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Essa questão foi elaborada na perspectiva de identificar se os estudantes iniciantes das oficinas tinham alguma vivência anterior da dança de Siriri, respostas que ajudariam a nortear os planos de aulas.

Desse modo, obtivemos diferentes respostas de alunos que tinham vivenciado o Siriri, uma vez que conheciam a dança por meio de um projeto social existente em sua comunidade, e outros que conheciam somente por meio das mídias.

Outra questão trazida é se a dança de Siriri se fazia presente na comunidade onde os estudantes viviam. Com exceção dos alunos que frequentavam os projetos sociais, os demais descreveram que o Siriri não se fazia presente em sua comunidade.

Atualmente, grande parte dos grupos de Siriri existentes em Cuiabá e baixada cuiabana estão organizados como associações e se concentram nas comunidades ribeirinhas, na zona urbana e na zona rural.

O diálogo que trazemos é da importância do papel da escola no resgate da cultura local, uma vez que o ambiente escolar pode ser o único espaço em que o estudante poderá ter acesso a bens culturais. Segundo Grandó (2005):

[...] Num tempo dominado pelos problemas da globalização, o conhecimento do que é local revela-se decisivo para que se possa estabelecer uma relação adequada entre aquilo que percorre todo o mundo, e onde a economia anima as atividades da vida, e aquilo que participa da vida de cada um na dimensão e escala possível de sua existência (GRANDÓ, 2005, p. 3).

Nesse sentido, nos aprofundamos no questionamento sobre qual o papel da escola frente à diversidade cultural?

Apesar de todas as críticas a esse modelo normatizador e homogeneizador da instituição de ensino, ninguém discorda que a educação escolar tem um papel fundamental a desempenhar na construção e na valorização de um mundo verdadeiramente plural, onde caibam todos e todas, onde todas as culturas, etnias e identidades sejam respeitadas. Nessa perspectiva, o que

se critica aqui não é a escola, mas a forma como tradicionalmente nós a entendemos (ANDRADE, 2009, p. 42).

A diversidade cultural sempre existiu na vasta miscigenação do povo brasileiro, e essa diversidade se reflete na escola. Na escola necessita-se promover diálogos de respeito às diferenças na tentativa de quebrar paradigmas de superioridade ou inferioridade de algum grupo sobre o outro.

Esses diálogos foram ocorrendo com os estudantes participantes da pesquisa na medida do andamento das oficinas. Ensinar aos estudantes a respeitar as diferenças é o ponto de partida para a construção de relações entre as diferentes culturas presentes numa sociedade.

Estamos inseridos no meio tecnológico e nos interagimos com esse meio cotidianamente. A tecnologia, as mídias, os meios e canais de comunicação e informação são ferramentas que podem ajudar o professor a disseminar o Siriri. Isso porque boa parte dos estudantes relataram que conheceram o Siriri pela televisão.

Para Kenski (2004), as novas tecnologias fornecem recursos que interferem na vida da sociedade contemporânea.

As novas tecnologias de informação e comunicação, caracterizadas como midiáticas, são, portanto, mais do que simples suportes. Elas interferem em nosso modo de pensar, sentir, agir, de nos relacionarmos socialmente e adquirirmos conhecimentos. Criam uma nova cultura e um novo modelo de sociedade (KENSKI, 2004, p. 23).

Esses princípios nos remetem a Silva (2001) quando afirma que:

O impacto das transformações de nosso tempo obriga a sociedade, e mais especificamente os educadores, a repensarem a escola, a repensarem a sua temporalidade. E continua. Vale dizer que precisamos estar atentos para a urgência do tempo e reconhecer que a expansão das vias do saber não obedece mais a lógica vetorial. É necessário pensarmos a educação como um caleidoscópio, e perceber as múltiplas possibilidades que ela pode nos apresentar, os diversos olhares que ela impõe, sem, contudo, submetê-la à tirania do efêmero (SILVA, 2001, p. 37).

Vivemos em um novo tempo, que nos convida a pensar e repensar outras maneiras de fazer educação, diante de novas exigências na sociedade da informação. Desse modo, o desenvolvimento de novas formas de interação cultural, de mediação escolar, consolida a tecnologia como uma ferramenta útil à ampliação de conhecimentos que favorecem procedimentos pedagógicos voltados à interação dos

estudantes, inclusive, com trabalhos voltados ao resgate e à preservação da cultura local. Nesse contexto, buscam-se novos meios, unindo tradição e tecnologia, em busca do fortalecimento dessas manifestações, de modo a facilitar o repasse dos saberes entre os mais jovens.

O próximo quadro se refere a um questionamento com a seguinte pergunta fechada: “Quais desses instrumentos pertencem à manifestação da dança de siriri?”. Das 4 alternativas disponíveis, os estudantes deveriam marcar somente uma opção. As alternativas foram as seguintes:

“Pandeiro, atabaque e berimbau”; “Violão, viola e violino”; “Viola de cocho, mocho e ganzá” ou “Sanfona, zabumba e triângulo”.

**Quadro 9:** Quarta questão do questionário de entrada

<b>3) Quais desses instrumentos pertencem à manifestação da dança de siriri?</b>	
Estudantes	Respostas
F1.7º	Viola de cocho, mocho e ganzá
F2.6º	Viola de cocho, mocho e ganzá
F3.7º	Viola de cocho, mocho e ganzá
F4.7º	Viola de cocho, mocho e ganzá
F5.6º	Viola de cocho, mocho e ganzá
F6.6º	Viola de cocho, mocho e ganzá
F7.6º	Viola de cocho, mocho e ganzá
F8.6º	Viola de cocho, mocho e ganzá
F9.6º	Viola de cocho, mocho e ganzá
M1.6º	Viola de cocho, mocho e ganzá
M2.7º	Viola de cocho, mocho e ganzá
M3.6º	Viola de cocho, mocho e ganzá
M4.7º	Viola de cocho, mocho e ganzá
M5.7º	Pandeiro, atabaque e berimbau

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Na construção dessa questão, pensamos em verificar o conhecimento dos estudantes a respeito de uma especificidade existente na dança de Siriri, que é a musicalidade na perspectiva de considerar que o aluno chega com uma bagagem de conhecimentos na escola.

Quanto às respostas, com exceção de um estudante, os demais concordaram com a opção “Viola de cocho, mocho e ganzá”.

Os alunos evidenciaram que tinham um conhecimento prévio sobre os instrumentos musicais típicos da dança de Siriri, que são a viola de cocho, o mocho e o ganzá, indicando conhecimento dos bens materiais<sup>4</sup>.

Para Brayner (2012), “Somente quando se sente parte integrante de uma cidade ou de uma comunidade é que o cidadão dá valor às suas referências culturais. Essas referências são chamadas de bens culturais e podem ser de natureza material ou imaterial” (BRAYNER, 2012, p. 18).

Grando (2005) aborda que:

Estudar a dança, atender a cada instrumento musical, registrar por escrito ou através de meios audiovisuais o seu desenrolar, realizar entrevistas e dar voz a quem detém em si o valor da experiência, em geral, os mais velhos, será sempre uma iniciativa necessária para a salvaguarda de bens coletivos que dão sentido à vida social e que, por isso, é fundamental preservar (GRANDO, 2005, p. 4).

Na manifestação cultural do Siriri, os mais velhos (muitos mestres da cultura popular) passam de forma oral os saberes para os mais jovens, gerando um ciclo de manutenção da tradição. Dessa forma, é passado aos mais jovens, além da forma de se dançar, o modo de se tocar os instrumentos e o modo de construí-los de forma artesanal.

Torna-se fundamental que os estudantes tenham conhecimento desse processo rico de transmissão de conhecimento para, assim, compreenderem a importância de se preservarem as manifestações culturais.

Na quinta questão do questionário de entrada, perguntamos a respeito da motivação dos participantes para participarem do projeto.

**Quadro 10:** Quinta questão do questionário de entrada

<b>4) O que te chamou a atenção para a participação neste projeto e o que espera aprender?</b>	
Estudantes	Respostas
F1.7 <sup>o</sup>	Me chamou a atenção a cultura, a dança, eu quero aprender mais sobre o siriri.

<sup>4</sup> Os bens culturais materiais (também chamados de tangíveis) são paisagens naturais, objetos, edifícios, monumentos e documentos (BRAYNER, 2012, p. 18).

F2.6º	Ajudar o estado com essa pesquisa. Espero aprender dançar e saber um pouco mais sobre a dança.
F3.7º	É um projeto que me deixou curiosa para ver como isso seria em uma unidade escolar. E eu quero aprender mais sobre a dança e aprofundar mais meus conhecimentos sobre a minha cultura.
F4.7º	Aprender uma dança da cultura cuiabana, eu espero aprender um pouco mais sobre minha cultura.
F5.6º	A dança me chamou muito a atenção, eu espero aprender bastante coisa legal.
F6.6º	Aprender sobre a dança siriri, e a dançar siriri muito bem.
F7.6º	Interessante, gostei, muito legal.
F8.6º	O conhecimento da dança, como já ouvi falar muito me chamou a atenção. Gosto de coisa nova, como eu nunca dancei essa dança.
F9.6º	A saia e espero aprender tudo que estiver para oferecer.
M1.6º	Eu espero aprender muitas coisas de siriri porque eu gosto de dançar.
M2.7º	Nesse projeto os dançarinos o chapéu os instrumentos. Eu espero aprender um pouco sobre a cultura do siriri.
M3.6º	Me chamou a atenção porque eu sei de alguma coisa, mas eu espero aprender mais coisas que eu não sei.
M4.7º	Muitas coisas que eu não aprendi, pois só sei o básico.
M5.7º	Aprender muitas coisas novas sobre a dança.

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Essa pergunta foi elaborada na perspectiva de que os estudantes evidenciassem a motivação da participação nas oficinas de dança de Siriri, bem como suas expectativas.

Destacando algumas das respostas, podemos citar inicialmente as estudantes F3.7º “É um projeto que me deixou curiosa para ver como isso seria em uma unidade escolar. E eu quero aprender mais sobre a dança e aprofundar mais meus conhecimentos sobre a minha cultura”, e F4.7º “Aprender uma dança da cultura cuiabana, eu espero aprender um pouco mais sobre minha cultura”. As estudantes afirmam querer aprender mais sobre a cultura local. Nesse cenário, pressupõe-se que a cultura regional cuiabana é algo importante para a comunidade, que deva ser ofertado desde muito cedo às diversas gerações, como nos é apontado.

Mato Grosso, ou seja, Cuiabá é marcada pelas festas religiosas, onde mistura o sagrado e o profano. Essas festas são importantes manifestações da cultura tradicional popular regional. Nelas misturam-se o laico e o sacro numa simbiose natural, em que danças, rezas, culinária, músicas, brincadeiras e religiosidade se juntam para formar como que uma síntese, suporte e berço de muitas das diversões e crenças que embalam a população e que formam parte significativa do patrimônio cultural do Estado (CAMPOS, 2011, p. 94).

O projeto extracurricular na escola busca, sobretudo, complementar o currículo escolar, bem como ampliar o conhecimento do estudante para além do ambiente da sala de aula. Nesse contexto, o projeto “Conhecendo a dança de Siriri na escola” veio ao encontro do anseio dos alunos participantes em quererem conhecer ou mesmo se aproximar da dança de Siriri.

Figueiredo (2013) defende a realização de projetos e trabalhos integrados e transdisciplinares, que dialogam com a realidade social e cultural, valorizando as produções artísticas regionais, sobretudo, que proporcionam a experimentação de novas relações culturais a partir das experiências com o corpo e o movimento, sempre com o entendimento de que o corpo é um fenômeno histórico, cultural e artístico.

### **5.3 Análise da observação sobre a execução dos planos de aulas**

Neste capítulo, apresentaremos os 15 planos de aulas, na perspectiva de fazermos uma análise sobre a participação dos estudantes nas oficinas de dança. Desse modo, analisaremos acontecimentos, comportamentos e atitudes que foram anotados pelo pesquisador nas Fichas de Observação do Participante (APÊNDICE K). Contudo, falaremos, inicialmente, sobre o primeiro encontro com os estudantes.

#### **A) O primeiro encontro: iniciando a coleta**

O primeiro encontro com os alunos participantes da pesquisa antecedeu a primeira oficina prática da dança de Siriri. A esse encontro, compareceram 14 estudantes, dos quais 9 eram meninas e 5 meninos. Desses, 3 eram do período matutino e 11 do período vespertino.

A prioridade, nesse dia, foi a aplicação do questionário de entrada. Logo, também foi um momento de combinados e informações gerais.

Dessa forma, combinamos os melhores dias para realização das oficinas de dança, que aconteceram três vezes na semana, às segundas-feiras, terças-feiras e quintas-feiras. As oficinas aconteceram no pátio da escola, sempre às 17 horas, após o turno de aulas.

Antes do início da aplicação do instrumento, foram recolhidos os “Termo de Assentimento Livre e Esclarecido” (APÊNDICE D) e o “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido” (APÊNDICE E).

A aplicação foi tranquila, feita em uma sala ampla, silenciosa e bem iluminada. Duas mães de estudantes presentes pediram para ficarem na sala apenas para ouvirem os combinados e observei que elas queriam verificar a seriedade da pesquisa e assim se deu.

## B) Aula 1: Introdução a dança de Siriri

Quadro 11: Plano de Aula 1

PLANO DE AULA - AULA 1			
<b>Professor: Edevaldo Gonçalves Siqueira</b>			
<b>Escola: Profª Marlene Marques de Barros</b>			
<b>Componente Curricular:</b> Educação Física		Etapa: Ensino Fundamental	
<b>Série/Ano:</b> 6º e 7º	<b>Turma:</b> A	<b>Duração:</b> 60 min.	<b>Ano:</b> 2022
<b>Unidade Temática:</b> Dança de Siriri			
<b>Objeto de conhecimento:</b> A origem da dança de Siriri			
<b>Data:</b> 22/11/22		<b>Quantidade:</b> 14	
<b>Recursos didáticos:</b> Aparelho data show e aparelho de som			
<b>Atividade proposta:</b> Apresentação da origem da dança de siriri			
<b>PRIMEIRA PARTE:</b> (Roda de conversa).			
A) Realizar um diagnóstico inicial sobre o conhecimento dos alunos acerca do Siriri, indagando-os se conheciam a dança, se tinham vivenciado, ou se a conheciam através das mídias;			
B) Momento de interação, onde os estudante responderão sobre os questionamentos trazidos.			

**SEGUNDA PARTE:**

- C) Apresentação de dois vídeos, sendo o primeiro apresentando a dança de Siriri Tradicional e o segundo, a dança de Siriri estilizada.
- D) Provocar os alunos a relatarem suas observações quanto as diferenças e semelhanças entre os dois formatos;
- E) Momento de contextualização da história e origem da dança de Siriri. Apresentando a origem do nome, da dança, relação com a religiosidade, vestimenta e significados.

**TERCEIRA PARTE:**

- F) Disponibilizar áudios de músicas tradicionais da dança de Siriri, com letras curtas e simples;
- G) Projetar letras de algumas músicas para cantá-las com os estudantes.

**Fonte:** Elaborado pelo autor

A primeira aula foi em sua totalidade teórica. Os estudantes perguntaram sobre a aula prática e se mostraram curiosos e interessados em conhecer todo o contexto teórico trazido.

Ao serem questionados sobre semelhanças e diferenças entre o Siriri tradicional e o estilizado, apontaram principalmente para as roupas como principal diferença e para a energia e a alegria como principal semelhança, mas foram unânimes em falar que só tinham visto o Siriri espetacularizado.

Acerca de contextualizar as danças na escola, Neira (2015) assinala que:

Tematizar as danças pertencentes ao universo cultural da comunidade, embora fundamental, não é suficiente para levar os alunos a assumirem a posição de produtores culturais ao invés de simples consumidores. Para tanto, as ações didáticas deverão incluir situações de leitura e vivência, seguidas por resignificação, aprofundamento e ampliação (NEIRA, 2015, p. 74).

Para Burke (2005), “[...] o entendimento da história cultural remete a necessidade de busca e aceitação da história local e da construção do sentimento de pertencimento. (BURKE, 2005, p. 9; 11).

Buscou-se possibilitar a aprendizagem do contexto histórico do Siriri para que tivesse um maior significado para os estudantes.

### C) Aula 2: Conhecendo os instrumentos

**Quadro 12:** Plano de Aula 2

PLANO DE AULA - AULA 2			
<b>Professor:</b> Edevaldo Gonçalves Siqueira			
<b>Escola:</b> Prof. <sup>a</sup> Marlene Marques de Barros			
<b>Componente Curricular:</b> Educação Física		Etapa: Ensino Fundamental	
<b>Série/Ano:</b> 6º e 7º	<b>Turma:</b> A	<b>Duração:</b> 60 min.	<b>Ano:</b> 2022
<b>Unidade Temática:</b> Dança de Siriri			
<b>Objeto de conhecimento:</b> A origem da dança de Siriri			
<b>Data:</b> 23/11/22		<b>Quantidade:</b> 14	
<b>Recursos didáticos:</b> Aparelho de som, viola de cocho, mocho e ganzá			
<b>Atividade proposta:</b> Conhecendo os instrumentos típicos: viola de cocho, mocho e ganzá			
<b>PRIMEIRA PARTE:</b>			
A) Momento de exploração dos três instrumentos: viola de cocho, mocho e ganzá;			
B) Demonstração do som que sai de cada instrumento.			
<b>SEGUNDA PARTE:</b>			
C) Apresentação de como é feito cada instrumento de forma artesanal.			
<b>TERCEIRA PARTE:</b>			
D) Coletivamente, realizar uma coreografia em roda (brincadeira em roda) com uma das músicas aprendidas no dia anterior, com as roupas que os estudantes estiverem trajando.			

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Na segunda aula, os estudantes ficaram curiosos ao verem os três instrumentos típicos (viola de cocho, mocho e ganzá). Todos puderam sentir cada instrumento e ouvir o som que sai de cada um deles.

Três dos estudantes participantes da pesquisa já tinham contato com a dança e com os instrumentos por meio de um projeto social que eles participavam há alguns anos, e a surpresa é que eles tocavam o mocho e o ganzá. Sabendo da habilidade dos estudantes, pedimos para que tocassem, e eles atenderam. Destacamos que esse momento se fez como relevante para a pesquisa.

Para Mello; Rubio (2013):

As interações em sala de aula são construídas por um conjunto de variadas formas de atuação, que se estabelecem entre partes envolvidas, a mediação do professor em sala de aula, seu trabalho pedagógico, sua relação com os alunos, tudo faz parte desse papel. A afetividade não se limita a carinho físico, muitas vezes se dá em forma de elogios superficiais, ouvir o aluno, dar importância às suas ideias. É importante destacar essa forma de afetividade, pois às vezes nem percebemos que pequenos gestos e palavras são maneiras de comunicação afetiva (MELLO; RUBIO, 2013, p. 06).

Os alunos devem assumir o protagonismo no processo de ensino/aprendizagem, e o professor deve fazer o seu papel como mediador desse processo. Nesse sentido, intervenções e mediações são necessárias para que o estudante possa se sentir importante e para que o conteúdo faça sentido para ele.

Destacamos que, no final da aula, mostramos aos participantes os trajes de Siriri. Eles se demonstraram muito empolgados.

A seguir, a figura 03 ilustra a realização da segunda oficina prática de Siriri, realizada no pátio da escola. Na imagem, é possível observar os instrumentos musicais.

**Figura 03:** Representação da primeira oficina prática.



**Fonte:** Acervo próprio.

### E) Aula 3: Passo básico 1

**Quadro 13:** Plano de Aula 3

PLANO DE AULA - AULA 3			
<b>Professor:</b> Edevaldo Gonçalves Siqueira			
<b>Escola:</b> Prof. <sup>a</sup> Marlene Marques de Barros			
<b>Componente Curricular:</b> Educação Física		<b>Etapa:</b> Ensino Fundamental	
<b>Série/Ano:</b> 6º e 7º	<b>Turma:</b> A	<b>Duração:</b> 60 min.	<b>Ano:</b> 2022
<b>Unidade Temática:</b> Dança de Siriri			
<b>Objeto de conhecimento:</b> A origem da dança de Siriri			
<b>Data:</b> 24/11/22		<b>Quantidade:</b> 14	
<b>Recursos didáticos:</b> Aparelho de som, saias e chapéus.			
<b>Atividade proposta:</b> Aprendendo o passo básico 1.			
<b>PRIMEIRA PARTE:</b>			
<ul style="list-style-type: none"> <li>A) Momento de apresentação e entrega das saias típicas para as meninas e dos chapéus de palha para os meninos;</li> <li>B) Momento livre de exploração dos movimentos com os trajes típicos;</li> </ul>			
<b>SEGUNDA PARTE:</b>			
<ul style="list-style-type: none"> <li>C) Breve alongamento com fundo musical;</li> <li>D) Aquecimento com música de Siriri de fundo.</li> </ul>			
<b>TERCEIRA PARTE:</b>			
<ul style="list-style-type: none"> <li>E) Aprendendo o passo básico 1, também conhecido como “passinho de índio”, “amassa barro” e “amassa cacau”.</li> <li>F) Passo 1 com deslocamentos;</li> <li>G) Aquecimento (relaxamento).</li> </ul>			

**Fonte:** Elaborado pelo autor

A terceira aula foi muito esperada pelos participantes que, ao verem e experimentarem a saia, ficaram maravilhados. Até os meninos entraram na brincadeira e queriam colocar a saia e participar do momento livre de exploração com a vestimenta.

Ao final da aula, as estudantes perguntaram inclusive se poderiam levar a saia para casa, para assim terem mais tempo para treinarem a movimentação.

As saias típicas foram uma estratégia pensada para chamar a atenção dos estudantes e para fazer com que eles se sentissem mais próximos dessa cultura.

Nesse sentido, Freitas (2011) explica que:

A identidade se constrói dentro do próprio grupo e se faz a partir de uma relação de alteridade. Ou seja, ela necessita do “outro” para poder se definir, é como se identifica um perfil identitário: pelos opostos. Logo, para existir e ter sua continuidade garantida, ela precisa transitar pelo território de negociações humanas. Ou seja, para manter os mais jovens, que são a garantia de continuidade da identidade cultural, é preciso que eles acreditem na importância de pertencer ao grupo (FREITAS, 2011, p. 50).

O processo de construção de uma identidade cultural caminha no sentido do reconhecimento pelas contribuições deixadas pelas gerações passadas para as conquistas da geração atual. Essa foi uma das reflexões tratadas nas aulas.

A seguir, a figura 04 ilustra a realização da segunda oficina prática de Siriri, realizada no pátio da escola.

**Figura 04:** Representação da segunda oficina prática.



**Fonte:** Acervo próprio.

## H) Aula 4: Passo básico 2

**Quadro 14:** Plano de Aula 4

PLANO DE AULA - AULA 4			
<b>Professor:</b> Edevaldo Gonçalves Siqueira			
<b>Escola:</b> Prof. <sup>a</sup> Marlene Marques de Barros			
<b>Componente Curricular:</b> Educação Física		Etapa: Ensino Fundamental	
<b>Série/Ano:</b> 6º e 7º	<b>Turma:</b> A	<b>Duração:</b> 60 min.	<b>Ano:</b> 2022
<b>Unidade Temática:</b> Dança de Siriri			
<b>Objeto de conhecimento:</b> A origem da dança de Siriri			
<b>Data:</b> 25/11/22		<b>Quantidade:</b> 14	
<b>Recursos didáticos:</b> Aparelho de som, saias e chapéus.			
<b>Atividade proposta:</b> Aprendendo o do passo básico 2.			
<b>PRIMEIRA PARTE:</b>			
A) Momento de recordar o que foi aprendido na aula passada;			
B) Breve alongamento e aquecimento com fundo musical.			
<b>SEGUNDA PARTE:</b>			
C) Aprendendo o passo básico 2, também conhecido como “passo frente e trás”;			
D) Passo básico 2 com deslocamento.			
<b>TERCEIRA PARTE:</b>			
E) Momento livre de exploração de movimentação;			
F) Aquecimento (relaxamento).			

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Na quarta aula, percebemos que alguns participantes estavam com dificuldade em sentir o ritmo acelerado do Siriri. Então ouvimos repetidamente as músicas para que eles percebessem e relacionassem o ritmo ao movimento.

## Segundo Piccolo (1995)

Sincronizar a execução de um movimento com um ritmo determinado exige da criança uma série de qualidades facilitadoras, que podem ser inatas ou adquiridas. Portanto, para se conseguir esta sincronização, não basta perceber o ritmo dado [...]. É possível definir que a percepção de um ritmo pode ser aprimorada com atividades que compreendam qualidades estimuladoras desta sincronização (PICCOLO, 1995, p. 75).

Os alunos, no decorrer das oficinas e com feedbacks do professor, foram percebendo o que precisavam melhorar. Desse modo, perceberam fatores como a movimentação da saia, que precisava de mais energia das meninas, assim como a pisada no chão precisava de mais energia dos meninos. Aos poucos, eles foram assimilando o que era necessário melhorar para conseguirem dançar.

A seguir, a figura 05 ilustra a realização da terceira oficina prática de Siriri, realizada no pátio da escola.

**Figura 05:** Representação da terceira oficina prática.



**Fonte:** Acervo próprio.

## G) Aula 5: Passo básico 3

**Quadro 15:** Plano de Aula 5

PLANO DE AULA - AULA 5			
<b>Professor:</b> Edevaldo Gonçalves Siqueira			
<b>Escola:</b> Prof. <sup>a</sup> Marlene Marques de Barros			
<b>Componente Curricular:</b> Educação Física		Etapa: Ensino Fundamental	
<b>Série/Ano:</b> 6º e 7º	<b>Turma:</b> A	<b>Duração:</b> 60 min.	<b>Ano:</b> 2022
<b>Unidade Temática:</b> Dança de Siriri			
<b>Objeto de conhecimento:</b> A origem da dança de Siriri			
<b>Data:</b> 28/11/22		<b>Quantidade:</b> 14	
<b>Recursos didáticos:</b> Aparelho de som, saias e chapéus.			
<b>Atividade proposta:</b> Aprendendo o passo básico 3.			
<b>PRIMEIRA PARTE:</b>			
<ul style="list-style-type: none"> <li>A) Momento de recordar o que foi aprendido na aula passada;</li> <li>B) Breve alongamento e aquecimento com fundo musical.</li> </ul>			
<b>SEGUNDA PARTE:</b>			
<ul style="list-style-type: none"> <li>C) Aprendendo o passo básico, também conhecido como “passo lateral”;</li> <li>D) Passo básico 3 com deslocamento.</li> </ul>			
<b>TERCEIRA PARTE:</b>			
<ul style="list-style-type: none"> <li>E) Momento livre de exploração de movimentação;</li> <li>F) Aquecimento (relaxamento).</li> </ul>			

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Sobre a quinta aula, a estratégia de recordar o aprendido na aula anterior antes de iniciar as novas aprendizagens da aula do dia estava dando certo e, muitas vezes, a maior dificuldade continuava sendo ritmo e energia.

Para essa discussão, trazemos Monteiro; Artaxo (2023) que afirmam:

No início, as atividades devem ser simples, explorando movimentos com pequenas variações. Deve-se observar o ritmo de cada criança, ressaltando-se o ritmo biológico. Dar importância à descoberta do próprio corpo e de suas possibilidades de movimento. Trabalhar em conjunto com outras capacidades físicas (força, velocidade, equilíbrio e flexibilidade). Utilizar-se da música, excelente auxiliar na identificação da pulsação, do ritmo, da pausa, dando importância ao ajuste da música e ao movimento, pois disso depende a educação do sentido rítmico (MONTEIRO; ARTAXO, 2003, p.13).

O passo básico 3, conhecido também como “passo lateral”, é o mais complexo entre os três passos básicos, mas as dificuldades apresentadas nos inícios das aulas eram logo superadas. Nos momentos livres, os participantes conversavam entre si e se ajudavam.

A seguir, a figura 06 ilustra a realização da quarta oficina prática de Siriri, realizada no pátio da escola.

**Figura 06:** Representação da quarta oficina prática.



**Fonte:** Acervo próprio.

### **G) Aula 6: Explorando os 3 passos básicos**

**Quadro 16:** Plano de Aula 6

<b>PLANO DE AULA - AULA 6</b>	
<b>Professor: Edevaldo Gonçalves Siqueira</b>	
<b>Escola: Prof.<sup>a</sup> Marlene Marques de Barros</b>	

<b>Componente Curricular:</b> Educação Física		Etapa: Ensino Fundamental	
<b>Série/Ano:</b> 6º e 7º	<b>Turma:</b> A	<b>Duração:</b> 60 min.	<b>Ano:</b> 2022
<b>Unidade Temática:</b> Dança de Siriri			
<b>Objeto de conhecimento:</b> A origem da dança de Siriri			
<b>Data:</b> 29/11/22		<b>Quantidade:</b> 14	
<b>Recursos didáticos:</b> Aparelho de som, saias e chapéus.			
<b>Atividade proposta:</b> Explorando os 3 passos básicos.			
<b>PRIMEIRA PARTE:</b>			
<ul style="list-style-type: none"> <li>A) Momento de reecordar o que foi aprendido na aula passada;</li> <li>B) Breve alongamento e aquecimento com fundo musical.</li> </ul>			
<b>SEGUNDA PARTE:</b>			
<ul style="list-style-type: none"> <li>C) Momento livre, onde os estudantes terão um tempo para explorarem os passos básico aprendidos. Passo 1, passo 2 e passo 3.</li> <li>D) Momento de demonstração dos passos básicos em grupos menores e duplas.</li> </ul>			
<b>TERCEIRA PARTE:</b>			
<ul style="list-style-type: none"> <li>E) Momento livre de exploração de movimentação;</li> <li>F) Aquecimento (relaxamento).</li> </ul>			

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Das considerações da sexta aula, destacamos que os momentos livres de exploração de movimentos eram certamente uns dos mais ricos, pois eram os momentos de trocas entre os participantes, momentos de fortalecimento dos laços do grupo.

Sobre a temática da aula, os estudantes já não tinham tantos problemas com ritmo, os passos básicos foram assimilados, e o corpo já estava dançante.

A seguir, a figura 07 ilustra a realização da quinta oficina prática de Siriri, realizada no pátio da escola.

**Figura 07:** Representação da quinta oficina prática.



Fonte: Acervo próprio.

## H) Aula 7: Aprendizagem dos giros

**Quadro 17:** Plano de Aula 7

PLANO DE AULA - AULA 7			
<b>Professor:</b> Edevaldo Gonçalves Siqueira			
<b>Escola:</b> Prof.ª Marlene Marques de Barros			
<b>Componente Curricular:</b> Educação Física		<b>Etapa:</b> Ensino Fundamental	
<b>Série/Ano:</b> 6º e 7º	<b>Turma:</b> A	<b>Duração:</b> 60 min.	<b>Ano:</b> 2022
<b>Unidade Temática:</b> Dança de Siriri			
<b>Objeto de conhecimento:</b> A origem da dança de Siriri			
<b>Data:</b> 30/11/22		<b>Quantidade:</b> 14	
<b>Recursos didáticos:</b> Aparelho de som, saias e chapéus.			
<b>Atividade proposta:</b> Aprendendo a girar.			
<b>PRIMEIRA PARTE:</b>			
<p>A) Momento de recordar o que foi aprendido na aula passada;</p> <p>B) Breve alongamento e aquecimento com fundo musical.</p>			

**SEGUNDA PARTE:**

- C) Momento de aprendizagem de giros.
- D) Momento de demonstração dos giros aprendidos

**TERCEIRA PARTE:**

- E) Momento livre de exploração de movimentação;
- F) Aquecimento (relaxamento).

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Das considerações da sétima aula, destacamos que essa também foi uma das aulas mais esperadas. Isso porque o giro, principalmente o das meninas, realizado com as saias, é um dos movimentos mais belos do Siriri. No entanto, é um movimento complexo que envolve várias etapas, mas as estudantes se mostravam sempre dispostas a aprender.

Todos os participantes conseguiram girar, mesmo que de suas maneiras, do seu jeito, superando suas dificuldades. A partir daquele momento, em todos os outros momentos livres de exploração do movimento, as estudantes tentaram aperfeiçoar o giro.

Destacamos também que, nesta aula, três professoras da escola quiseram participar e vivenciar a dança de Siriri. Assim, tiveram momentos de trocas com os estudantes.

Um outro ponto a ressaltar foi que, especialmente nessa aula, muitos estudantes meninos faltaram e, desse modo, as coreografias em pares foram feitas entre as meninas.

A seguir, a figura 08 ilustra a realização da sexta oficina prática de Siriri, realizada no pátio da escola.

**Figura 08:** Representação da sexta oficina prática.



**Fonte:** Acervo próprio.

### I) Aula 8: Construção coreográfica pelos estudantes

#### Quadro 18: Plano de Aula 8

PLANO DE AULA - AULA 8			
<b>Professor:</b> Edevaldo Gonçalves Siqueira			
<b>Escola:</b> Prof. <sup>a</sup> Marlene Marques de Barros			
<b>Componente Curricular:</b> Educação Física		<b>Etapa:</b> Ensino Fundamental	
<b>Série/Ano:</b> 6º e 7º	<b>Turma:</b> A	<b>Duração:</b> 60 min.	<b>Ano:</b> 2022
<b>Unidade Temática:</b> Dança de Siriri			
<b>Objeto de conhecimento:</b> A origem da dança de Siriri			
<b>Data:</b> 01/12/22		<b>Quantidade:</b> 14	
<b>Recursos didáticos:</b> Aparelho de som, saias e chapéus.			
<b>Atividade proposta:</b> Construindo uma coreografia de Siriri			
<b>PRIMEIRA PARTE:</b>			
<p><b>A)</b> Momento de recordar o que foi aprendido na aula passada;</p> <p><b>B)</b> Breve alongamento e aquecimento com fundo musical.</p>			

**SEGUNDA PARTE:**

- C)** Momento coletivo, em grupos menores de construção de uma coreografia, no qual os participantes poderão optar por coreografia em roda ou em fileira. As músicas serão de suas preferências;
- D)** Momento de apresentação do que foi construído.

**TERCEIRA PARTE:**

- E)** Aquecimento (relaxamento).

**Fonte:** Elaborado pelo autor

A respeito da oitava aula, essa foi, certamente, um dos momentos mais desafiadores para os alunos participantes e conseqüentemente um dos mais ricos. Nesse sentido, apresentaram inicialmente dificuldades em criar, mas aos poucos foram percebendo que era só uma questão de explorarem os passos já aprendidos.

No processo de criação coreográfica, todos participaram da construção, no sentido de estabelecer relações com o ambiente e com as outras pessoas.

Tridapalli (2008) ressalta:

Quando o corpo está experimentando dança, ele também está formalizando seu modo de comunicação em uma linguagem específica, que é a linguagem da própria dança. Mas o corpo não é outro corpo, como uma espécie de paralisia de todas as suas atividades e afastamento de seus procedimentos anteriores e de outros modos de formalizar. O corpo, ao dançar, organiza o que antes era possibilidade, discerne lógicas de movimentos, informações de um processo. É o corpo o tempo todo, não há mágica para se dançar (TRIDAPALLI, 2008, p. 24).

Portanto, quando nos colocamos frente a um processo de criação coletiva, não quer dizer que seja uma reunião de coisas iguais, mas como um vínculo entre pessoas diferentes com pontos em comuns, porém não idênticos, nem homogêneos. Na verdade, todos estão unidos em prol de um objetivo em comum e, nesse caso, foi o de criar uma coreografia de dança.

## J) Aula 9: Conhecendo os bichos lendários

**Quadro 19:** Plano de Aula 9

PLANO DE AULA - AULA 9			
<b>Professor: Edevaldo Gonçalves Siqueira</b>			
<b>Escola: Prof.ª Marlene Marques de Barros</b>			
<b>Componente Curricular:</b> Educação Física		Etapa: Ensino Fundamental	
<b>Série/Ano:</b> 6º e 7º	<b>Turma:</b> A	<b>Duração:</b> 60 min.	<b>Ano:</b> 2022
<b>Unidade Temática:</b> Dança de Siriri			
<b>Objeto de conhecimento:</b> A origem da dança de Siriri			
<b>Data:</b> 02/12/22		<b>Quantidade:</b> 14	
<b>Recursos didáticos:</b> Aparelho de som, saias e chapéus e bicho lendário boi a serra			
<b>Atividade proposta:</b> Conhecendo e dançando com o bicho lendário			
<b>PRIMEIRA PARTE:</b>			
<ul style="list-style-type: none"> <li>A) Contextualização da simbologia dos bichos lendários na dança de Siriri;</li> <li>B) Explorando o bicho lendário boi a serra.</li> </ul>			
<b>SEGUNDA PARTE:</b>			
<ul style="list-style-type: none"> <li>C) Dança livre com o boi a serra</li> </ul>			
<b>TERCEIRA PARTE:</b>			
<ul style="list-style-type: none"> <li>D) Aquecimento (relaxamento).</li> </ul>			

**Fonte:** Elaborado pelo autor

A respeito da nona aula, esse foi um momento de muita alegria, curiosidade e surpresa em razão do contato com a figura lendária do boi a serra. Nessa ocasião, eles puderam se divertir com as danças em roda.

O boi a serra é uma das figuras Cênicas presentes na dança de Siriri. Dessa forma, o folclore se faz como essência da dança, com tradição, com suas lendas, divertindo e enriquecendo o imaginário das pessoas.

Afirma Cascudo (1967) que:

Todos os países do mundo, raças, grupos humanos, famílias, classes profissionais, possuem um patrimônio de tradições que se transmite oralmente defendido e conservado pelo costume. Esse patrimônio é milenar e contemporâneo. Cresce com os conhecimentos diários desde que se integrem nos hábitos grupais, domésticos ou nacionais. Esse patrimônio é o FOLCLORE (CASCUDO, 1967, p. 9).

Compreendemos o folclore como um elemento da cultura popular, tradicionalmente repassado pela linguagem oral ao longo do tempo, transmitindo, assim, doutrinas, lendas e costumes entre os povos.

Consideramos que o contato com uma figura lendária se fez como um momento rico de trocas, de partilha e de conhecimento.

### K) Aula 10: Musicalidade do Siriri

**Quadro 20:** Plano de Aula 10

PLANO DE AULA - AULA 10			
<b>Professor: Edevaldo Gonçalves Siqueira</b>			
<b>Escola: Prof.<sup>a</sup> Marlene Marques de Barros</b>			
<b>Componente Curricular:</b> Educação Física		<b>Etapa:</b> Ensino Fundamental	
<b>Série/Ano:</b> 6º e 7º	<b>Turma:</b> A	<b>Duração:</b> 60 min.	<b>Ano:</b> 2022
<b>Unidade Temática:</b> Dança de Siriri			
<b>Objeto de conhecimento:</b> A origem da dança de Siriri			
<b>Data:</b> 05/12/22		<b>Quantidade:</b> 14	
<b>Recursos didáticos:</b> Aparelho de som, saias e chapéus.			
<b>Atividade proposta:</b> Explorando as músicas			

**PRIMEIRA PARTE:**

- A) Apresentado um desafio de construção coreográfica. Nesta nova proposta, todos deverão ajudar a escolher um repertório musical;
- B) Momento de escolha das músicas.

**SEGUNDA PARTE:**

- C) Eleição de forma democrática das músicas ouvidas.
- D) Movimentação livre.

**TERCEIRA PARTE:**

- E) Aquecimento (relaxamento).

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Em relação à décima aula, vale salientar que o fato de terem três participantes da pesquisa que sabiam dançar o Siriri, mesmo que de forma básica, e principalmente, que sabiam tocar os instrumentos, foi de grande valia. Isso até mesmo pensando na ampliação futura do projeto e na possibilidade de esses participantes passarem esse conhecimento para outros, de como tocar e cantar o Siriri.

Para esse diálogo, trazemos Cavalcanti (2008), que aborda:

Cada ser humano é um eixo de interações de ensinar-aprender. Assim qualquer que seja, cada pessoa é em si mesma uma fonte original de saber e sensibilidade. Em cada momento de nossas vidas estamos sempre ensinando algo a quem nos ensina e estamos aprendendo alguma coisa junto a quem ensinamos algo. Ao interagir com ela própria, com a vida e o mundo e, mais ainda, com círculos de outros atores culturais de seus círculos de vida, cada pessoa aprende e reaprende. E assim, cada mulher ou homem é um sujeito social de um modo ou de outro culturalmente socializado e é, portanto, uma experiência individualizada de sua própria cultura (CAVALCANTI, 2008, p. 33).

A dança de Siriri vai muito além da dança e suas simbologias (que por si só se fazem como relevantes), fazendo parte também dessa manifestação a música, os

músicos, os instrumentos e seus tocadores. Podem fazer parte, também, os bichos lendários, as bandeiras e o andor com santos padroeiros, o encontro entre o profano e o sagrado, que, durante a apresentação, ocupam o mesmo lugar.

### L) Aula 11: Construção de coreografia em roda

**Quadro 21:** Plano de Aula 11

PLANO DE AULA - AULA 11			
<b>Professor: Edevaldo Gonçalves Siqueira</b>			
<b>Escola: Prof.<sup>a</sup> Marlene Marques de Barros</b>			
<b>Componente Curricular:</b> Educação Física		Etapa: Ensino Fundamental	
<b>Série/Ano:</b> 6º e 7º	<b>Turma:</b> A	<b>Duração:</b> 60 min.	<b>Ano:</b> 2022
<b>Unidade Temática:</b> Dança de Siriri			
<b>Objeto de conhecimento:</b> A origem da dança de Siriri			
<b>Data:</b> 06/12/22		<b>Quantidade:</b> 14	
<b>Recursos didáticos:</b> Aparelho de som, saias e chapéus.			
<b>Atividade proposta:</b> Criando coreografias em roda			
<b>PRIMEIRA PARTE:</b>			
<p>A) Momento de recordar as músicas selecionadas na aula passada e escolher quais coreografias serão feitas em fileiras e quais em roda.</p>			
<b>SEGUNDA PARTE:</b>			
<p>B) Construção de coreografias em roda com sugestões do professor e estudante.</p>			
<b>TERCEIRA PARTE:</b>			
<p>C) Momento livre de exploração de movimentos;</p> <p>D) Aquecimento (relaxamento).</p>			

**Fonte:** Elaborado pelo autor

No que concerne às considerações da décima primeira aula, vale destacar que, no siriri, as coreografias em roda têm como essência as brincadeiras. É na roda onde os dançarinos giram e se movimentam com maior liberdade. Na construção das coreografias em roda, toda essa essência alegre foi repassada, e os participantes conseguiram assimilar.

### M) Aula 12: Construção de coreografia em fileira

**Quadro 22:** Plano de Aula 12

PLANO DE AULA - AULA 12			
<b>Professor:</b> Edevaldo Gonçalves Siqueira			
<b>Escola:</b> Prof. <sup>a</sup> Marlene Marques de Barros			
<b>Componente Curricular:</b> Educação Física		Etapa: Ensino Fundamental	
<b>Série/Ano:</b> 6º e 7º	<b>Turma:</b> A	<b>Duração:</b> 60 min.	<b>Ano:</b> 2022
<b>Unidade Temática:</b> Dança de Siriri			
<b>Objeto de conhecimento:</b> A origem da dança de Siriri			
<b>Data:</b> 07/12/22		<b>Quantidade:</b> 14	
<b>Recursos didáticos:</b> Aparelho de som, saias e chapéus.			
<b>Atividade proposta:</b> Criando coreografias em fileira			
<b>PRIMEIRA PARTE:</b>			
A) Momento de recordar as músicas selecionadas para coreografia em fileira.			
<b>SEGUNDA PARTE:</b>			
B) Construção de coreografias em fileira com sugestões do professor e estudante.			

**TERCEIRA PARTE:**

- C) Momento livre de exploração de movimentos
- D) Aquecimento (relaxamento).

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Das considerações da décima segunda aula, faz-se relevante destacar a interação dos estudantes nesse momento de criação. Nessa aula, tivemos mais um momento de conversa reforçando o papel das oficinas.

A escola, para além de ser um espaço físico com o objetivo de formar cidadãos capazes de transformar a sociedade e torná-la mais justa, é, para crianças e adolescentes, um espaço de interação humana, onde se constroem importantes relações e laços de amizade.

Afirmamos aos estudantes que as oficinas de Siriri não se encerrariam com o término da pesquisa. Na verdade, a pesquisa só serviu como “combustível” para um trabalho que, há algum tempo, queríamos implantar na escola.

## N) Aula 13: Treinamento da coreografia

**Quadro 23:** Plano de Aula 13

PLANO DE AULA - AULA 13			
<b>Professor:</b> Edevaldo Gonçalves Siqueira			
<b>Escola:</b> Prof. <sup>a</sup> Marlene Marques de Barros			
<b>Componente Curricular:</b> Educação Física		Etapa: Ensino Fundamental	
<b>Série/Ano:</b> 6º e 7º	<b>Turma:</b> A	<b>Duração:</b> 60 min.	<b>Ano:</b> 2022
<b>Unidade Temática:</b> Dança de Siriri			
<b>Objeto de conhecimento:</b> A origem da dança de Siriri			
<b>Data:</b> 08/12/22		<b>Quantidade:</b> 14	
<b>Recursos didáticos:</b> Aparelho de som, saias e chapéus.			
<b>Atividade proposta:</b> Treinamento da coreografia			

**PRIMEIRA PARTE:**

- A) Momento de recordar as coreografias construídas

**SEGUNDA PARTE:**

- B) Momento de ajustes geral na coreografia: preparação para uma apresentação no final das oficinas.

**TERCEIRA PARTE:**

- C) Momento livre de exploração de movimentos
- D) Aquecimento (relaxamento).

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Das considerações da décima terceira aula, destacamos que os alunos estavam focados e animados com as coreografias construídas com a participação deles em todo o processo. Dessa forma, foi construído um trabalho de todos e para todos.

Para Camacho (2003):

Estabelecer um tipo de escola capaz de adaptar-se, acolher e cultivar as diferenças como um elemento de valor positivo, e a abertura de um espaço pluralista e multicultural, no qual se mesclam as cores, os gêneros, as capacidades, permitindo assim o acesso a uma escola, uma educação, na qual todos, sem exclusão, encontrem uma resposta educativa de acordo com as suas necessidades e características peculiares (CAMACHO, 2003, p. 9).

Os participantes perguntaram, nesse dia, se aprenderiam coreografias novas, e duas estudantes disseram que antes iriam se mudar de escola, mas que, com a participação no projeto de Siriri, não iriam mais sair.

## **O) Aula 14: Treinamento para apresentação**

**Quadro 24:** Plano de Aula 14

PLANO DE AULA - AULA 14			
<b>Professor:</b> Edevaldo Gonçalves Siqueira			
<b>Escola:</b> Prof. <sup>a</sup> Marlene Marques de Barros			
<b>Componente Curricular:</b> Educação Física		Etapa: Ensino Fundamental	
<b>Série/Ano:</b> 6º e 7º	<b>Turma:</b> A	<b>Duração:</b> 60 min.	<b>Ano:</b> 2022
<b>Unidade Temática:</b> Dança de Siriri			
<b>Objeto de conhecimento:</b> A origem da dança de Siriri			
<b>Data:</b> 09/12/22		<b>Quantidade:</b> 14	
<b>Recursos didáticos:</b> Aparelho de som, saias e chapéus.			
<b>Atividade proposta:</b> Treinamento da coreografia para uma apresentação final			
<b>PRIMEIRA PARTE:</b>			
<p>A) Momento de conversar sobre possíveis dificuldades e o que poderíamos fazer para melhorar.</p>			
<b>SEGUNDA PARTE:</b>			
<p>B) Treinamento para uma apresentação.</p>			
<b>TERCEIRA PARTE:</b>			
<p>C) Momento livre de exploração de movimentos</p> <p>D) Aquecimento (relaxamento).</p>			

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Das considerações da décima quarta aula, merece ênfase o fato de que os alunos estavam muito empolgados com um convite que surgiu por meio da gestão escolar de se apresentarem em um evento da escola. Ao perguntarmos aos alunos se

aceitariam se apresentar no evento, todos confirmaram e demonstraram um sentimento de alegria.

Preocupamo-nos, também, em trabalhar a autonomia dos alunos no decorrer das oficinas de dança. Até mesmo a decisão de aceitarem ou não o convite para apresentarem o Siriri na escola foi feita pelos participantes.

Para Freire (2001), a participação e a autonomia “[...] vão se constituindo na experiência de várias, inúmeras decisões, que vão sendo tomadas”.

Diante disso, nos valem das reflexões de Freire (2001), que ressalta:

Por que, por exemplo, não desafiar o filho, ainda criança, no sentido de participar da escolha da melhor hora para seus deveres? Por que o melhor tempo para essa tarefa é sempre o dos pais? Porque perder a oportunidade de ir sublinhando aos filhos o dever e o direito que eles têm, como gente, de ir forjando sua própria autonomia? Ninguém é sujeito da autonomia de ninguém. Por outro lado, ninguém amadurece de repente, aos 25 anos. A gente vai amadurecendo todo dia, ou não (FREIRE, 2001, p. 121).

O ensaio fluiu normalmente, e todos estavam preparados para o desafio.

## P) Aula 15: A apresentação

**Quadro 25:** Plano de Aula 15

PLANO DE AULA - AULA 15			
<b>Professor:</b> Edevaldo Gonçalves Siqueira			
<b>Escola:</b> Prof. <sup>a</sup> Marlene Marques de Barros			
<b>Componente Curricular:</b> Educação Física		Etapa: Ensino Fundamental	
<b>Série/Ano:</b> 6º e 7º	<b>Turma:</b> A	<b>Duração:</b> 60 min.	<b>Ano:</b> 2022
<b>Unidade Temática:</b> Dança de Siriri			
<b>Objeto de conhecimento:</b> A origem da dança de Siriri			
<b>Data:</b> 12/12/22		<b>Quantidade:</b> 14	
<b>Recursos didáticos:</b> Aparelho de som, saias e chapéus.			
<b>Atividade proposta:</b> Produto final: A apresentação			

**PRIMEIRA PARTE:**

A) Relembrando todos os momentos vivenciados e todos os avanços da turma.

**SEGUNDA PARTE:**

B) Apresentação na escola

**TERCEIRA PARTE:**

C) Momento de confraternização

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Em relação à décima quinta aula. Destacou-se como o momento de fechamento de todo um trabalho realizado, de toda uma construção e entrega. Portanto, o que era para ser somente uma apresentação para finalizarmos as oficinas de dança, culminou em três apresentações, das quais duas ocorreram na escola, e uma, fora da escola.

Os alunos ficaram maravilhados com a possibilidade de apresentarem um trabalho feito coletivamente. Desse modo, as apresentações deram ainda mais significado à proposta de relação dos estudantes com a dança de Siriri no contexto escolar.

Nessa direção, Santos e Coffani (2016) apontam:

A organização por parte dos alunos, e a participação destes em apresentações das diferentes manifestações corporais no ambiente escolar e na comunidade, a capacidade de análise e manifestação de opiniões sobre as estratégias utilizadas na prática das atividades corporais; e a vivência e apreciação de sequências de movimentos corporais, individuais e coletivos (SANTOS; COFFANI, 2016, p. 105).

A seguir, a figura 09, que ilustra o dia da apresentação fora da escola.

**Figura 09:** Registro pós apresentação.



**Fonte:** Acervo próprio.

#### **5.4 Análise do questionário de saída**

Neste capítulo, teceremos considerações sobre as respostas obtidas nos questionários de saída.

Nesse questionário, verificamos se houve mudanças nas percepções dos alunos após a participação nas oficinas de dança de Siriri. Desse modo, ao final da última aula, realizamos a aplicação do instrumento. A aplicação foi realizada na mesma sala da primeira coleta, e seguindo a mesma organização.

Destacamos que 2 estudantes, por motivos pessoais não compareceram à escola no momento de aplicação e nem posteriormente. Contudo, foram assíduos em todos os outros momentos. Eles foram destacados no quadro como “Ausente”.

O questionário apresenta 4 perguntas abertas, onde evidenciamos a primeira indagação: “Acredita que o siriri faz parte da identidade do mato-grossense? Comente”.

**Quadro 26:** Primeira questão do questionário de saída

1) Acredita que o siriri faz parte da identidade do mato-grossense? Comente	
Estudantes	Respostas
F1.7º	Sim, porque o siriri é uma cultura mato-grossense.
F2.6º	Sim, porque nasceu em Mato Grosso é da nossa cultura.
F3.7º	Sim, porque o siriri não é somente reconhecido por ser uma dança cultural brasileira. Também é reconhecida por ser uma dança cultural mato-grossense, ou seja, uma cultura nossa.
F4.7º	Sim, porque o siriri é algo para representar o nosso estado, ou seja, uma tradição somente de Mato Grosso e todos que verem conseguem identificar.
F5.6º	Sim, porque acho que o siriri faz parte das raízes de Mato Grosso. Inclusive minha família fala que agora sim eu me tornei cuiabana.
F6.6º	Sim, porque ela é da cultura de Mato Grosso e é muito reconhecida aqui.
F7.6º	Sim, porque tem parte da identidade do Mato Grosso. Porque existem várias pessoas que dançam e de qualquer cor, branco, moreno, pardo, então eu acredito.
F8.6º	Sim, por ser uma dança da cultura de Mato Grosso.
F9.6º	Ausente
M1.6º	Sim.
M2.7º	Sim, porque nós somos das culturas indígenas, africanas etc.
M3.6º	Sim, porque veio do mato-grossense, é bom porque eu gosto.
M4.7º	Sim, porque o povo de Mato Grosso gostas, nasceu aqui.
M5.7º	Ausente

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Ao elaborarmos essa questão, pensamos em uma pergunta em que os alunos, em suas respostas, pudessem, após todo o conhecimento compartilhado no projeto, reconhecer na dança de Siriri características que remetessem ao povo mato-

grossense e para além disso, se eles se identificavam com as características apresentadas.

Durante as oficinas, tivemos vários momentos de conversas e trocas, sobre a importância do repasse dos saberes da cultura popular mato-grossense, sobretudo, a dança de Siriri, para o seu fortalecimento e manutenção.

Para Verderi (1998), muitas vezes, alunos são levados a aprender conteúdos que não têm relação com a sua realidade e sua identidade:

Na maioria das vezes há uma aprendizagem sem corpo, onde os alunos devem entrar para classe somente com as mãos e a cabeça. Do corpo não há necessidade, pode deixar “na entrada da classe”. Os conteúdos são dotados de assuntos diferentes daquele que o aluno vive, não tem um significado para ele. Não contribui em momento algum para sua formação, para sua realização pessoal e social (VERDERI, 1998, p. 25).

Das respostas que elegemos para esta discussão, iniciamos com o estudante F5.6º “Sim, porque acho que o siriri faz parte das raízes de Mato Grosso. Inclusive minha família fala que agora sim eu me tornei cuiabana”. Nesse contexto, verifica-se a identificação com o “ser cuiabano”, com o “ser mato-grossense”, que se reflete na medida que a estudante vivencia a dança, afirmando-se como parte daquela cultura.

Nessa perspectiva, Grando (2007, p. 64) sustenta que “entre as mais diversas formas de expressar a cultura local e a identidade, a dança é uma das formas mais utilizadas por todas as pessoas na sociedade atual”.

Torna-se necessário que o estudante experiencie determinada prática para que ele se sinta como parte dela. Além do mais, o professor não é o único detentor do conhecimento. Desse modo, os saberes vindos dos estudantes também devem ser considerados e valorizados nesse processo. Nesse sentido, Verderi (1998) corrobora:

Como queremos que o nosso aluno aprenda se ele não pode experimentar, vivenciar, perguntar, opinar, questionar? Se nas aulas somente pode observar e repetir o que o professor apresentar? Muitas vezes, ou melhor, na maioria das vezes, ele nem sabe para que irá servir tudo aquilo que ele está “gravando” decorando (VERDERI, 1998, p. 26).

Preocupamo-nos, no decorrer das oficinas, em abrir espaço para que os estudantes pudessem fazer perguntas ou mesmo partilhar algum o conhecimento trazido por eles.

Outra resposta que traremos para esta reflexão é a do estudante M2.7º “Sim, porque nós somos das culturas indígenas, africanas etc.”. Diante da resposta, consideramos que o estudante, por meio da dança, enxergou-se como parte daquele contexto, estabelecendo uma relação étnica.

Marques (2005, p. 26) afirma que:

O ensino da dança deve estar articulado com a realidade histórica dos sujeitos, considerando que [...] o contexto dos alunos é um dos interlocutores para fazê-lo pensar a dança, pois garante a relação entre o conhecimento em dança e as relações sociais, políticas e culturais dos mesmos em sociedade.

Aqui destacamos as relações étnico-raciais, amparadas por legislações, por meio da Lei nº 11.645, de 10 março de 2008, que torna obrigatório o estudo da história e cultura indígena e afro-brasileira nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio. Assim, elas estão respaldadas desde os Parâmetros Curriculares Nacionais que visavam a orientar o currículo escolar. Nesse contexto, essas questões já eram sinalizadas:

Todos os grupos sociais e étnicos têm história. Essas histórias são distintas entre si e também distintas do que se convencionou como história do Brasil, no singular. Embora as trajetórias das culturas e etnias no Brasil já façam parte dos conteúdos trabalhados pela escola, com referência aos índios, aos negros, aos imigrantes, o que se propõe são novos conteúdos, que buscam narrar a história do ponto de vista dos grupos sociais que a produziram (BRASIL, 1997, p. 153).

Na contextualização da origem da dança de Siriri, nos deparamos com os povos originários, indígenas e negros, e brancos colonizadores, um verdadeiro “choque cultural”. E esse conhecimento foi repassado aos participantes da pesquisa.

Destacamos também que trabalhar esses conteúdos não é uma opção, uma vez que os documentos que norteiam as práticas educacionais deixam clara a importância de tratar da diversidade e pluralidade cultural, como é apontado no artigo 26 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (BRASIL, 2014):

Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos (BRASIL, 2014, p. 19).

O próximo quadro retrata a seguinte pergunta, “Quais aprendizados durante o projeto você poderia destacar sobre a manifestação cultural da dança de siriri?”

**Quadro 27:** Segunda questão do questionário de saída

<b>2) Quais aprendizados durante o projeto você poderia destacar sobre a manifestação cultural da dança de siriri?</b>	
<b>Estudantes</b>	<b>Respostas</b>
F1.7º	Aprendi a dançar, aprendi sobre a cultura do siriri e também a animação e alegria.
F2.6º	O siriri faz parte da cultura de Mato Grosso, a dança é alegre e cheia de passos legais.
F3.7º	Que o siriri não é somente uma dança normal, o siriri é algo cultural e nos envolve na nossa cultura, é algo que traz uma energia diferente.
F4.7º	O siriri não é somente uma dança, o que muitos pensam, siriri é uma tradição com muitos significados atrás de cada elemento ou cada passo. Tem um verdadeiro sentido muito importante para a história de Mato Grosso.
F5.6º	Eu aprendi várias coreografias diferentes em roda e em fileiras.
F6.6º	A dançar e os instrumentos que nela tem.
F7.6º	Eu aprendi dançar diferente e que a dança não é só prática, também aprendi o significado de cada coisa e aprendi que qualquer pessoa pode dançar.
F8.6º	Aprendi passos legais do siriri. Aprendi a rodar a saia.
F9.6º	Ausente
M1.6º	Nós aprendemos sobre a dança, e vários passos de dança.
M2.7º	Eu aprendi que batemos os pés no chão semelhantes aos indígenas. E novas danças, novos passos e novas coreografias.
M3.6º	Eu aprendi uma dança diferente e aprendi que não é fácil e também cansa muito.
M4.7º	Aprendi passos diferentes e aprendi que o siriri é tradição de Mato Grosso.
M5.7º	Ausente

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Na construção dessa questão, refletimos sobre a assimilação do estudante frente aos conhecimentos teóricos/práticos repassados, bem como o olhar sobre as experiências consideradas marcantes.

Diante das diversas respostas, traremos algumas para a nossa discussão. Nesse contexto, a estudante F1.7º apresenta: “Aprendi a dançar, aprendi sobre a cultura do siriri e também a animação e alegria” e a estudante F3.7º complementa: “Que o siriri não é somente uma dança normal, o siriri é algo cultural e nos envolve na nossa cultura, é algo que traz uma energia diferente”. Ambas fazem referência à característica alegre do Siriri, sua energia e representatividade cultural.

Fazendo referência à essência alegre do Siriri, Grando (2005, p. 39) ressalta: “O Siriri é considerado uma dança que lembra os divertimentos indígenas. [...] a música é simples e bastante alegre”.

Achamos relevante destacar a estudante F4.7º, que apontou “O siriri não é somente uma dança, o que muitos pensam, siriri é uma tradição com muitos significados atrás de cada elemento ou cada passo. Tem um verdadeiro sentido muito importante para a história de Mato Grosso”.

Inicialmente, devemos destacar o olhar da estudante F4.7º, que nunca tinha vivenciado o Siriri, só o conhecia “pelas reportagens”, como mencionado no primeiro questionário, e acabou sendo uma das participantes que mais se envolveram em todas as ações. Da discussão que trazemos frente à sua resposta, remetemos à simbologia que o Siriri carrega em todas as suas manifestações.

Desse modo, podemos afirmar que a estudante compreendeu que uma dança vai muito além da movimentação e dos passos. A dança carrega uma história e é patrimônio, identidade, forma de expressão e carrega saberes construídos por um povo ao longo de sua existência (BRAYNER, 2012).

O quadro seguinte evidencia a pergunta “Quais foram suas maiores dificuldades ou algo que te desafiou?”

**Quadro 28:** Terceira questão do questionário de saída

<b>3) Quais foram suas maiores dificuldades ou algo que te desafiou?</b>	
<b>Estudantes</b>	<b>Respostas</b>
F1.7º	Eu senti dificuldade em me apresentar para as pessoas, mas depois acabei gostando.
F2.6º	No início foi tudo difícil, mas com o tempo os passos foram ficando mais fáceis.

F3.7º	Achei difícil girar a saia em deslocamento. Também achei complicado a troca de par e ter que me acostumar com diferentes pessoas em uma coreografia bem dinâmica.
F4.7º	No início da minha participação tudo me desafiava, inclusive os passos da dança, contudo, na medida do avanço das oficinas o que antes me desafiava já não me desafiava mais, foi se acabando.
F5.6º	Minhas maiores dificuldades no começo foi tudo e depois essas dificuldades foram se acabando, no momento, minha maior dificuldade é o giro da saia.
F6.6º	Minhas maiores dificuldades foram aprender a mexer a saia, fazer o giro e realizar o passo lateral.
F7.6º	As minhas dificuldades foram fazer os giros e os passos que são rápidos.
F8.6º	O lidar com a saia, por ser muito comprida, então bater a saia, girar ela é bem difícil.
F9.6º	Ausente
M1.6º	Apresentar no Senai, por conta do público diferente.
M2.7º	Apresentar coreografias e passos novos.
M3.6º	Apresentar em lugares diferentes.
M4.7º	Apresentar fora da escola foi desafiador
M5.7º	Ausente

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Ao elaborarmos essa questão, refletimos sobre os maiores desafios dos estudantes frente às atividades desenvolvidas em todo o projeto “Conhecendo a dança de Siriri na escola”.

No projeto, como já trazido em capítulo específico, desenvolvemos oficinas de dança de Siriri com aulas práticas e teóricas. Nas aulas, os participantes tiveram contato com as vestimentas típicas, com instrumentos, tiraram fotos, fizeram vídeos, e, durante o processo, surgiram momentos para que os alunos se apresentassem, dentro e fora da escola. Ou seja, foram diversos momentos e situações vivenciadas por eles.

Diante da reflexão exposta, discutiremos sobre a resposta da estudante F4.7º que expressou: “No início da minha participação tudo me desafiava, inclusive os passos da dança, contudo, na medida do avanço das oficinas o que antes me desafiava já não me desafiava mais, foi se acabando”.

O corpo se torna dançante, mas, para dançar, é necessário sentir a música, ter consciência corporal, noção de espaço e tempo, ter ritmo e coordenação motora, se expressar corporalmente, e essas habilidades podem demorar um pouco para serem assimiladas. É uma consciência artística que muitas pessoas têm dificuldade de acessar. Contudo, com o tempo, prática e dedicação, essas habilidades que são inatas aos seres humanos serão assimiladas, e o corpo dançará.

Conforme os apontamentos de Dantas (1999), a dança é uma experiência do corpo em movimento, é uma expressão das habilidades motoras humanas, é uma expressão artística que ocorre no corpo humano, transformando o movimento em arte, é uma experiência estética que proporciona vivência e resultados.

Muitas respostas ficaram em torno das saias de Siriri, como apresentada pela estudante F6.6º “Minhas maiores dificuldades foram aprender a mexer a saia, fazer o giro e realizar o passo lateral”.

Ferraz et al. (2006) descreve sobre o traje típico do Siriri tradicional, evidenciando sobre as indumentárias utilizadas na dança de siriri raiz, dançado até hoje em algumas comunidades rurais e ribeirinhas de Mato Grosso.

Não existe um traje especial para se dançar o siriri visto que ele pode ser tocado em qualquer festa ou reunião; com a roupa que a pessoa estiver, ela dançará. A roupa então, será de festa ou de passeio. Quando a mulher vai a festa e tem certeza de que ela vai dançar o siriri, geralmente ela dá preferência à saia mais rodada, que vai lhe dar mais mobilidade e vai surtir um efeito mais bonito na dança (FERRAZ et al., 2006, p. 14).

Durante as oficinas, os alunos tomaram conhecimento do siriri tradicional, mas optamos por usar um traje parecido com o de grupos organizados de siriri, que são os que aparecem na televisão e nas páginas das redes sociais na internet.

Nesse contexto, Ferraz et al. (2006) aborda:

Atualmente existem vários grupos organizados que dançam o siriri em apresentações públicas, usando para a ocasião uma espécie de uniforme. Esses grupos preferem usar para o traje feminino: saia rodada, babados na saia e na blusa, estampas florais alegres ou tecidos lisos em cores mais vivas. Os homens vestem camisas padronizadas, com o mesmo tecido dos vestidos das damas ou cores que combinam com esses, e todos vestem calças de uma mesma cor (FERRAZ et al., 2006, p. 14).

Certamente, a primeira imagem que vem à cabeça dos mato-grossenses quando eles pensam em dança Siriri é a das mulheres com as saias em movimento

ou abertas, seguradas lateralmente com ambas as mãos e braços estendidos. Típicas da dança de Siriri, essas saias podem chegar a ter até 10 metros de comprimento, são bem rodadas e coloridas para manter um efeito estético.

Sobre a consideração da estudante F2.6º “No início foi tudo difícil, mas com o tempo os passos foram ficando mais fáceis”, destacamos que sabendo que cada pessoa possui um tempo para aprender, utilizamos de certos recursos que auxiliaram na didática, como assistir a vídeos de dança de Siriri, por exemplo, o que ajudou no processo de aprendizagem.

Com a utilização de recursos didáticos diferentes, é possível tornar as aulas mais dinâmicas, de modo a oportunizar que os alunos que estão em construção de conhecimento compreendam e assimilem melhor os conteúdos.

Souza (2007) pontua:

[...] utilizar recursos didáticos no processo de ensino aprendizagem é importante para que o aluno assimile o conteúdo trabalhado, desenvolvendo sua criatividade, coordenação motora e habilidade de manusear objetos diversos que poderão ser utilizados pelo professor na aplicação de suas aulas (SOUZA, 2007, p.112; 113).

Consideramos relevante destacar que houve repetidas respostas como a do estudante, M4.7º “Apresentar fora da escola foi desafiador”, no sentido de evidenciar o desafio que foi sair do espaço escola para se apresentar.

Diante do exposto, consideramos que o momento de apresentação de dança de Siriri dos alunos fora da escola foi riquíssimo, pois, além de possibilitar um momento de superação, de troca, foi um momento de reconhecimento das pessoas que os assistiram. Os estudantes foram muito aplaudidos e receberam muitas felicitações, além do reconhecimento da gestão escolar.

Para Alves (2017), toda essa experiência de estar em um ambiente diferente com circulação de pessoas, cheio de memórias e histórias, fortalece as identidades:

Acreditamos, desta maneira, que nossa identidade é constituída de todas as nossas experiências de vida e estão necessariamente ligadas aos ambientes em que as vivemos. Lugares que evocam, de alguma maneira, partes destas memórias compartilhadas, lugares com identidade própria, conferida pelos habitantes ou usuários destes ambientes e a forma como estes se interrelacionam (ALVES, 2017, p. 6).

A quarta e última questão do questionário de saída traz a seguinte pergunta: “O que achou do projeto, conhecendo a dança de siriri na escola?”

**Quadro 29:** Quarta questão do questionário de saída

4) O que achou do projeto “Conhecendo a dança de siriri na escola”?	
Estudantes	Respostas
F1.7º	Muito legal, divertido, aprendi bastante danças. O que chamou a minha atenção foi o momento com as saias e gostei das apresentações.
F2.6º	Foi maravilhoso aprender uma dança da nossa cultura.
F3.7º	Ótima, além de poder conhecer mais a dança eu pude socializar mais com meus colegas, e me ocupar mais, sair um pouco da rotina.
F4.7º	Eu gostei de participar dessa experiência, pela animação, entretenimento e poder demonstrar um pouco da nossa cultura.
F5.6º	Eu gostei muito da dança, da apresentação e da cultura do siriri.
F6.6º	A dança siriri, dançar siriri muito bem.
F7.6º	Eu gostei muito do giro, eu gostei mais da apresentação e o momento mais importante, pois o ensaio serviu para apresentar.
F8.6º	Eu gostei muito do siriri. Acho interessante e quando começo a dançar me sinto livre.
F9.6º	Ausente
M1.6º	Eu achei o siriri incrível, a dança é legal, eu achei os passos legais.
M2.7º	Eu achei muito bom, porque conheci novos amigos, novos passos, novas danças. E gostei de sair para apresentar.
M3.6º	Eu gostei mais da apresentação e quando estava ensaiando os passos
M4.7º	Gostei muito de me apresentar com outros alunos da escola.
M5.7º	Ausente

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Ao elaborarmos a última questão do questionário, provocamos os estudantes, por meio dessa pergunta, a refletirem momentos vivenciados nas oficinas e descreverem as situações de que mais gostaram.

Para essa discussão, trazemos as seguintes estudantes, F3.7º “Ótima, além de poder conhecer mais a dança eu pude socializar mais com meus colegas, e me ocupar mais, sair um pouco da rotina”. Outro estudante também relatou que o convívio contribuiu para novas amizades, como evidenciamos: “Eu achei muito bom, porque

conheci novos amigos, novos passos, novas danças” (M2.7º). E gostei de sair para apresentar.

Giffoni (1973, p. 24) aponta “Sob o ponto de vista da sociabilidade, uma das metas da educação moderna, a dança contribui para o desenvolvimento da amizade e do companheirismo”.

Toneli (2007) ressalta outros benefícios da dança além da promoção social. Considera, ainda, a relação da dança com a saúde, entre outros valores:

Sua prática apresenta vários benefícios e auxilia na conquista e/ou melhora da Qualidade de Vida, isso porque é uma atividade física de baixo impacto que promove a saúde, trabalha na melhoria da autoestima e tem um importante papel no desenvolvimento da socialização e integração entre os indivíduos (TONELI, 2007, p. 54).

Trazemos também a estudante F8.6º, que revela: “Eu gostei muito do siriri. Acho interessante e quando começo a dançar me sinto livre”. Nota-se uma expressão poética na descrição “me sinto livre”, quando ela começa a dançar, que pode também ser uma manifestação de alegria.

Nota-se igualmente o entusiasmo e a alegria na resposta da aluna F2.6º “Foi maravilhoso aprender uma dança da nossa cultura”.

Barreto (2004, p. 01) ressalta: “Dançar... um dos maiores prazeres que o ser humano pode desfrutar. Uma ação que traz uma sensação de alegria, de poder, de euforia interna e, principalmente de superação dos limites dos seus movimentos”.

Destacamos também a fala da aluna: “F4.7º Eu gostei de participar dessa experiência, pela animação, entretenimento e poder demonstrar um pouco da nossa cultura”. Evidencia-se, aqui, a essência cultural e os momentos de animação que a dança de Siriri propicia.

Para Laban (1990), a dança é uma das formas pelas quais todos os povos exprimem sua cultura, sua relação com a natureza e com os homens.

É fato que são enormes as contribuições da dança na vida de quem se propõe vivenciá-la e, certamente, os estudantes participantes do projeto “conhecendo a dança de siriri na escola” conheceram, de uma forma íntima, a dança Siriri, aprenderam a dançar e se apropriaram dela.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizar um trabalho não significa necessariamente que se esgotaram as indagações, tampouco quer dizer que se chegou a uma conclusão definitiva, muito menos quando se trata de manifestação cultural que se mantém viva, dinâmica, que se constrói e se ressignifica.

Pensando em toda minha trajetória percorrida até aqui, assim como em um relacionamento afetivo, onde não é no começo que conhecemos as pessoas, mas sim, no decorrer do processo, nesta pesquisa não foi diferente.

Recordo-me de que uma das minhas principais inquietações, no início da pesquisa, era o fato de a dança de Siriri não se fazer presente em diversas partes do estado, mesmo a dança tendo tanta representatividade e visibilidade, sendo inclusive respaldada pelo documento de Referência Curricular para Mato Grosso, com a sua presença quase que restrita à capital Cuiabá e aos municípios próximos.

Contudo, foi só olhar um pouco além para enxergar o multiculturalismo presente em Mato Grosso. Um estado formado por vários grupos étnicos, onde pessoas de várias culturas se misturaram com os nativos desta terra.

Diante de toda essa pluralidade cultural existente neste estado, a ideia de “resgate” da cultura popular e de “fortalecimento da nossa identidade” poderia ter sido “dissolvida”. Isso porque o estudante que vive na fronteira de Mato Grosso pode achar o Siriri tão “estrangeiro” quanto a “Cumbia” boliviana ou o “Tango” argentino.

Para Marques (2012, p. 48), “o processo de globalização muitas vezes não nos permite realmente distinguir o que é ou não legitimamente ‘brasileiro’ hoje em dia”.

Por outro lado, uma das grandes experiências que a pesquisa, mesmo que indiretamente, me proporcionou foi a oportunidade de me aproximar de grupos de Siriri e, com eles, me apresentar em municípios de Mato Grosso, distantes de Cuiabá, alguns, inclusive, próximos de fronteiras com outros estados.

Essa experiência me fez presenciar a admiração e o reconhecimento das pessoas desses lugares pelo Siriri, o que fez ecoar palavras de orgulho como “O Siriri é tradição de Mato Grosso”, “O Siriri é nosso”, “A nossa cultura é linda”. Ressalto que, em uma dessas oportunidades, presenciei crianças de uma escola apresentando o Siriri. Algo que eu nunca imaginaria que pudesse acontecer em um município tão distante da capital do estado.

Destaco novamente o objetivo geral deste estudo que é “possibilitar o trato pedagógico dos conhecimentos da dança de Siriri em uma escola pública de Mato Grosso”. Reitero, ainda, o problema, “quais as possibilidades na aplicação da dança de Siriri em um contexto escolar com alunos que podem ou não se identificar como parte da cultura popular local?”

Tendo em vista a execução do projeto desenvolvido “Conhecendo a dança de Siriri na Escola”, acreditamos que cumprimos com o objetivo proposto neste estudo, assim como respondemos à indagação trazida pelo problema.

Ao propormos um projeto na escola ao invés de desenvolver a pesquisa nas aulas de Educação Física, pensamos que, pela temática escolhida, seria necessário o aluno querer viver essa experiência. Desse modo, eles se permitiram viver uma proposta didática de possibilidades da dança de Siriri.

Obtivemos diversas respostas dos estudantes, tais como: “Conheci novos amigos”, “Quando começo a dançar me sinto livre”, “Eu gostei mais da apresentação”, “Eu achei o siriri incrível”, onde talvez, em um contexto de sala de aulas, com todos os alunos, não teríamos.

Pensar em tratar da dança de Siriri na escola não é tarefa fácil (na verdade nenhuma dança é), pois torna-se necessário romper barreiras como: pré-conceitos, negação, pudor, doutrinas religiosas etc. e, quando se trata de uma dança da cultura popular, somam a avassaladora cultura de massa, a globalização e os meios tecnológicos como agentes dificultadores. Contudo, a experiência cultural pode ser surpreendentemente prazerosa e enriquecedora.

A Cultura é um patrimônio da humanidade, e a Constituição Federal brasileira garante a todos o pleno exercício dos direitos culturais e o acesso às fontes da cultura nacional, além de resguardar apoio e incentivo à difusão das manifestações culturais.

Nesse contexto, a escola se torna um lugar propício para o fortalecimento de elementos culturais, por ser um ambiente rico em diversidades.

Este estudo propôs o trato da dança de Siriri como prática pedagógica relevante a ser desenvolvida nas escolas de Mato Grosso, sobretudo, nas aulas de Educação Física.

Por meio das análises dos resultados obtidos, constatamos que, ao se depararem com os conhecimentos e as vivências da dança de Siriri, os estudantes se aproximaram e se identificaram com a cultura popular local.

Este estudo emerge da necessidade de mais trabalhos publicados sobre a cultura local, inclusive sobre estratégias para se ensinar danças nas aulas de Educação Física, uma vez que foram encontrados poucos materiais de estudo com essa temática, tais como: monografias, dissertações, artigos, livros e outros.

Como já mencionado, durante a pesquisa, aproximei-me ainda mais de associações culturais e grupos de Siriri, utilizando essa experiência como um “laboratório”, onde pude conversar com mestres da cultura popular e artistas diversos, nesse contexto, assisti o Siriri se apresentar em grandes teatros. Locais esses que antes só eram acessados pela cultura erudita. Isso me fez pensar se algum dia a cultura popular (que atinge a maioria das pessoas) terá o mesmo reconhecimento comercial que a cultura erudita (que atinge a minoria).

Assumir-se como ser inacabado é uma virtude necessária para os professores. Freire nos ensinou a enxergar o aluno como elemento chave no processo de ensino aprendizagem, e a nossa prática pedagógica tentou se aproximar desses ensinamentos (FREIRE, 2001).

O ponto negativo que poderíamos destacar na pesquisa foi o pouco interesse dos alunos para participarem do projeto, uma vez que foi projetada, inicialmente, a participação de 24 estudantes dos 6º e 7º anos, sendo 12 meninos e 12 meninas. No entanto, compareceu um número abaixo do esperado para participação, e somente 14 estudantes concluíram as ações.

A pouca procura de estudantes para participação no projeto pode indicar falta de identificação com a dança de Siriri. Sendo assim, só os que se permitiram ter essa experiência se mostraram interessados em conhecer mais sobre a cultura local.

Esta pesquisa foi apenas um ensaio de um trabalho que pode vir a ser muito maior, envolvendo mais sujeitos, inclusive mais professores, de modo a gerar um trabalho interdisciplinar, e conseqüentemente, teria um alcance maior. Ficará a ideia para pesquisas futuras. De pesquisadores que, assim como eu, acreditam na transformação pelos meios culturais da arte, do esporte e da educação.

Esse curso de mestrado oportuniza o aprimoramento da prática pedagógica do professor. Para quem quer sair da rotina e buscar algo melhor, o PROEF se mostra como mais um meio para nos desenvolvermos enquanto profissionais.

A dança de Siriri se faz como um conteúdo relevante a ser tratado nas aulas de Educação Física ou mesmo em projetos da escola. Isso por ser um tema que

contribui para desenvolver no estudante valores e compreensão da preservação e fortalecimento da cultura local. Contudo, muitas dificuldades precisam ser enfrentadas pelos professores para que haja uma mudança cultural a respeito da Educação Física na escola, que ainda se confunde com prática de esportes e com um momento de lazer sem necessidade de orientação.

Dessa forma, precisamos fortalecer os demais conteúdos da Educação Física para que tenham mais espaço na disciplina e para que os estudantes presenciem diversas vivências. Na perspectiva de entendermos que a Educação Física Escolar introduz e integra o estudante na cultura corporal de movimento, entendemos que é possível formar o cidadão que vai produzi-la e reproduzi-la.

Diante de todo o respaldo que a dança de Siriri tem no estado de Mato Grosso, podemos afirmar que sua presença nas escolas depende unicamente da vontade do professor, que assim como em qualquer outro conteúdo, mesmo que não tenha domínio sobre o tema, pode utilizar diversos recursos disponíveis, como imagens e vídeos, para, assim, contextualizar a dança em seu planejamento de aulas.

Faz-se necessário que professores possibilitem aos seus alunos acesso às memórias e à história da cultura local, para que eles sejam capazes de apropriarem-se dessa cultura e, assim, tornem-se importantes aliados no processo de conservação e fortalecimento dos bens culturais.

Por fim, as ações da pesquisa na escola se mostram enriquecedoras, na medida em que os estudantes participantes perceberam de forma positiva essa experiência.

## 7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, M. E.. **Informática e formação de professores**. Brasília: Ministério da Educação, 2000.

ALVES, Ana Claudia Nunes. **Identidade do Lugar e Memória: o papel do afeto na preservação e uso de espaços públicos**. Fórum Habitar. Belo Horizonte, 2017. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/327317884\\_Identidade\\_do\\_lugar\\_e\\_memoria\\_o\\_papel\\_do\\_afeto\\_na\\_preservacao\\_e\\_uso\\_de\\_espacos\\_publicos](https://www.researchgate.net/publication/327317884_Identidade_do_lugar_e_memoria_o_papel_do_afeto_na_preservacao_e_uso_de_espacos_publicos). Acesso em: 20 jan. 2023.

ANDRADE, Marcelo (Org.). **A diferença que desafia a escola**. Quartet, 2009.

BAPTISTELLA, Rosana. **Cultura: Secretaria do Estado da Cultura, série alfabetização e cidadania**, Cuiabá 1995.

BARRETO, Débora. **Dança: ensino, sentidos e possibilidades na escola**. Campinas: Autores Associados, 2004.

BARROS, Lidiane. **Siriri e Cururu: Explosão de ritmos e cores**. /Reis Rai: Carlini e Caniato Editorial. Cuiabá/MT, 2013.

BEHRENS, Maria Aparecida. **Metodologia de Projetos: Aprender e Ensinar para a Produção do Conhecimento numa Visão Complexa**. In: TORRES, Patricia Lupion, org. *Metodologias para a Produção do Conhecimento: da Concepção à Prática*. Curitiba, 2015.

BETTI, Mauro. **Educação Física escolar: ensino e pesquisa-ação**. 2. ed.- Ijuí: Ed. Unijuí, 2013.

BOSI, Ecléa. **Cultura de massa e cultura popular**. *Leituras de operárias*. Petrópolis, Vozes, 1972.

\_\_\_\_\_. **Problemas ligados à cultura das classes pobres**. In *A cultura do povo*. Valle, Edênio et alii São Paulo, Cortez e Moraes, 1979.

BRACHT, V.; ALMEIDA, F. **A política de esporte escolar no Brasil: a pseudovalorização da educação física**. *Rev. Bras. Cienc. Esporte*, v. 24, n. 3, p. 87–101, maio 2003.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução CNS nº 510, de 07 de abril de 2016. especificações sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais [dispõe sobre as normas aplicáveis em Ciências Humanas e Sociais]. **Diário Oficial da União**, nº 98. 24 maio 2016.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. Brasília, DF: MEC, 1996.

\_\_\_\_\_. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei número 9394, 20 de dezembro de 2014.

\_\_\_\_\_. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física**. Brasília, DF: SEF/MEC, 1997.

\_\_\_\_\_. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC/CONSED/UNDIME, 2018.

BRAYNER, Natália Guerra. **Patrimônio Cultural Imaterial: para saber mais**. 3. ed. Brasília, DF: Iphan, 2012.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** 1ª. ed. Rio de Janeiro, Zahar, 2005.

CAMACHO, O. T. **Atenção a Diversidade e Educação Especial**. In: STOBAUS, C. D.; MOSQUERA, J. J. M. (Orgs.). Educação Especial: em direção à educação inclusiva. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

CAMPOS, Josilda Eva de. **Secretaria de Cultura. Patrimônio Cultural e a Modernidade**. Cuiabá: SEC, 1997.

CAMPOS, Neide da Silva. **Há Fogo Sobre as Brasas? Sentido das Práticas Culturais Populares na Educação Escolar**. 2011, 115 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2011.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Folclore do Brasil**. São Paulo: Fundo de Cultura, 1967.

CARVALHO, José Jorge de. **‘Espetacularização’ e ‘canibalização’ das culturas populares na América Latina**. Revista ANTHROPOLOGICAS, ano 14, vol.21 (1): 39-76 (2010). Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaanthropologicas/article/viewFile/23675/19331>. Acessado em: 06/02/2023.

CAVALCANTI, Maria Laura. **Entendendo o folclore**. Texto de divulgação feito para o Museu de Folclore Edison Carneiro/ CNFCP, 2008. Disponível em: <https://marialauracavalcanti.com.br/2020/01/28/entendendo-o-folclore/#:~:text=As%20no%C3%A7%C3%B5es%20de%20folclore%20e,estudos%20do%20folclore%20no%20Brasil>. Acessado em: 06 fev. 2023.

CHAER Galdino; DINIZ Rafael Rosa Pereira; RIBEIRO Elisa Antônia. **A técnica do questionário na pesquisa educacional**. Evidência, Araxá, v. 7, n. 7, p. 251-266, 2011. Disponível em: [http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/maio2013/sociologia\\_artigos/pesquisa\\_social.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/maio2013/sociologia_artigos/pesquisa_social.pdf). Acesso em 02 fev. 2023.

COLÉGIO BRASILEIRO DE CIÊNCIA DO ESPORTE – CBCE. **Sobre a Dança na Base Curricular Comum (BNCC) da Educação Física Escolar: Contribuições de Grupos de Trabalhos Temático (GTTs) do CBCE**. 2015. Disponível em: [http://www.cbce.org.br/upload/biblioteca/GTTS\\_DANCA\\_TEMA\\_EF\\_BASES\\_CURRICULARES\\_13\\_12\\_2015%20A.pdf](http://www.cbce.org.br/upload/biblioteca/GTTS_DANCA_TEMA_EF_BASES_CURRICULARES_13_12_2015%20A.pdf). Acesso em 28 jun. 2021.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino da Educação Física**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

CRUZ, Vilma Aparecida Gimenes da. **Pesquisa em educação**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2011.

DANTAS, Mônica Fagundes. **Dança: o enigma do movimento**. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

DAOLIO, Jocimar. **Educação Física e o conceito de cultura**. (Coleção polêmicas do nosso tempo). Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

\_\_\_\_\_. **A antropologia social e a educação física: possibilidades de encontro**. In: CARVALHO, Y. M. de; RUBIO, K. (Org.). Educação física e ciências humanas. São Paulo: Hucitec, 2001.

DEL - MASSO, M. C. S.; COTTA, M. A. C.; SANTOS, M. A. P. **Instrumentos e técnicas de pesquisa**. São Paulo: AVA Moodle Une sp [EduTec], 2014. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/handle/unesp/155305>. Acesso em 03 fev. 2023.

FAUSTINO, Erzila Miranda; CAMPOS, Mari C. Costa. **Tradição, Cultura e Fé, guiado por uma Estrela**. Várzea Grande/MT: Editora Lenice, 2010.

FERRAZ, Ana Maria Borges; ESTRADA, Dalva Gonçalves; MORENO Sonia Maria França; SANTOS, Vera Lúcia Lopes Vieira (Orgs.). **Coleção Cadernos de Cultura/Siriri**. Secretaria Municipal de Cultura. Cuiabá: Central de texto, 2006.

FERREIRA, João Carlos Vicente. **Mato Grosso e seus municípios**. Cuiabá: Secretaria do Estado de Cultura, 1977.

FIGUEIREDO, V. M. C. de. **A dança, a escola e seus diferentes espaços e tempos**. Dança, Salvador, v. 2, n. 2, p. 81-92, jul./dez. 2013.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

FRANCO, M. A. S. **Pedagogia da pesquisa-ação. Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 483-502, dec. 2005. ISSN 1678-4634. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-97022005000300011>. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a11v31n3.pdf>. Acesso em: 02 jan. 2023.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e terra, 2001.

FREITAS, Fátima e Silva de. **A diversidade cultural como prática na educação**. 1ª ed. Curitiba: IBPEX, 2011.

GAIO, Roberta; ALMEIDA, Cleuza; SIMÕES, Regina; BELO, Ana Zélia; PASCOAL, Mirian; MOREIRA, Wagner. **Ginástica e dança: no Ritmo da Escola**. São Paulo: Fontoura. Autores Associados, 2010.

GARIBI, Maria Stalliviere; FRANZONI, Ana. **Dança escolar: uma possibilidade na Educação Física**. Revista Movimento, Porto Alegre, v. 13, n. 02, p. 155-171, maio/ago. 2007.

GASPARI, T. C. Dança In: DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. **Educação física na escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Kooga,. 2005.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (Orgs.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre, RS: UFRGS, 2009.

GIFFONI, Maria Amália Corrêa. **Danças Folclóricas Brasileiras**. 3 ed. Cativas. São Paulo, 1973.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GRANDO, Beleni Saléte. **Cultura e dança em Mato Grosso**. Cuiabá, MT: Unemat Editora, 2005.

\_\_\_\_\_ (org.). **Corpo, Educação e Cultura**. Tradição e saberes da cultura mato-grossense. Cáceres, MT: Editora Unemat, 2007.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mt/>. Acesso em: jan. 2023.

KENSKI, V. M.. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. (Série Prática Pedagógica). 2. ed. Campinas: Papyrus, 2004.

KETELE, J.; ROEGIERS, X. **Méthologie du recueil d'informations: fondements de méthodes d'observation de questionnaires, d'interviews et d'étude de documents**. 2. ed. Bruxelles: De Boeck Universisté, 1993.

LABAN, R.V. **Dança Educativa Moderna**. São Paulo: ícone, 1990.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2019.

LANGER, Susanne K. **Sentimento e forma**. São Paulo: Perspectiva, 1980.

LANKSHAER, C.; KNOBEL. M. **Pesquisa Pedagógica. Do projeto à implementação**. Porto Alegre, Artmed, 2008.

LEWIN, Kurt. **Action research and minority problems**. Journal of Sociological Issues, v. 2, n. 4, p. 34-46, 1946.

\_\_\_\_\_. **Teoria de campo em ciência social**. São Paulo: Pioneira, 1965.

LIMA, ELVIRA SOUZA. **Currículo, Cultura e Conhecimento - Coleção Fundamentos para a Educação**. Ed. Inter Alia. 2007.

LUDKE, MENGA; ANDRÉ, E. D. A. MARLI. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo, EPU, 1986.

MATO GROSSO. **Concepções para educação básica – Documento de Referência Curricular para Mato Grosso**. Secretaria De Estado de Educação, Esporte e Lazer – SEDUC Mato Grosso, 2018.

MARQUES, Isabel. **Dançando na escola**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

MONTEIRO, Gizele de Assis; ARTAXO, Inês. **Ritmo e movimento**. São Paulo: Phorte, 2003.

MOREIRA, Evando Carlos; PEREIRA, Raquel Stoilov (org.). **Boas práticas no ensino da educação física na escola**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2021.

NEIRA, Marcos Garcia. **Práticas corporais: brincadeiras, danças, lutas, esportes e ginásticas**. Rio de Janeiro, Editora: Melhoramentos, 2015.

NEIRA, Marcos Garcia. **O currículo cultural da Educação Física: pressupostos, princípios e orientações**. Revista e-Curriculum, v. 16, n. 1, p. 4-16, 2018.

NOVAS, Celi Minas. **Siriri em Várzea Grande**. Cuiabá-MT: Gráfica Print, 2021.

OLIVEIRA, V. M. de. **O que é Educação Física**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

PEREIRA, S. R. C. et al., **Dança na escola: desenvolvendo a emoção e o pensamento**. Revista Kinesis, Porto Alegre, n. 25, p.60- 61, 2001.

PÁDUA Elisabete Matallo Marchesini de. **Metodologia da pesquisa: abordagem teórico-prática**. Campinas: Papyrus, 1996.

PICCOLO, Vilma Leni Nista. **Ritmo do movimento na criança: ver e perceber**. In: MOREIRA, Wagner Wey (Org.). **Corpo presente**. São Paulo: Papyrus, 1995.

PÓVOAS, Lenine. **Síntese de História de Mato Grosso**. 2. ed. editora Resenha Ltda. Cuiabá, 1992.

RIBEIRO, Patrícia Miranda. **Cultura, trabalho e educação**. Revista Científica FacMais, v. 1, p. 01, 2015. Disponível em: [https://revistacientifica.facmais.com.br/wp-content/uploads/2015/08/artigos/cultura\\_trabalho.pdf](https://revistacientifica.facmais.com.br/wp-content/uploads/2015/08/artigos/cultura_trabalho.pdf). Acessado em: 20 de jan. 2023.

RIBEIRO, Sueli de fátima Xavier. **Memórias com a dança na escola: corpos, identidades e educação intercultural na escola.** (Dissertação - Programa de Pós-Graduação em Educação da UFMT). Cuiabá, 2019.

ROCHA Termisia Luiza. **Viabilidade da utilização da pesquisa-ação em situações de ensino-aprendizagem.** Cadernos da FUCAMP, v.11, n.14, p.12-21/2012.

ROMANELLI, O. **História da educação no Brasil.** Petrópolis-RJ: Vozes, 1978.

SANTOS, Eliane Souza Oliveira; COFFANI, Márcia Cristina Rodrigues da Silva. **A dança nos anos finais do Ensino Fundamental.** In: Evando Carlos Moreira. (org.). A Educação Física na rede municipal de ensino de Cuiabá: uma proposta de construção coletiva. 2ed.Cuiabá: EdUFMT, v. 1, p. 103-114, 2016.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é Cultura?** São Paulo, SP: Brasiliense, 1994.

SANTOS, Giordanna Laura. **A Dança Siriri na contemporaneidade em MT: ressignificações, novas relações e trocas.** (Revista Internacional de Folkcomunicação – Volume 1 – 2011). Disponível em: [https://mapacultural.secult.ce.gov.br/files/agent/26745/o\\_siriri\\_na\\_contemporaneidade\\_-\\_reflex%C3%B5es\\_sobre\\_a\\_espetaculariza%C3%A7%C3%A3o\\_da\\_dan%C3%A7a\\_no\\_festival\\_de\\_cururu\\_e\\_siriri\\_de\\_cuiab%C3%A1.pdf](https://mapacultural.secult.ce.gov.br/files/agent/26745/o_siriri_na_contemporaneidade_-_reflex%C3%B5es_sobre_a_espetaculariza%C3%A7%C3%A3o_da_dan%C3%A7a_no_festival_de_cururu_e_siriri_de_cuiab%C3%A1.pdf). Acessado em: 06 de fev. de 2023.

SARAIVA KUNZ, Maria do Carmo et al. **Improvisação & Dança.** Florianópolis: Ed. UFSC, 1998.

SAVANI, D. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações.** Campinas: Autores associados, 2005.

SBORQUIA, S. P.; GALLARDO, J. S. **As Danças na Mídia e as Danças na Escola.** Revista brasileira de ciências do esporte, Campinas, jan. 2002.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Mozart Linhares da. **A urgência do tempo: novas tecnologias e educação contemporânea.** Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SIQUEIRA, Edevaldo Gonçalves. **Por que não a dança, professores?** (Monografia apresentada no Curso de Licenciatura em Educação Física/UFMT). Cuiabá, 2016.

SNYDERS, G. **Escola, classe e luta de classes.** Lisboa: Moraes Editores, 1981.

SOUSA, R. P.; MOITA, F. M. C.; CARVALHO, A. B. G. **Tecnologias digitais na educação.** Campina Grande: EDUEPB, 2011.

SOUZA, S. E. **O uso de recursos didáticos no ensino escolar.** In: I ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO, IV JORNADA DE PRÁTICA DE ENSINO, XIII

SEMANA DE PEDAGOGIA DA UEM, Maringá, 2007. Arq. Mudi. Periódicos. Disponível em: <http://www.dma.ufv.br/downloads/MAT%20103/2015-II/slides/Rec%20Didaticos%20-%20MAT%20103%20-%202015-II.pdf>. Acessado em: 06 fev. 2023.

SOUZA, Bartira de Sena; SANTANA, Mauro G. dos Santos de. **Cultura popular x cultura de massa**. (Artigo – Universidade Católica de Salvador / BA), 2004. Disponível em: <http://ri.ucsal.br:8080/jspui/bitstream/prefix/2106/1/Cultura%20popular%20x%20cultura%20de%20massa.pdf>. Acessado em: 06 de fev. de 2023.

TAVARES, Isis Moura. **Educação, corpo e arte**. Curitiba: IESDE, 2005.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1986.

\_\_\_\_\_. **Pesquisa-Ação nas Organizações**. São Paulo: Atlas, 1997.

\_\_\_\_\_. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2011.

TONIAL, T. **Dança e Sociabilidade: O Dois-Um em Rondonópolis**. 2007, 63f. Monografia (Licenciatura Plena em História) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Mato Grosso, Rondonópolis, 2007.

TONELI, Poliana D.. **Dança de salão: instrumento para a qualidade de vida no trabalho**. 2007, 81 f. Monografia (Bacharel em Administração) – Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis, Fundação Educacional do Município de Assis, 2007.

TRIPP, D. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-97022005000300009>. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-97022005000300009>. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a09v31n3.pdf>. Acesso em: 2 jan. 2023.

VERDERI, Érica Beatriz Lemes Pimentel. **Dança na Escola**. Rio de Janeiro: Sprint, 1998.

\_\_\_\_\_. **Dança na Escola – uma Proposta Pedagógica**. São Paulo: Phorte Editora, 2009.

ZABALZA, Miguel Antonio. **Qualidade em educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

## APÊNDICE A - CARTA DE APRESENTAÇÃO DA PESQUISA

### Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF)

Várzea Grande, 21 de março de 2022.

**A/C de Luciana Ferreira**

Diretora da Escola Estadual Profª Marlene Marques de Barros

**Prezada Diretora,**

O Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF) da Universidade Federal de Mato Grosso, sob a coordenação do Professor Doutor Evando Carlos Moreira, apresenta e solicita que o mestrando Edevaldo Gonçalves Siqueira realize a coleta de dados para o desenvolvimento do seu trabalho de mestrado nesse estabelecimento de ensino da Rede de Ensino Público Estadual no Município de Várzea Grande-MT, sob orientação da Prof. Dr. **Ana Carrilho Romero Grunennvaldt**. O tema do trabalho é **“A dança de siriri e suas possibilidades na escola: o quanto o aluno se identifica com a cultura popular local?”**

O objetivo do estudo consiste em possibilitar o trato pedagógico dos conhecimentos da dança de siriri em uma escola pública de Mato Grosso como manifestação relevante da cultura local, neste viés, irei desenvolver o projeto “Conhecendo a dança de Siriri na escola” que será destinado à trinta alunos, sendo quinze meninos e quinze meninas, dos sextos e sétimos anos do ensino fundamental, neste irei planejar, implementar e avaliar uma sequência didática capaz de levar aos alunos esses conhecimentos e dessa forma atender ao objetivo apresentado.

Como instrumentos para coleta de dados serão utilizados questionários de entrada e saída com questões semiabertas e observação participante com registro no diário de campo, além de registros de imagens e planejamento das aulas. A coleta de dados se dará em dois momentos: Na primeira etapa, antes do início das oficinas de dança, serão realizadas as aplicações dos questionários de entrada, e no segundo momento, no término das oficinas, serão realizadas as aplicações dos questionários de saída. As oficinas ocorrerão três vezes por semana com duração de 1 hora/aula, compreendendo um total de 15 aulas e/ou 15 horas, desenvolvidas em 5 semanas.

Quanto aos procedimentos: Serão entregues a **Carta de Anuência para Autorização de Realização de Pesquisa**, assim como o **Termo de Assentimento Livre e Esclarecido - TALE** e o **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE**, para os participantes do estudo e seus responsáveis, em seguida ocorrerá a aplicação dos Instrumentos de Coleta de Dados, e por último será realizada à análise dos dados coletados no decorrer da pesquisa. A importante cooperação de V.Sa., ao aceitá-lo, demonstra, sem dúvida alguma, que sua participação nesse trabalho se faz



como fundamental ao processo de formação profissional desse pesquisador e dos integrantes dessa comunidade escolar.

Sua identidade e da instituição da qual faz parte serão preservadas, pois os dados serão apresentados com a maior confiabilidade e fidedignidade possível, mantendo-se em sigilo as informações pessoais dos participantes, conforme determina o rigor científico dos trabalhos acadêmicos previstos na Resolução nº466/2012 CNS/CONEP.

Toda e qualquer dúvida poderá ser solucionada por meio do contato com o docente responsável pela orientação desta pesquisa, Prof. Dr. Ana Carrilho Romero Grunennvaldt (e-mail: anacarrilho12@yahoo.com.br) ou com o pesquisador Edevaldo Gonçalves Siqueira (telefone: 6599286-8739). Agradecemos a colaboração e colocamo-nos a disposição para eventuais esclarecimentos. Atenciosamente,



---

**Edevaldo Gonçalves Siqueira**

Acadêmico do Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional  
(PROEF) da UFMT



---

Prof. Dr. **Ana Carrilho Romero Grunennvaldt**

Orientadora da pesquisa



## **APÊNDICE B - CARTA DE ANUÊNCIA PARA AUTORIZAÇÃO DE REALIZAÇÃO DE PESQUISA**

Ilma. Sra. **Maria Denize Souza Carvalho**

Diretora da Diretoria Regional de Educação DRE/ Várzea Grande/MT

Solicitamos autorização institucional para realização da pesquisa do Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF), da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), do mestrando **Edevaldo Gonçalves Siqueira**, sob orientação da Prof. Dr. **Ana Carrilho Romero Grunennvaldt**, a ser realizada no estabelecimento de ensino **Escola Estadual Profª Marlene Marques de Barros** da Rede de Ensino Público Estadual do município de Várzea Grande - MT, no segundo semestre de 2022, com o tema: **“A dança de siriri e suas possibilidades na escola: o quanto o aluno se identifica com a cultura popular local?”**.

O objetivo do estudo consiste em possibilitar o trato pedagógico dos conhecimentos da dança de siriri em uma escola pública de Mato Grosso como manifestação relevante da cultura local, neste viés, irei desenvolver o projeto “Conhecendo a dança de Siriri na escola” que será destinado à trinta alunos, sendo quinze meninos e quinze meninas, dos sextos e sétimos anos do ensino fundamental, neste irei planejar, implementar e avaliar uma sequência didática capaz de levar aos alunos esses conhecimentos e dessa forma atender ao objetivo apresentado.

Como instrumentos para coleta de dados serão utilizados questionários de entrada e saída com questões semiabertas e observação participante com registro no diário de campo, além de registros de imagens e planejamento das aulas. A coleta de dados se dará em dois momentos: Na primeira etapa, antes do início das oficinas de dança, serão realizadas as aplicações dos questionários de entrada, e no segundo momento, no término das oficinas, serão realizadas as aplicações dos questionários de saída.

Todas as informações obtidas por intermédio dos instrumentos de coleta de dados serão analisadas e discutidas juntamente com o marco teórico levantado no processo de revisão de literatura, relacionando-os de tal modo que se possa encontrar concordâncias ou discordâncias que possam contribuir com a caracterização e fundamentação do objeto de estudo da presente pesquisa. Destaca-se que os dados coletados serão mantidos em absoluto sigilo cumprindo as determinações éticas da Resolução nº 466/2012 CNS/CONEP, conferindo a garantia de solicitar e receber esclarecimentos antes, durante e depois do desenvolvimento da pesquisa. Ressaltamos também que tais dados serão utilizados tão somente para a realização deste estudo. Na certeza de contarmos com a colaboração e empenho desta Coordenadoria, agradecemos antecipadamente a atenção, nos colocando à disposição para quaisquer esclarecimentos que se fizerem necessários.



Várzea Grande, 21 de março de 2022

*Edevaldo Gonçalves Siqueira*

---

**Edevaldo Gonçalves Siqueira**

Acadêmico do Mestrado Profissional em Educação Física - ProEF - Pólo UFMT/Cuiabá/MT

(E-mail: [edevaldo789@gmail.com](mailto:edevaldo789@gmail.com) ou Celular: 65 99286-8739)



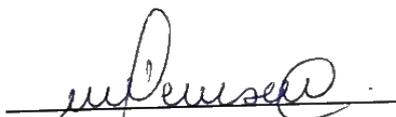
---

Prof. Dr. Ana Carrilho Romero Grunennvaldt

Orientadora da pesquisa

(E-mail: [anacarrilho12@yahoo.com.br](mailto:anacarrilho12@yahoo.com.br))

(X) Concordamos com a solicitação      ( ) Não concordamos com a solicitação



**Maria Denize Souza Carvalho**

Diretora da Diretoria Regional de Educação DRE/ Várzea Grande/MT

*Maria Denize Souza Carvalho*  
Diretora DRE-VG  
Ato nº 002.04/2022

*Edevaldo*

## APÊNDICE C - SOLICITAÇÃO PARA COLETA DE DADOS

Várzea Grande/MT, 21 de março de 2022

Ilma Senhora **Luciana Ferreira**

Diretora da **Escola Estadual Profª Marlene Marques de Barros**

Luciana F. Cruz Costa  
Matrícula: 209833  
Diretora Escolar Biênio 2021/2022  
E.E. Profª Marlene Marques de Barros

Prezada Senhora,

Vimos por meio deste, solicitar a V. S<sup>a</sup>., autorização para que o acadêmico **Edevaldo Gonçalves Siqueira**, do Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional ProEF, da Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT, Polo Cuiabá, sob a orientação da Prof. Dr. **Ana Carrilho Romero Grunennvaldt**. venha realizar sua pesquisa de campo referente à Pesquisa **“A dança de siriri e suas possibilidades na escola: o quanto o aluno se identifica com a cultura popular local?”** No segundo semestre de 2022.

O objetivo do estudo consiste em possibilitar o trato pedagógico dos conhecimentos da dança de siriri em uma escola pública de Mato Grosso como manifestação relevante da cultura local, neste viés, irei desenvolver o projeto “Conhecendo a dança de Siriri na escola” que será destinado à trinta alunos, sendo quinze meninos e quinze meninas, dos sextos e sétimos anos do ensino fundamental, neste irei planejar, implementar e avaliar uma sequência didática capaz de levar aos alunos esses conhecimentos e dessa forma atender ao objetivo apresentado.

Como instrumentos para coleta de dados serão utilizados questionários de entrada e saída com questões semiabertas e observação participante com registro no diário de campo, além de registros de imagens e planejamento das aulas. A coleta de dados se dará em dois momentos: Na primeira etapa, antes do início das oficinas de dança, serão realizadas as aplicações dos questionários de entrada, e no segundo momento, no término das oficinas, serão realizadas as aplicações dos questionários de saída. As oficinas ocorrerão três vezes por semana com duração de 1 hora/aula, compreendendo um total de 15 aulas e/ou 15 horas, desenvolvidas em 5 semanas.

Quanto aos procedimentos: Serão entregues a **Carta de Anuência para Autorização de Realização de Pesquisa**, assim como o **Termo de Assentimento Livre e Esclarecido - TALE** e o **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE**, para os participantes do estudo e seus responsáveis, em seguida ocorrerá a aplicação dos Instrumentos de Coleta de Dados, e por último será realizada à análise dos dados coletados no decorrer da pesquisa. A importante cooperação de V.Sa., ao aceitá-lo, demonstra, sem dúvida alguma, que sua participação nesse trabalho se faz como fundamental ao processo de formação profissional desse pesquisador e dos integrantes dessa comunidade escolar.

Sua identidade e da instituição da qual faz parte serão preservadas, pois os dados serão apresentados com a maior confiabilidade e fidedignidade possível,



mantendo-se em sigilo as informações pessoais dos participantes, conforme determina o rigor científico dos trabalhos acadêmicos previstos na Resolução nº466/2012 CNS/CONEP.

Toda e qualquer dúvida poderá ser solucionada por meio do contato com o docente responsável pela orientação desta pesquisa, Prof. Dr. Ana Carrilho Romero Grunennvaldt (e-mail: [anacarrilho12@yahoo.com.br](mailto:anacarrilho12@yahoo.com.br)) ou com o pesquisador Edevaldo Gonçalves Siqueira (telefone: 6599286-8739). Agradecemos a colaboração e colocamo-nos a disposição para eventuais esclarecimentos. Atenciosamente,



---

**Edevaldo Gonçalves Siqueira**

Acadêmico do Mestrado Profissional em Educação Física - ProEF - Pólo UFMT/Cuiabá/MT

(E-mail [edevaldo789@gmail.com](mailto:edevaldo789@gmail.com) ou Celular: 65 99286-8739)

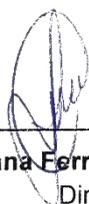


---

**Prof. Dr. Ana Carrilho Romero Grunennvaldt**

Orientadora da pesquisa

(E-mail: [anacarrilho12@yahoo.com.br](mailto:anacarrilho12@yahoo.com.br))



---

**Luciana Ferreira Cruz Costa**  
Diretora

Luciana F. Cruz Costa  
Matricula: 209833  
Diretora Escolar Biênio 2021/2022  
E.E. Profª Marlene Marques de Barros



## APÊNDICE D - ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(Participante menor de idade)

Várzea Grande, 21 de julho de 2022.

**Título do Projeto de Pesquisa:** “A dança de siriri e suas possibilidades na escola: o quanto o aluno se identifica com a cultura popular local?”

**Pesquisador responsável:** Edevaldo Gonçalves Siqueira

**Instituição:** Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT

Prezado aluno (a), você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário (a), de um estudo que está associado as atividades do Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional - ProEF e tem como objetivo **possibilitar o trato pedagógico dos conhecimentos da dança de siriri em uma escola pública de Mato Grosso como manifestação relevante da cultura local.**

Os procedimentos realizados no estudo serão os seguintes: Você deverá entregar o **Termo de Assentimento Livre e Esclarecido - TALE**, assinado por você, e o **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE**, assinado pelo seu responsável. Assim, você participará desta pesquisa que será realizada nas dependências da própria escola onde você se encontra matriculado (a) e na qual o pesquisador é professor de Educação Física. As ações serão realizadas durante o período de participação na oficina “Conhecendo a dança de Siriri na Escola”, no SEGUNDO SEMESTRE DE 2022. Você também deverá participar do preenchimento de questionários de entrada, com 5 perguntas fechadas e abertas, a respeito do seu conhecimento prévio quanto a cultura popular local, e de saída, com 4 perguntas abertas, a respeito do conhecimento adquirido após as vivências nas oficinas, não havendo nenhum custo, pois toda coleta de dados acontecerá durante a sua participação nas oficinas.

O professor realizará anotações referentes aos fatos ocorridos nas aulas, sobre o comportamento dos(as) alunos(as), sobre as suas opiniões em relação ao conteúdo vivenciado e tudo que julgar importante, também serão registradas fotos, gravação de áudios e/ou vídeos dos(as) estudantes. O uso da filmadora e celular é considerado(a) seguro (a), mas é possível que ocorra questões de desconforto, constrangimento ou alterações de comportamento durante gravações de áudio e vídeo, sendo amenizadas com atividades de forma lúdica, como dinâmicas grupais e relatos pessoais. Em casos de adversidades, você será encaminhado(a) à orientação educacional da escola que vai auxiliar você no que for preciso. A sua participação não resultará em nenhum tipo de remuneração financeira e não acarretará custos para você. Caso haja despesas adicionais decorrentes da pesquisa, assim como eventuais



danos relacionados a sua participação, serão de responsabilidade e assumidos pelo pesquisador, além disso o participante tem o direito de buscar indenização nos termos da lei, conforme artigos 9. e 19º da Resolução 510/16 do CNS caso se sinta lesado de alguma maneira.

Os dados obtidos poderão ser publicados em revistas científicas, mas sua identidade será preservada, pois não serão divulgadas informações que permitam sua identificação, nesse sentido cada participante será identificado por pseudônimos, bem como será mantido o sigilo sobre suas informações garantindo sua privacidade. O material coletado ficará disponível para sua consulta em qualquer momento. OS PARTICIPANTES DO ESTUDO TERÃO ACESSO AOS RESULTADOS DA PESQUISA ATRAVÉS DE UM RESUMO IMPRESSO QUE SERÁ ENTREGUE NAS DEPENDÊNCIAS DA ESCOLA A PARTIR DO DIA 05 DE MARÇO DE 2023, LOGO APÓS A CONCLUSÃO DO RELATÓRIO FINAL DA PESQUISA.

Os **Benefícios diretos serão:** Como benefícios diretos, espera-se promover aos alunos participantes da pesquisa, acesso aos bens artísticos e culturais, aspectos de valorização da cultura local, de conhecimento da diversidade cultural, de conhecimento e vivência da manifestação da dança de siriri, bem como, todos os benefícios que a dança promove, tais como: melhora da autoestima, convívio social, autonomia, expressividade e consciência corporal, cuidados com o corpo e com a mente, saúde e bem-estar, entre outros.

Em um plano mais amplo, como **benefícios indiretos**, nos apegaremos ao exposto no Parágrafo III da RESOLUÇÃO Nº 510, DE 07 DE ABRIL DE 2016, no Capítulo I, DOS TERMOS E DEFINIÇÕES, Art. 2, quando define benefícios como: III benefícios: contribuições atuais ou potenciais da pesquisa para o ser humano, para a comunidade na qual está inserido e para a sociedade, possibilitando a promoção de qualidade digna de vida, a partir do respeito aos direitos civis, sociais, culturais e a um meio ambiente ecologicamente equilibrado (BRASIL, 2016, p. 2).

**Os riscos envolvidos** neste estudo serão mínimos: desconforto, cansaço ou possibilidade de constrangimento ao responder os questionários; medo de não saber responder ou de ser identificado; constrangimento ao se expor durante a realização das oficinas de dança; desconforto, constrangimento ou alterações de comportamento durante a captura de imagens e ou por estar sendo filmado (a), ou outras ocorrências que fazem parte do cotidiano das aulas de Educação Física. Para amenizar os riscos, o professor pesquisador realizará dinâmicas grupais e relatos pessoais.

Para que você não se sinta constrangido (a) ou sinta insegurança em responder algumas das perguntas dos questionários, o professor pesquisador esclarecerá que você não será obrigado(a) a responder qualquer pergunta que lhe cause desconforto. Além do mais, ainda estamos convivendo com a pandemia de SARS-CoV-2 (Covid-19), portanto existe a possibilidade de você se contaminar por essa doença em nossas aulas, assim buscaremos seguir todos os protocolos sanitários recomendados pela



Organização Mundial da Saúde (OMS) para minimizar os riscos de contágio como: o uso de máscaras, higienização das mãos com sabão ou álcool em gel e medidas de distanciamento social.

A sua participação é voluntária, portanto, lhe será garantido o direito de participar ou desistir no decorrer da pesquisa sem sofrer nenhum tipo de prejuízo. Ressalta-se que esse documento será emitido em 2 vias e todas as páginas deverão ser rubricadas pelo pesquisador e pelo participante da pesquisa, além disso o participante terá acesso ao registro do consentimento sempre que solicitado. O material coletado ficará disponível para sua consulta e de seus pais ou responsáveis a qualquer momento.

A pesquisa será realizada pelo acadêmico do mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional ProEF da Universidade Federal de Mato Grosso, Polo Cuiabá, **Edevaldo Gonçalves Siqueira** (e-mail: [edevaldo789@gmail.com](mailto:edevaldo789@gmail.com) / Celular: 65 992868739), sob a orientação do **Prof. Dr. Ana Carrilho Romero Grunennvaldt**, e-mail: [anacarrilho12@yahoo.com.br](mailto:anacarrilho12@yahoo.com.br). Toda e qualquer dúvida poderá ser solucionada diretamente por meio dos contatos dos pesquisadores.

**O papel do Comitê de Ética em Pesquisa** é salvaguardar a conduta ética da pesquisa e deverá ser procurado pelo participante da pesquisa apenas para tirar dúvidas e/ou apresentar denúncia sobre a conduta ética da pesquisa. ESTA PESQUISA FOI SUBMETIDA AO SISTEMA CEP/CONEP GERANDO O CERTIFICADO DE APRESENTAÇÃO DE APRECIÇÃO ÉTICA (CAAE) Nº 59856322.8.0000.5690, SENDO ASSIM, QUALQUER DÚVIDA OU DENÚNCIA SOBRE OS ASPECTOS ÉTICOS DESTA PESQUISA, O PARTICIPANTE PODERÁ ENTRAR EM CONTATO com o **Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Área das Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Mato Grosso, CEP /Humanidades/UFMT**, pelo telefone (65) 3615-8935 ou pelo E-mail: CEPHUMANIDADES.PROPEQ@UFMT.BR. Coordenadora: Profa. Dra. Rosângela Kátia Sanches Mazzorana Ribeiro, Endereço: Andar Térreo – sala 102 – Instituto de Educação – Universidade Federal de Mato Grosso. HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO DO CEP DAS 8:00 ÀS 12:00 HORAS E DAS 14:00 ÀS 18:00 HORAS (neste período de pandemia o CEP Saúde está atendendo somente de forma online).

O Comitê de Ética em Pesquisa – CEP, é composto por profissionais de diferentes áreas e tem como missão proteger e defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

Solicitamos A AUTORIZAÇÃO PRÉVIA DOS PAIS OU RESPONSÁVEIS para a realização deste estudo e para produção de artigos técnicos e científicos. Caso aceite assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma via será entregue ao participante e outra via será arquivada pelo pesquisador por cinco anos.



Agradecemos desde já sua atenção e colocamo-nos à disposição para eventuais esclarecimentos.



Edevaldo Gonçalves Siqueira

**Nome do Pesquisador**

\_\_\_\_\_  
**Assinatura do Pesquisador**

Confirmo que li as informações contidas neste termo de assentimento, que tive a oportunidade de fazer perguntas e estou satisfeito com as explicações fornecidas, decidindo participar voluntariamente do estudo.

Várzea Grande/MT, .....de ..... de 2022.

\_\_\_\_\_  
**Nome do(a) aluno(a) participante  
participante**

\_\_\_\_\_  
**Assinatura do(a) aluno(a)**



**APÊNDICE E - CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO  
(PAIS OU RESPONSÁVEIS)**

Várzea Grande - MT, 21 de julho de 2022

Estamos convidando seu filho (a) menor de idade, para participar de uma pesquisa a ser realizada na Escola Estadual Prof<sup>a</sup> Marlene Marques de Barros, no segundo semestre de 2022, com o tema “**A dança de siriri e suas possibilidades na escola: o quanto o aluno se identifica com a cultura popular local?**”. Para tanto, necessitamos o seu consentimento.

A pesquisa tem como objetivo, possibilitar o trato pedagógico dos conhecimentos da dança de siriri em uma escola pública de Mato Grosso como manifestação relevante da cultura local.

Trata-se de uma pesquisa empírica, com trabalho de campo, pois baseia-se na experiência e na observação do trabalho do professor.

Serão utilizados como instrumentos de coleta de dados, questionário de entrada, com 5 perguntas fechadas e abertas a respeito do conhecimento prévio do aluno quanto a cultura popular local, e o questionário de saída, com 4 perguntas abertas, a respeito do conhecimento adquirido após a vivência na oficina “Conhecendo a dança de Siriri na escola”. A pesquisa será realizada nas dependências da Escola a qual seu filho (a) encontra-se matriculado (a). O dia e o horário serão previamente agendados junto à direção da escola.

SERÁ PROPICIADO NA APLICAÇÃO DOS QUESTIONÁRIOS O MÁXIMO DE PRIVACIDADE E CONFORTO AOS ESTUDANTES PESQUISADOS. DURANTE AS AULAS OCORRERÃO REGISTROS COM IMAGENS E VÍDEOS FEITOS PELO CELULAR DO PESQUISADOR, BEM COMO ANOTAÇÕES DO COMPORTAMENTO DOS ALUNOS DIANTE DO PROPOSTO. TODAS AS INFORMAÇÕES OBTIDAS POR INTERMÉDIO DOS INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS SERÃO ANALISADAS E DISCUTIDAS JUNTAMENTE COM O MARCO TEÓRICO LEVANTADO NO PROCESSO DE REVISÃO DE LITERATURA, RELACIONANDO-OS DE TAL MODO QUE SE POSSA ENCONTRAR CONCORDÂNCIAS OU DISCORDÂNCIAS QUE POSSAM CONTRIBUIR COM ESTA PESQUISA.

Os **Benefícios diretos serão:** Como benefícios diretos, espera-se promover aos alunos participantes da pesquisa, acesso aos bens artísticos e culturais, aspectos de valorização da cultura local, de conhecimento da diversidade cultural, de conhecimento e vivência da manifestação da dança de siriri, bem como, todos os benefícios que a dança promove, tais como: melhora da autoestima, convívio social,



autonomia, expressividade e consciência corporal, cuidados com o corpo e com a mente, saúde e bem-estar, entre outros.

Em um plano mais amplo, como **benefícios indiretos**, nos apegaremos ao exposto no Parágrafo III da RESOLUÇÃO Nº 510, DE 07 DE ABRIL DE 2016, no Capítulo I, DOS TERMOS E DEFINIÇÕES, Art. 2, quando define benefícios como: III benefícios: contribuições atuais ou potenciais da pesquisa para o ser humano, para a comunidade na qual está inserido e para a sociedade, possibilitando a promoção de qualidade digna de vida, a partir do respeito aos direitos civis, sociais, culturais e a um meio ambiente ecologicamente equilibrado (BRASIL, 2016, p. 2).

**Os riscos envolvidos** neste estudo serão mínimos: desconforto, cansaço ou possibilidade de constrangimento ao responder os questionários; medo de não saber responder ou de ser identificado; constrangimento ao se expor durante a realização das oficinas de dança; desconforto, constrangimento ou alterações de comportamento durante a captura de imagens e ou por estar sendo filmado (a), ou outras ocorrências que fazem parte do cotidiano das aulas de Educação Física. Para amenizar os riscos, o professor pesquisador realizará dinâmicas grupais e relatos pessoais. No caso de intercorrências, o professor se responsabilizará pelos primeiros socorros e seguirá o protocolo padrão da escola: ligará para os responsáveis e encaminhará o estudante ao pronto atendimento, caso seja necessário.

Os estudantes também poderão sentir-se constrangidos ou inseguros para responder algumas das perguntas dos questionários, portanto o professor pesquisador deixará o estudante ciente de que não precisará responder qualquer pergunta que lhe cause constrangimento ou insegurança. Considera-se também, que os participantes da pesquisa possam se sentir desconfortáveis ou tímidos, afinal o professor pesquisador realizará anotações referentes as observações sobre as aulas, relatando o comportamento dos alunos, suas opiniões em relação ao conteúdo vivenciado e, eventualmente, o professor-pesquisador pode considerar relevante obter registros através de fotos, gravação de áudios e/ou vídeos.

De acordo com o Conselho Nacional de Saúde (Resolução 466/2012 e a resolução 510/2016), esse estudo não apresenta procedimentos invasivos, além disso, considera-se que os riscos oferecidos são mínimos. Será garantido aos participantes a preservação de suas identidades. Será fornecido aos responsáveis das crianças participantes um Registro de Consentimento Livre e Esclarecido (CLE) e um Registro de Assentimento Livre e Esclarecido as crianças participantes (ALE).

Além do mais, ainda estamos convivendo com a pandemia de SARS-CoV-2 (Covid-19), portanto existe a possibilidade dos alunos se contaminarem por essa doença em nossas aulas, portanto, buscaremos seguir todos os protocolos sanitários recomendados pela Organização Mundial da Saúde (OMS) para minimizar os riscos de contágio como: o uso de máscaras, higienização das mãos com sabão ou álcool em gel e medidas de distanciamento social.



A participação do aluno não resultará em nenhum tipo de remuneração financeira e não acarretará custos para você ou para ele. Caso haja despesas adicionais decorrentes da pesquisa, assim como eventuais danos relacionados a participação do seu filho, serão de responsabilidade e assumidos pelo pesquisador, além disso o participante tem o direito de buscar indenização nos termos da lei, conforme artigos 9. e 19º da Resolução 510/16 do CNS, caso se sinta lesado de alguma maneira. A sua participação é voluntária, portanto, lhe será garantido o direito de participar ou desistir no decorrer da pesquisa sem sofrer nenhum tipo de prejuízo.

Você também poderá retirar o consentimento a qualquer momento. Ressalta-se que esse documento será emitido em 2 vias e todas as páginas deverão ser rubricadas pelo pesquisador e pelo participante da pesquisa, além disso o participante terá acesso ao registro do consentimento sempre que solicitado.

Os dados obtidos poderão ser publicados em revistas científicas, mas não serão divulgadas informações que permitam a identificação do seu filho, pois cada participante será identificado por pseudônimos, bem como, será mantido o sigilo sobre suas informações garantindo sua privacidade. O material coletado ficará disponível para sua consulta em qualquer momento.

A pesquisa será realizada pelo acadêmico do mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional ProEF da Universidade Federal de Mato Grosso, Polo Cuiabá, **Edevaldo Gonçalves Siqueira** (e-mail: [edevaldo789@gmail.com](mailto:edevaldo789@gmail.com) / Celular: 65 992868739), sob a orientação do **Prof. Dr. Ana Carrilho Romero Grunennvaldt**, e-mail: [anacarrilho12@yahoo.com.br](mailto:anacarrilho12@yahoo.com.br). Toda e qualquer dúvida poderá ser solucionada diretamente por meio dos contatos dos pesquisadores.

**O papel do Comitê de Ética em Pesquisa** é salvaguardar a conduta ética da pesquisa e deverá ser procurado pelo participante da pesquisa apenas para tirar dúvidas e/ou apresentar denúncia sobre a conduta ética da pesquisa. ESTA PESQUISA FOI SUBMETIDA AO SISTEMA CEP/CONEP GERANDO O CERTIFICADO DE APRESENTAÇÃO DE APRECIÇÃO ÉTICA (CAAE) Nº 59856322.8.0000.5690, SENDO ASSIM, QUALQUER DÚVIDA OU DENÚNCIA SOBRE OS ASPECTOS ÉTICOS DESTA PESQUISA, O PARTICIPANTE PODERÁ ENTRAR EM CONTATO com o **Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Área das Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Mato Grosso, CEP /Humanidades/UFMT**, pelo telefone (65) 3615-8935 ou pelo E-mail: [CEPHUMANIDADES.PROPEQ@UFMT.BR](mailto:CEPHUMANIDADES.PROPEQ@UFMT.BR). Coordenadora: Profa. Dra. Rosângela Kátia Sanches Mazzorana Ribeiro, Endereço: Andar Térreo – sala 102 – Instituto de Educação – Universidade Federal de Mato Grosso. HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO DO CEP DAS 8:00 ÀS 12:00 HORAS E DAS 14:00 ÀS 18:00 HORAS (neste período de pandemia o CEP Saúde está atendendo somente de forma online).



O Comitê de Ética em Pesquisa – CEP, é composto por profissionais de diferentes áreas e tem como missão proteger e defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

Solicitamos a sua autorização para a realização deste estudo e para produção de artigos técnicos e científicos. Caso aceite assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma via será entregue ao participante e outra via será arquivada pelo pesquisador por cinco anos. Agradecemos desde já sua atenção e colocamo-nos à disposição para eventuais esclarecimentos.

Agradecemos desde já sua atenção!

*Edevaldo Gonçalves Siqueira*

Pesquisador responsável: **Edevaldo Gonçalves Siqueira**

**CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO**

Eu, \_\_\_\_\_, RG/CPF \_\_\_\_\_, abaixo assinado, concordo que meu filho (a) participe do estudo “ **A dança de siriri e suas possibilidades na escola: o quanto o aluno se identifica com a cultura popular local?**” como participante da pesquisa. Fui informado (a) sobre a pesquisa e seus procedimentos e, todos os dados a seu respeito, não deverão ser identificados por nome em qualquer uma das vias de publicação ou uso. Foi-me garantido que posso retirar o consentimento a qualquer momento.

Li e entendi este termo de consentimento e concordo em liberar meu filho (a) a participar da pesquisa.

Várzea Grande/MT, ..... de ..... de 2022.

Nome do responsável: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

*Edevaldo*

## APÊNDICE F - TERMO DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR

Eu, Edevaldo Gonçalves Siqueira, comprometo-me a cumprir as resoluções 466/12 e 510/16 do CNS, para a realização da presente pesquisa. Somente iniciarei a coleta/produção dos dados após a aprovação final (com a emissão do parecer de “Aprovado”) do projeto A dança de siriri e suas possibilidades na escola: o quanto o aluno se identifica com a cultura popular local? Pelo sistema CEP/CONEP.

Comprometo-me a encaminhar os relatórios parcial (com periodicidade semestral, a cada 6 meses) e relatório final (em até 60 dias da finalização do projeto de pesquisa, com a apresentação dos resultados), conforme cronograma referido no Projeto de Pesquisa.

Informo que disponho da estrutura necessária (física e material) para a realização deste projeto e que garantirei que os benefícios resultantes do projeto retornem aos participantes da pesquisa, seja em termos de retorno social, acesso aos procedimentos, produtos ou agentes da pesquisa, conforme preconiza a Norma Operacional CNS 001/2013.

Data: 11/07/2022

Nome do pesquisador: *Edevaldo Gonçalves Siqueira*

Assinatura do pesquisador:



---

(será aceita também assinatura digital ou eletrônica)



## APÊNDICE G - TERMO DE AUTORIZAÇÃO/ANUÊNCIA INSTITUCIONAL

Solicito anuência/autorização para realização do projeto de pesquisa “A dança de siriri e suas possibilidades na escola: o quanto o aluno se identifica com a cultura popular local?”, do pesquisador Edevaldo Gonçalves Siqueira, do Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional/PROEF, da Universidade Federal de Mato Grosso.

Informo que a coleta/produção de dados será realizada no período de 30/11/22 a 30/11/22.

Solicito, ainda, autorização para uso de infraestrutura física para realização da pesquisa, a saber, pátio da escola ou sala de aula e caixa de som, necessária para realização da oficina “Conhecendo a dança de siriri na escola”.

Informo que o(a) pesquisador(a) se compromete a:

1. Iniciar a coleta de dados somente após a aprovação final do protocolo de pesquisa pelo Sistema CEP/CONEP. Informo que este projeto será avaliado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos das áreas de ciências humanas e sociais da Universidade Federal de Mato Grosso – CEP/Humanidades/UFMT, em relação a análise ética.
2. Obedecer às disposições éticas de proteger os participantes da pesquisa, garantindo-lhes o máximo de benefícios e o mínimo de riscos possíveis.
3. Assegurar a privacidade das pessoas citadas nos documentos institucionais e/ou contatadas diretamente, de modo a proteger suas imagens, bem como garantir que não utilizará as informações coletadas em prejuízo dessas pessoas e/ou da instituição, respeitando deste modo as Diretrizes Éticas da Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, nos termos estabelecidos nas Resoluções N° 466/12 e N° 510/16 do CNS.

Como benefício para a instituição, após a finalização do projeto de pesquisa, o pesquisador encaminhará o relatório final (em até 60 dias da finalização do projeto de pesquisa), com a apresentação dos resultados.

Data: 11/07/2022

Nome do pesquisador: *Edevaldo Gonçalves Siqueira*

Assinatura do pesquisador:

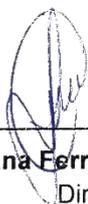
*Edevaldo Gonçalves Siqueira*

*Edevaldo*

Eu, Luciana Ferreira, Diretora da Escola Estadual Profª Marlene Marques de Barros, autorizo a realização da pesquisa conforme solicitado acima.

Data: 11/07/2022

Assinatura e carimbo institucional:



---

**Luciana Ferreira** Cruz Costa  
Diretora

Luciana F. Cruz Costa  
Matricula: 209833  
Diretora Escolar Biênio 2021/2022  
E.E. Profª Marlene Marques de Barros



## APÊNDICE H - ROTEIRO DE AULAS

Várzea Grande - MT, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2022.

**DESENVOLVIMENTO:** Aplicação e tematização de 15 aulas de forma teórico-práticas.

**UNIDADE TEMÁTICA:** Dança de siriri

**OBJETO DE CONHECIMENTO:** Danças regionais e folclóricas de Mato grosso.

**CONTEÚDOS:** Origem da dança de siriri, Instrumentos e vestimentas típicas, Musicalidade, Figuras lendárias, Siriri tradicional e siriri espetáculo (estilizado), Passos básicos (passinho de índio, frente e trás e lateral), Variações de passos (evolução dos passos básicos), Experimentação de coreografias em roda e fileiras, Construção coreográfica.

**Habilidades Específicas da Educação Física - Ensino Fundamental: Documento DRC/MT**

- **(EF69EF12.1MT)** Analisar as características (ritmos, gestos, coreografias e músicas) das danças de salão, regionais, folclóricas e circulares bem como suas transformações históricas e os grupos de origem.
- **(EF69EF12.2MT)** Analisar e diferenciar os tipos de dança, valorizando e respeitando os sentidos e significados atribuídos a elas por diferentes grupos sociais, bem como suas transformações históricas e os grupos de origem.

**RECURSOS MATERIAIS:** Caixa de som, celular, saias típicas e chapéu de palha.

**AValiação:** Serão utilizados como Instrumentos de Avaliação a Roda de Conversa e o Diário de Campo.

## APÊNDICE I - QUESTIONÁRIO DE ENTRADA

Com o objetivo de coletar dados para a pesquisa intitulada “**A dança de siriri e suas possibilidades na escola: o quanto o aluno se identifica com a cultura popular local?**”. Segue abaixo o questionário com 5 perguntas abertas e fechadas para alunos do 6º e 7º anos do Ensino Fundamental. Participantes da oficina “A dança de siriri na escola”.

Várzea Grande - MT, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2022.

1. O que você compreende sobre cultura?

- ( ) Conjunto de regras estabelecidas por um líder;
- ( ) Relações de apego que temos com tudo o que é comprado.
- ( ) É tudo o que o homem deixa de produzir, deixa de fazer e deixa de pensar.
- ( ) Conjunto de tradições, crenças e costumes de determinado grupo social.

2. Em sua opinião, quais as características do povo mato-grossense?

---

---

---

---

3. O siriri está presente em sua comunidade? Já conhece a dança? Se sim, de onde, Comente.

---

---

---

---

4. Quais desses instrumentos pertencem a manifestação da dança de siriri?

- A) ( ) Pandeiro, atabaque e berimbau;
- B) ( ) Violão, viola e violino;
- C) ( ) Viola de cocho, mocho e ganzá;
- D) ( ) Sanfona, zabumba e triângulo.

5. O que te chamou a atenção para a participação desse projeto e o que espera aprender?

---

---

---

---

---

## APÊNDICE J - QUESTIONÁRIO DE SAÍDA

Com o objetivo de coletar dados para a pesquisa intitulada “**A dança de siriri e suas possibilidades na escola: o quanto o aluno se identifica com a cultura popular local?**”. Segue abaixo o questionário com 4 perguntas abertas para alunos do 6º e 7º anos do Ensino Fundamental. Participantes da oficina “A dança de siriri na escola”.

Várzea Grande - MT, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2022.

- 1) Acredita que o siriri faz parte da identidade do mato-grossense? Comente.

---

---

---

---

- 2) Quais aprendizados durante o projeto você poderia destacar sobre a manifestação cultural da dança de siriri?

---

---

---

---

- 3) O que achou da experiência com a dança de siriri?

---

---

---

---

- 4) Quais foram suas maiores dificuldades ou algo que te desafiou?

---

---

## APÊNDICE K - FICHA DE OBSERVAÇÃO DO PARTICIPANTE

FICHA DE OBSERVAÇÃO			
<b>Professor: Edevaldo Gonçalves Siqueira</b>			
<b>Escola: Profª Marlene Marques de Barros</b>			
<b>Componente Curricular: Educação Física</b>		<b>Etapa: Ensino Fundamental</b>	
<b>Série/Ano: 6º e 7º</b>	<b>Turma:</b>	<b>Duração: 60 min.</b>	<b>Ano: 2022</b>
<b>Unidade Temática: Dança de siriri</b>			
<b>Objeto de conhecimento:</b>			
<b>Data:</b>			
<b>Atividade proposta:</b>			
Destaque o momento em que os alunos tiveram maior interesse e participação na aula?			
Quais as maiores dificuldades apresentas pelos alunos no decorrer da aula?			
Algum caso específico que chamou a atenção?			
Observações gerais do pesquisador:			